



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro Biomédico
Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro

Ivan Felipe Fernandes Gomes

**O VALOR DAS VIDAS: as representações a partir da desconstrução da
colonialidade**

Rio de Janeiro
2024

Ivan Felipe Fernandes Gomes

O VALOR DAS VIDAS: as representações a partir da desconstrução da colonialidade.

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética aplicada e Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em regime de associação com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Fundação Oswaldo Cruz e a Universidade Federal Fluminense. Área de Concentração: Bioética e Ética Aplicada

Orientador: Prof. Dr. Marcelo José Derzi Moraes

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CB/C

G633 Gomes, Ivan Felipe Fernandes

O VALOR DAS VIDAS: as representações a partir da desconstrução da
colonialidade / Ivan Felipe Fernandes Gomes. – 2024.
125 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo José Derzi Moraes

Dissertação (Mestrado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva) – Universidade
do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro em regime de
associação com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Fundação Oswaldo Cruz e a
Universidade Federal Fluminense.

1. Racismo. 2. Sociedades. 3. População Negra. 4. População Branca.
5. Colonialismo. 6. Brasil. I. Moraes, Marcelo José Derzi. II. Universidade do Estado
do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro. III. Título.

CDU 323.14 (81)

Bibliotecária: Julia Franco Barbosa – CRB 7 5945

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Ivan Felipe Fernandes Gomes

O VALOR DAS VIDAS: as representações a partir da desconstrução da colonialidade.

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética aplicada e Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em regime de associação com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Fundação Oswaldo Cruz e a Universidade Federal Fluminense. Área de Concentração: Bioética e Ética Aplicada

Aprovada em 15 de julho de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcelo José Derzi Moraes (Orientador)

Faculdade de Educação - UERJ-FFP

Prof. Dr. Fábio Borges

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Adriano Negriz Santos

Faculdade de Educação - UERJ-FFP

Rio de Janeiro

2024

RESUMO

GOMES, Ivan Felipe Fernandes. **O VALOR DAS VIDAS:** as representações a partir da desconstrução da colonialidade. 2024. 125 f. Dissertação (Mestrado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em regime de associação com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Fundação Oswaldo Cruz e a Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2024.

O trabalho tem como foco perceber os fantasmas e espectros presentes na sociedade brasileira e como estes promovem rastros possíveis de encontrar dentro da sociedade colonial, imperial e da primeira república brasileira, esses mesmos fantasmas e espectros se mostram em um devir carne na atualidade em preconceitos raciais, no privilégio branco, nas diferentes formas de tratamento e comoção social para corpos brancos e não brancos, e afetam de forma conjuntural a estrutura psíquica dos indivíduos na sociedade.

Palavras-chave: racismo; branquitude; comoção; desconstrução da colonialidade; Racismo.

ABSTRACT

GOMES, Ivan Felipe Fernandes. **THE VALUE OF LIVES:** representations based on the deconstruction of coloniality. 2024. 125 f. Dissertação (Mestrado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em regime de associação com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Fundação Oswaldo Cruz e a Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2024.

The work focuses on perceiving the ghosts and specters present in Brazilian society and how these promote traces possible to find within the colonial, imperial society and the first Brazilian republic, these same ghosts and specters are shown in a flesh becoming today in racial prejudices, in white privilege, in the different forms of treatment and social commotion for white and non-white bodies, and affect the psychic structure of individuals in society in a conjunctural way

Keywords: Racism. Whiteness; commotion; deconstruction of coloniality; Racism.

DEDICATÓRIA

Dedico a minha amada vó Maria da Penha que já não está mais entre nós.

Dedico também a minha mãe ao meu padrasto, por sempre me apoiarem nos estudos, e por me motivarem a não desistir diante das adversidades.

Dedico ao meu irmão André Marcio que tem minhas vitórias como dele assim como eu tenho as dele como minhas.

E uma dedicatória especial ao meu afilhado Gustavo que infelizmente teve sua ida prematura dessa vida e que no seu processo de luto a temática desta dissertação se fez grito dentro de mim, grito este que fez tantas ressonâncias que me fez ver a condição do luto de pessoas negras em nosso país, percebendo assim as diferentes formas de tratamento e comoção social.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Vanderléa e Jocemir pelo apoio, educação e subsídio para que eu pudesse concluir, mas esta etapa da minha vida.

Ao meu irmão André Marcio por existir em minha vida.

A minha avó Maria da penha que sempre me nutriu de a carinho e apoio durante a minha trajetória.

Aos meus padrinhos e madrinhas Cacau e Janderson, Leonardo e Marcia, Silvana e Ângela que sempre me apoiaram, me deram carinho, alento, conforto, conselhos e muitas vezes me subsidiaram no meu caminhar educacional. E que são figuras primordiais para que eu tenha mantido forças para perseverar e sanidade mental para continuar nesta minha trajetória.

A todos os meus irmãos, primos, sobrinhos e afilhados por serem uma alegria constante em minha vida.

A Livia Vargas, amiga e companheira de representação discente, que esteve comigo ao longo de todo o mestrado e estará também comigo no doutorado, pela amizade, cumplicidade, zelo e carinho, por todos os momentos de desespero no qual gentilmente esteve comigo a me confortar e incentivar e também pelas broncas sempre honestas e precisas, obrigado por se tornar uma pessoa inestimável em minha vida.

A Jairly Símplicio, amigo que chegou em minha vida, por quem nutro admiração e carinho, parceiro intelectual de uma generosidade inestimável, seja nas contribuições acadêmicas e parcerias de escrita, seja no carinho cotidiano que habita seu coração.

A Mirian Teresa, a primeira pessoa que tive contato no mestrado, de uma inteligência e modéstia única, sempre presente em minha vida nos momentos felizes e tristes, uma segunda mãe que o mestrado me possibilitou.

A Carmém Vasconcellos (Cacá), amiga de todas as horas e risos, uma das pessoas com o coração mais bondoso e gentil que conheci na vida, seu sorriso e alegria sempre contagiaram nossos encontros, agradeço por sua existência minha amiga.

A João Paulo Ignacio e Jéssica Castro companheiros da representação do doutorado, amigos e parceiros com quem eu tive a honra de trilhar, aprender, produzir, rir, chorar e muitas das vezes confidenciar, pessoas que me mostraram não só inteligência e competência, mas humanidade e amizade, obrigado por trilharem comigo esse caminho.

Aos companheiros do mestrado e do doutorado que me ajudaram tanto no amadurecimento acadêmico, quanto na parceria de projetos trabalhos e amizade para a vida, Fernanda Canaan, Fabiana Rocha, Eliete Teodoro, Jairly Símplicio, João Paulo Ignacio, Jéssica Castro, Patricia Sefarty, Rener Busso, Lina Nunes, Leila Nagib, Isabel Arello e Airlen, .

Aos meus amados professores e orientadores de graduação Dr. (a) Priscilla Leal, Dr. (a) Patrícia Elaine e pós-graduação Pablo Dias Fortes e Osmar Soares da Silva Filho pelo carinho e apoio, e pela generosidade de compartilhar comigo seus conhecimentos e saberes.

Um agradecimento especial ao meu orientador Dr. Marcelo José Derzi Moraes, a quem agradeço pelo estímulo e confiança nesse processo de mestrado, e que possibilitou a partir dos seus questionamentos desde a graduação e no decorrer do mestrado a debates que hoje enriquecem meu repertório de debate.

Agradeço a minha Banca de Qualificação Dr. Marcelo José Derzi Moraes, Dr. Rafael Haddock Lobo e Dr. Adriano Negris Santos, pelas pontuações e contribuições para esta dissertação.

Agradeço a minha banca de defesa Dr. Marcelo José Derzi Moraes, Dr. Adriano Negris Santos e Dr. Fábio Borges do Rosario.

Agradeço aos amigos Cosme Leite e Suellen de Paula pelo carinho, conforto, e ajuda inestimável com a transcrição dos meus infinitos fichamentos, sem os quais este trabalho não teria sido feito.

A Lucas dos Anjos, Mirian Teresa e Lívia Vargas pela ajuda na revisão do texto.

Agradeço a CAPES pela bolsa de mestrado, sem a qual eu não conseguiria ter dado prosseguimento ao mestrado.

Logo, estendo meus agradecimentos a todos que de alguma forma, direta ou indiretamente, contribuíram e me apoiaram na realização deste trabalho.

O sonho continua

A voz do Martin ecoou nas ruas, está provado que o sonho continua, hoje em dia rap denuncia e atua, versando um samba sim o sonho perpetua, mas na verdade pra vencer tem que lutar, eu reverbero o King pra fazer justiça, vou nesse canto pra chegar e te disser, que esse papo de racista é nada haver, nada haver, nada haver, nada haver, nada haver. Tudo haver, é cantar para King com swing, respeitar os povos foi o que ele disse, foi o que ele disse, o que mais me preocupa não é o grito dos maus é o silêncio dos bons, então chega junto, chega junto gente boa que é pra mudar o mundo e nossas crianças esquecer o racismo irmão.

É isso aí mano negão, fala pro povão de todos os tons, que também me preocupa não é o grito dos maus, mas o silêncio dos bons, chega junto, chega junto gente boa e não fica aí parado à toa que nem um dois de paus, sonhe mais, sonhe mais em alto em alto astral. Sonhe mais, sonhe mais em altos graus, sonhe mais que a voz do King ecoa, sonhe mais, sonhe mais em altos graus, sonhe mais que a voz do King ecoa.

A voz do Martin ecoou nas ruas, está provado que o sonho continua, hoje em dia rap denuncia e atua, versando um samba sim o sonho perpetua, mas na verdade pra vencer tem que lutar, eu reverbero o King pra fazer justiça, vou nesse canto pra chegar e te disser, que esse papo de racista é nada haver, nada haver, nada haver, nada haver, nada haver.

Não matarás a força de um pensamento, verso um rap com samba, pois eu tenho argumento aí, você pensou que nos matando, matava o discurso, eu quero a paz e tenho um sonho segundo o percurso, a voz do Martin é Marielle hoje no Brasil, como se fosse Luther King morta por fuzil, infelizmente o ser humano tem esses defeitos, que quer te eliminar do jogo pra ganhar dinheiro.

Falou guerreiro sangue bom com o coração como King dizia, eu digo que por aqui está faltando Abdias, Lélia Gonzalez, Tereza Santos, Antônio Pompeu e outros tantos, tudo gente boa que não ficava parado à toa.

Sonhe mais, sonhe mais em altos graus, sonhe mais que a voz do King ecoa, sonhe mais, sonhe mais em altos graus, sonhe mais que a voz do King ecoa.

Juju Ferreirah, Martinho da Vila e Rappin' Hood.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Tabela do tráfico transatlântico de escravos.....	27
Figura 2	Primeira versão de O choque das raças. 1926.....	44
Figura 3	O presidente negro.....	45
Figura 4	Outdoor Bem-vindo à República de Curitiba.....	52
Figura 5	Adesivo de carro mulheres sendo laçadas por boiadeiro.....	62
Figura 6	Adesivo de carro de boiadeiro se preparando para laçar uma mulher, exaltando em palavras o teor sistemático da técnica aplicada.....	62
Figura 7	Barbara, Paco e Preta.....	68
Figura 8	Otavio e Raí.....	68
Figura 9	Foto da imagem utilizada na vinheta da novela Da cor do pecado.....	69
Figura 10	Redenção de Cam 1895, artista Modesto Brocos.....	72
Figura 11	Pintura a óleo em homenagem a Narciso do pintor Caravaggio pintada por volta de 1597 e 1599.....	81
Figura 12	Trabalho doméstico no Brasil.....	93
Figura 13	Infográfico Emprego doméstico.....	94
Figura 14	Print da reportagem Polêmica dos meninos loiros.....	96
Figura 15	Postagem do Mendigato nas redes sociais.....	102
Figura 16	Infográfico Atlas da violência 2023.....	109

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior
CEP	Código de Endereçamento Postal
CLT	Consolidação da Leis do Trabalho
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
FIOCRUZ	Fundação Osvaldo Cruz
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSPIR	Instituto Interamericano Sindical pela Igualdade Racial
MPB	(Música Popular Brasileira)
PRP	Partido Republicano Paulista (PRP)
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TCR	Teoria Crítica da Raça
TEN	Teatro Experimental do Negro
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	12
1	CONTEXTO HISTÓRICO RACIAL BRASILEIRO.....	24
1.1	Racismo à Brasileira.....	25
1.2	Legislações e leis racializadas.....	36
1.3	Educação eugênica e seus fantasmas que espectram o presente.....	41
2	MISCIGENAÇÃO BRASILEIRA, CONTORNOS E DESAFIOS.....	55
2.1	A técnica espectral do estupro colonial.....	56
2.2	Será que o pecado tem cor?.....	66
3	PORQUÊ NARCISO ACHA FEIO O QUE NÃO É ESPELHO?.....	78
3.1	Indignação narcísica como operador para releitura de injustiças na história brasileira.....	86
3.2	O privilegio no que tange a comoção e tratamento social para com a Branquitude brasileira na mídia hegemônica.....	95
4	QUAL É CARNE MAIS BARATA DO MERCADO?.....	104
	CONCLUSÃO.....	112
	REFERÊNCIAS	115

INTRODUÇÃO

Um dia, eu sonhei
 Que teria um país melhor
 Que teria um momento menos cruel
 Do que aquele de mil novecentos e setenta
 Que eu conheci muito bem
 Foi muito amargo
 Então a gente fica muito amedrontado, perdido
 Para que a gente possa ver o momento melhor
 Mulheres assassinadas
 A justiça, por favor
 Onde o negro vai chegar
 Onde a mulher vai chegar
 A gente não sabe
 É muito duro a gente ficar nessa
 Nessa incerteza do amanhã, né
 Eu que sou mulher muito otimista
 Mas nesse momento eu fico pensando
 Meu Deus
 Será que a gente não vai ter um momento melhor
 Do que estar pedindo justiça
 Justiça, justiça pelo amor de Deus
 Justiça
 Um momento cruel para que isso não vire estatística, gente
 Pelo amor de Deus, vamos acordar
 Vamos ter consciência na nossa luta
 Porque ela não para
 Eu nunca disse que a luta tinha terminado
 Muito pelo contrário
 Eu disse que nós estávamos vivendo um momento de luta
 E que a luta não tinha terminado, entendeu?
 Aqui fica o meu pedido, simples, honesto
 De uma mulher lutadora
 De uma mulher negra
 Que sabe que pra chegar aqui, o quanto foi difícil
 Justiça
 Justiça, pra nossa negritude
 Pras nossas mulheres
 Justiça

Elza Soares¹

¹ Este trabalho terá o formato de um texto acadêmico com início, meio e fim, com pressupostos, método, argumentação, citações, contraditório e todas as especificidades que um trabalho acadêmico necessita, pois como bem lembra Moraes, o jogo é jogado. Porém, como forma de tentar transgredir pelo menos um pouco farei uso de músicas, poesias literatura com o intuito de desconstruir de alguma forma, a “forma” e a colonialidade presente nesta estrutura. As músicas presentes neste trabalho e algumas outras que inspiraram a composição do mesmo estão disponíveis na playlist no spotify: < <https://open.spotify.com/playlist/1JMh2kyomW013AmEl2FvP4?si=5aa0c97a8aff4cf9> > acessado em 14/11/2023. Logo lanço mão dos meus mais velhos para abrir os caminhos dessa escrita, escrita incorporada por muitos outros e nesse passo eu apenas como um pouco a partir dos ombros de outros tantos gigantes que vieram atrás de mim, pois nossos passos vêm de longe e de longe vem ganhando força, vitalidade, energia, axé e presença. E nesse toque de tambor, Oxalufam do alto de sua velhice me traz sabedoria, Iansã com seu vigor e insubmissão me traz força, Iemanjá me traz calma e destreza para argumentar nos momentos certos, Oxum me traz visão através dos seus espelhos para desviar das armadilhas, Nanã me traz criação e não deixa que meus joelhos se dobrem em vão, seus filhos Oxumarê e Omulu, me trazem transformação e cura, Xangô me traz o senso de justiça, Ogum me

Este trabalho parte de um anseio do “não querer”, apesar de achar importante advogar a partir da potência, pois nela se encontra a mudança para o futuro porvir. No ponto que ainda estamos na nossa sociedade ainda é preciso partir do não querer: mais violência; não querer mais que o racismo estruture nossa forma de conviver em sociedade; não querer que pessoas sejam demonizadas, estratificadas, violentadas, preteridas por sua crença religiosa; não querer que pessoas sejam assassinadas em nossa sociedade como um todo, mas percebendo que o racismo e a necropolítica vão matar mais corpos pretos do que não pretos; não querer mais que pessoas sejam expulsas de suas moradias em comunidades por causa do racismo religioso; não querer mais que crianças sejam barradas ou agredidas na escola por causa da sua religião; entre outros tantos “não querer”.

A história da opressão brasileira em minha visão é composta por três elementos chaves: o esquecimento, o apagamento e a naturalização daquilo que é hediondo e por isso se faz vergonha. O Brasil tem essa predisposição de esquecer, apagar ou naturalizar tudo aquilo do que pode envergonhar-se, e nesse tocante que começamos a dialogar. O racismo é uma vergonha que desde a formação do Brasil tentou-se naturalizar, e em algumas épocas se conseguiu e em outras, quando não mais foi possível naturalizar, tentou-se esquecer. Porém, os axiomas na sociedade impregnados não possibilitaram tal artimanha por tanto tempo. Então, se resolveu apostar no apagamento, que surgiu para camuflar os conflitos, apaga-se uma perspectiva do racismo científico e tenta engendrar a ideia da miscigenação harmônica e a democracia racial; apaga-se o racismo e se tenta propagar uma ideia do homem cordial; apaga-se o racismo e tenta colocar a meritocracia por si só; apaga-se o racismo e ao fim podemos disfarçar os privilégios, os genocídios, os preconceitos, os autoritarismos e por aí se vai. Tratando apenas dos sintomas não enfrentamos os verdadeiros problemas da nação, pois, ao enfrentar devemos reconhecer, ao reconhecer devemos nos responsabilizar pela nossa parcela de culpa, e ao fazê-lo exigisse ainda a mudança e a reparação. Em nossa sociedade ainda é gestado o medo de ouvir o que o sujeito negro tem a dizer, tem medo de ouvir as dores promovidas pela branquitude, assim como Kilomba nos lembra:

O medo de ouvir o que possivelmente poderia ser revelado pelo sujeito Negro pode ser articulado com a noção psicanalítica de repressão, uma vez que a repressão “consiste em afastar algo e mantê-lo à distância do consciente”. (Freud 1923, p.17). Este é o processo pelo qual certas verdades só podem existir (na profundidade do oceano, bem lá no fundo) no inconsciente, bem longe da superfície – devido à ansiedade extrema, culpa ou vergonha que elas causam. Imaginem um iceberg flutuando na água azul, todas as verdades reprimidas ainda estão lá, porém imersas e

traz a técnica e a vivacidade para guerrear, Exú me traz o devir passado, presente e futuro nas encruzilhadas por onde vagueia.

reprimidas na profundidade. Ou seja, o sujeito sabe, mas quer tornar (e manter) o conhecido, desconhecido. “Eu não entendo...” “Eu realmente não me lembro...” “Eu não acredito...” “Eu acho que você está exagerando...” “Eu acho que você é demasiado sensível...” Estas são expressões deste processo de repressão, pelas quais o sujeito resiste, insistido em tornar a informação inconsciente, consciente – e mais ainda, mantendo-a como um segredo. (KILOMBA, 2016, p.2)

É preciso entender que o passado é legado dos que viveram e não há possibilidade de mudança e que no presente se encontra a potência, aquela que no começo eu disse preferir, pois, nela se encontra a essência para a mudança e a reparação para um mundo mais justo, igualitário, equânime, equitativo que ainda hoje não podemos ter. Porém, a partir de um não querer e na potencialidade do tempo presente que podemos promover a mudança para um futuro melhor que este trabalho dialoga. O racismo possui muitas facetas e tentáculos, e dentro delas existe o racismo espectral ao qual me proponho a dialogar pautado no espírito griot² de Elisa Lucinda que diz:

- Não admito! Minha esperança é imortal!
E eu repito, ouviram?
Imortal!

Sei que não dá pra mudar o começo, mas, se a gente quiser, vai dar pra mudar o final
(LUCINDA, s/d)

Recebendo minha herança conceitual: uma pesquisa no âmbito da desconstrução da colonialidade

Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho, mas eu vim de lá pequenininho, alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho, alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho. Ivone Lara

Recorrendo aos ensinamentos da nossa matriarca do samba, que traz a repetição em seus versos em forma de conselho, irei bem devagarinho e com cuidado onde piso, mas não por medo e sim por respeito, pois, sempre que pisamos em um terreiro novo é sempre bom ir devagar com cautela e com respeito, e é nesse espírito que começo a receber minha herança conceitual. Herança essa que chega em boa hora e com a felicidade de recebê-la e aproveitá-la em vida com quem me ensinou, pois, no espírito do compartilhamento não se precisa partir para o outro receber a herança, nesse movimento a herança é partilhada no dia a dia, a cada conversa,

² Os *griots* são contadores de história, cantores, poetas e musicistas da África Ocidental. São muito importantes para a transmissão dos conhecimentos dentro das culturas de diferentes países africanos, sendo também referidos como *jali* (em mandês), *guewel* (em wolof), *iggawen* (em hassania) ou *arokin* (em ioruba). A oralidade, para eles, é sagrada e transmissora da paz. (MAWON, 2020)

aula, cafezinho, a cada encontro se recebe um pouquinho, e foi assim que eu fui recebendo os ensinamentos da desconstrução, foi tão natural que a lógica espectral já andava comigo sem que eu percebesse. Sabe aquela coisa que você vê em alguém e reconhece como se fosse de família e aí surge a pergunta, de onde vem isso?

A herança desses ensinamentos remonta até o filósofo franco-magrebino ou se preferirem franco-argelino Jacques Derrida (1930-2004), que nos presenteia e nos assombra com a desconstrução, a diferença, a iterabilidade, a repetição e o espectro. Mas quando conheci a desconstrução, ela veio chegando por outros passos, não estou aqui negando a herança derridiana³, só estou a contar como pisei neste terreiro de possibilidades. E nesse ponto me lembro sempre do que outro mestre do samba canta “Por isso vê lá onde pisa, respeite a camisa que a gente suou. Respeite quem pode chegar onde a gente chegou e quando pisar no terreiro, procure primeiro saber quem eu sou, respeite quem pode chegar onde a gente chegou” (ARAGÃO, 1999).

Respeitando a camisa suada de quem veio antes e possibilitou esse terreiro, vale ressaltar quem recepcionou a obra de Derrida no Brasil, pois, a geração de Rafael Haddock Lobo, Dirce Solis, Carla Rodrigues, Rachel Nigro, Ana Maria Continentino, André Borges, Alice Serra e tantos outros, possibilitou que outras gerações pudessem se valer deste autor que nos é tão caro. E assim como eu que recebi em vida minha herança, aconteceu assim também com quem compartilhou esses ensinamentos comigo, Marcelo José Derzi Moraes foi introduzindo a cada conversa, riso, festa, alegria os ensinamentos da desconstrução da colonialidade, expressão cunhada por Rafael Haddock Lobo e que hoje recebo e tentarei fazer jus. Como Moraes sempre me lembra “Ivan, o jogo é jogado”, então encerremos essa conversa por enquanto e vamos dar início aos trabalhos.

Moraes (2020) em seu livro *Democracias espectrais: por uma desconstrução da colonialidade*, traduz, interpreta, presenteia, assombra e espectrala vários pontos dos quais essa dissertação se valerá, e neste intento é preciso perceber o movimento o qual Moraes propõe em seu livro. Pois, percebendo a espectralidade das democracias, ou seja, essa estrutura do por vir, daquilo que só pode ser no futuro, já que está em constante construção e desconstrução. Seja

³ O filósofo franco-argelino, Jacques Derrida, entende que as práticas (usos e costumes sociais, estruturas de Estado, leis, etc.) são instruídas por discursos nem sempre explícitos que precisam ser desconstruídos. Seu conceito de desconstrução consiste na análise e decomposição do discurso em suas partes (unidades discursivas), a fim de serem elucidados, compreendidos em suas intenções e projetos pragmáticos. Esses objetivos pretendem erigir, consolidar, conservar e reproduzir a organização das sociedades nos moldes das elites hegemônicas e somente pela interpretação dos discursos se pode resistir aos seus efeitos (SIMPLICIO; GOMES, 2023 p.194).

pelos fantasmas do passado que espectram o presente, seja pela eterna promessa na qual a democracia é constituída. Entender os processos de repetição e diferença se fazem necessários para em um processo de desconstrução de uma ontologia possamos enfim pensar numa hontologia, tendo em mente uma “espectrologia” ou lógica do espectro, considerando as heranças e aparições que não seguem uma rigidez hierárquica. E neste ponto quem melhor que Moraes (2020) para explicar a hontologia:

Para Derrida, nenhuma repetição esgotará a novidade daquilo que vem. Ainda que se pudesse imaginar que o conteúdo da experiência se repete totalmente, que é sempre a mesma coisa, a mesma pessoa, a mesma paisagem, o mesmo lugar e o mesmo tempo que regressa, já o simples facto de o presente ser novo o basta para mudar tudo (2006(a), p. 91-92). A repetição rompe com a ontologia ou uma ontologização e nos faz pensar uma hontologia (hantologie), com H, que seria um tipo de espectrologia, uma lógica do espectro que opera pela obsidiação. A repetição neutraliza a presença e o ser enquanto lugar primeiro e de origem, abandonando a busca pela origem da coisa ou do ser conforme a ontologia. Nesse sentido, o retornante, aquilo que vem na repetição, é espectral. A hontologia, mais ampla que a ontologia, não hierárquica, que investe no deslocamento das aparições para um contexto sem hierarquias, poderia ser compreendida, mesmo que falando de modo impróprio, como uma espécie de “ciência daquilo que retorna”, ou melhor, daquilo que retorna sob a forma de herança (SOLIS; MORAES, 2014, p. 103) (MORAES, 2020, p. 13)

Mais uma vez a questão da herança se revela, e neste ponto falaremos pelo menos de duas heranças, a primeira é a herança conceitual sob a qual irei discorrer e me valer e a outra é uma composição de heranças sob as quais somos constantemente assombrados em nossa “democracia”. Heranças essas que surgem em forma de fantasmas a espectrar, fantasmas da colônia , fantasmas do império, fantasmas da primeira república brasileira, que atuam na repetição espectral e mostram as suas marcas no imaginário social, e no dia a dia do povo brasileiro, mas, antes precisamos saber como a repetição é encarada na perspectiva de Moraes (2020), o mesmo nos lembra que a repetição pode atuar de três formas diferentes:

A repetição pode ser entendida de três modos que quase sempre se confundem: a repetição que se repete e traz o outro enquanto cópia; a repetição que repete um diferente; a repetição pela diferença, que aduz o mesmo que é diferente ao mesmo tempo que é igual. A repetição é diferente nela mesma e toda repetição traz uma diferença, mesmo que traga o mesmo. A repetição a partir de uma abordagem que leva em conta uma dupla injunção, não possuirá um significado único e determinante, um sentido específico limitado e delimitado, nem será tratada a partir de um juízo de valor: certo ou errado, verdadeiro ou falso, funcionando a partir disto ou daquilo, desta ou daquela forma. (MORAES, 2020, p. 11)

Lembrando sempre que a repetição é essencial para entender o movimento de desconstrução, pois a repetição trabalha como um dos operadores da desconstrução, quando percebemos a repetição ou o espectro que é o segundo operador da desconstrução, conseguimos identificar aquilo que antes não possuía corpo, nome ou visualização. Aquilo que se escondia

sobre o “efeito de viseira”, ou seja, algo presente e ao mesmo tempo ausente, pois a viseira nesse sentido dificulta a visibilidade impossibilitando assim uma compreensão da essência ou significado daquilo que se mostra, mas ao mesmo tempo se camufla, operando como um fantasma (MORAES, 2020).

Mas, o que seria o espectro que tanto estamos a falar e como se dá a lógica espectral? O espectro não possui uma definição única, ele sempre irá atuar sob o efeito de viseira, pois no momento em que ele se mostra deixa de ser espectro, o espectro habita o espaço do simbólico, e o mesmo nunca está no singular, a pluralidade o compõe. Não é possível capturar uma faceta explícita da sua composição, pois sua composição está numa encruzilhada de possibilidades, logo para o espectro se tornar devir carne é necessário que o mesmo obsidie um espírito, um fantasma, para que assim atue a se mostrar, o espectro se vale do espírito e dos fantasmas, assim como os fantasmas e espíritos se valem do espectro para assombrar o imaginário social, as intenções políticas, as relações de poder que de alguma forma incorporam as repetições espectrais de outros tempos, podendo atuar nas diversas formas de repetição que pontuamos anteriormente. Logo, quando trazemos a lógica do espectro ou a lógica espectral estamos a falar de como a ontologia se propõe a trabalhar e neste passo ao perceber as repetições espectrais ao decorrer da história surge a possibilidade de capturar os fantasmas e espíritos que estão obsidiados por espectros (MORAES, 2020).

Nesse sentido, as repetições espectrais se tornam o alvo de análise do trabalho a porvir, pois, ao identificar os padrões de poder, pensamentos, hierarquias, violências, recusa de direitos, diferença de tratamentos e comoção ao longo da história brasileira, que é possível desconstruir movimentos que são naturalizados no nosso dia a dia, que são legitimados sem que se faça uma reflexão de onde vem esses fantasmas que estão a espectralar. Entendendo assim como o racismo atou e atua no Brasil de forma espectral, que com suas heranças coloniais, operam na hierarquização dos indivíduos, promove o privilégio branco, diz que corpos merecem valor e quais podem ser descartados, quem é digno de respeito e quem deve estar abaixo da sola do sapato, quem pode ter solidariedade e quem deve ser punido, quem pode ser o eu (branco) entendido como universal e quem são os outros generalizados (negros, indígenas, minorias) que recebem na sua identidade tudo aquilo de ruim e obscuro que a branquitude não quer se identificar.

Pensar a desconstrução da colonialidade não é jogar fora a criança, junto com a água do banho, ou seja, jogar fora tudo aquilo que advém da colonialidade ou do pensamento eurocentrado, mas é a possibilidade de pensar, interpretar, traduzir, conceituar através de outros

saberes, de outras epistemes que possibilite outro tipo de escritura, outro tipo de fala. O intuito não é ser tornar o opressor na ordem simbólica e hierárquica, e sim coexistir, para que no processo de desconstrução haja a mudança, sabendo que toda mudança traz no seu seio a violência, que não quer dizer que seja física, no entanto, quando lidamos com padrões engessados em sua própria lógica, o movimento, o desengessar traz a violência que se faz mudança para o novo (MORAES, 2020).

A desconstrução da colonialidade é a desconstrução do logocentrismo e das violências identitárias e epistêmicas produzidas por mais de dois mil anos pela prática colonial. É um pensamento transgressor, que possibilita desestabilizar a hegemonia do pensamento europeu e trazer uma história da exclusão e do esquecimento das culturas não ocidentais. Assim, ao considerarmos os processos de colonização territorial enquanto colonizações do ser, a descolonização do ser segue como prática política e desconstrutora da colonialidade do poder. Não é preciso apenas descolonizar o pensamento, é preciso descolonizar o outro e se descolonizar do outro, na criação de homens novos. É, nesse sentido, que a desconstrução da colonialidade promove uma abertura à alteridade reprimida e oprimida. Desta forma, como afirma Franz Fanon, é importante compreender que descolonização é, em verdade, criação de homens novos (2006, p. 26). (MORAES, 2020, p. 115)

Na criação de homens novos, gesta a transgressão, a desobediência daquilo que por hora está constituído e impera, a desobediência traz a possibilidade também da criação de uma nova episteme, mas não sejamos tolos de pensar de algo novo do zero, nos valendo das noções traduzidas por Moraes (2020), podemos elucubrar algo de novo através da repetição, que traz algo diferente. Forjar uma repetição daquilo que há de salutar de nossos ancestrais, sejam eles negros, indígenas, asiáticos e brancos, e aquilo que tiver segregador, alienador e corruptível, deixemos para traz em um processo transgressor de desobediência.

Tão pronto, para pensar e aplicar a desconstrução da colonialidade, exige energia, esforço e vitalidade, para desafiar e identificar os processos os quais o colonialismo estruturou as mentalidades, as relações de poder e de saber e as instituições, pois nesse passo será possível vislumbrar um diálogo mais equânime, inclusivo, dentro de uma pluriversalidade de culturas e saberes, pautado no respeito e na dignidade de todos, sem erigir estandartes hierárquicos tendo como base o princípio da hospitalidade sem normas, sem tolhimentos.

Delimitação do tema e problema da pesquisa

O problema da pesquisa tangencia as diferentes formas de tratamento social, reconhecimento e comoção social de indivíduos na sociedade brasileira, percebendo que a

interseccionalidade⁴ (AKOTIRENE, 2019), a necropolítica⁵ (MBEMBE, 2016), o racismo⁶ (ALMEIDA, 2018; FANON, 2008; NASCIMENTO, 2016), a branquitude⁷ (BENTO, 2018; 2022), os espectros presentes na nossa democracia (MORAES, 2020) estão diretamente ligados a forma discrepante de como brancos e negros recebem tratamento, reconhecimento e comoção social na sociedade brasileira. O que Cesáire (1978) já dava a dica ao demonstrar a hipocrisia europeia, que só se indignava com as atrocidades feitas com o povo europeu deixando de lado todas as atrocidades feitas pelos europeus no continente africano e asiático.

Logo a pesquisa irá reforçar a denúncia do genocídio da população negra brasileira, e neste mesmo caminho apresentar dados que comprovam está mazela. Traçar um percurso histórico e sociológico da construção tanto da negritude, quanto da branquitude, afim de tentar entender os diferentes processos de enquadramento, moldura e comoção⁸ (BUTLER, 2019) para com o tratamento diferenciado de corpos brancos e não brancos na sociedade brasileira, tendo como pergunta suleadora “Que corpos são dignos de dignidade, e quais não são, e porque existe essa primazia de uns em detrimento de outros?”.

Cabe ressaltar que no empreendimento da pergunta anteriormente posta se coloca aquilo que Fortes e Oliveira (2022) elencaram a partir do pensamento de Axel Honneth () que é a luta por reconhecimento, será que de fato existe um reconhecimento recíproco de todos os indivíduos existentes na sociedade brasileira? Seja o reconhecimento jurídico, afetivo, social, ou será que na relação “eu” e o “outro” existe uma clara distinção na forma como os indivíduos são tratados na sociedade brasileira?

Essas perguntas são feitas a partir da percepção social dos indivíduos no Brasil. Quanto vale as vidas dos indivíduos brancos e não brancos no Brasil? Será que é possível mensurar

⁴ O termo será utilizado como aporte conceitual para exemplificar as intersecções de gênero, raça e classe.

⁵ O conceito será utilizado para perceber como a colonialidade, incide na forma de como pessoas negras e brancas morrem e são mortas, para entender a valoração dessas vidas, e como existe uma racionalidade na forma como se mata, ou se deixa morrer determinadas pessoas na sociedade brasileira.

⁶ O conceito será utilizado para demonstrar como o racismo influencia a forma como as pessoas são tratadas, enquadradas, emolduradas e valorizadas ou não na sociedade brasileira, a partir das concepções raciais estabelecidas no mundo e no Brasil no período colonial e na atualidade, percebendo assim as ressonâncias espectrais deixadas em nossa história.

⁷ O termo será utilizado para entender o conceito do pacto narcísico da branquitude o qual Maria Aparecida Bento (2002) exemplifica o pacto tácito de pessoas brancas que propositalmente habita o espaço daquilo que não é dito explicitamente com palavras, todavia, atua no cotidiano para a manutenção dos privilégios.

⁸ Estes três conceitos utilizados por Judith Butler auxiliarão o para o entendimento do enquadramento dos indivíduos a serem analisados, pois a ótica social os percebe a partir de uma forma, raça, classe e gênero aos quais estes são enquadrados, a moldura são os estereótipos atribuídos a estes indivíduos que por um olhar viciado a partir dos preconceitos sociais, raciais e de gênero emolduram as pessoas e a partir destes pontos chegamos as diferentes formas de comoção atribuídas aos diferentes indivíduos na sociedade brasileira. (BUTLER, 2019)

esse valor, ou a vida habita uma esfera filosófica tão complexa que não nos caberia esses tipos de perguntas. A constituição brasileira de 1988 diz que todos são iguais perante a lei, de maneira formal de fato isso se faz verdade no Brasil, mas será que no dia a dia isso é percebido de fato, o reconhecimento mútuo se faz presente nas relações sociais, jurídicas e afetivas?

Um importante dinamizador da sociedade que se encontra em constante conflito é a experiência moral da ofensa, pois ao perceber o “desrespeito”, violência ou ainda um incômodo recíproco dentro da estrutura social diversa e que coloca em confronto o “eu” e o “outro” generalizado. A partir do reconhecimento dos mesmos é possível dirimir alguns conflitos latentes, porém aqui estamos de frente a uma questão espectral que pode dificultar a resolução dos conflitos postos, e essa questão se chama racismo, pois dentro da estrutura social brasileira temos tantos tentáculos aos quais o racismo se alastrou, que por vezes aquilo que deveria colocar as pessoas nessa perspectiva moral da ofensa, pode ser naturalizado por uma concepção racista de mundo. A exemplo se dá as mortes que se empilham no decorrer dos séculos de minorias brasileiras sejam negros, indígenas ou ainda pessoas de grupos periféricos dos grandes centros urbanos, porém essas mortes parecem não ofender a sociedade brasileira de fato, pois mesmo percebendo uma crescente constante de mortes não há uma mudança efetiva de políticas públicas para diminuir essas mortes. Em contrapartida, quando a vida branca é colocada em risco existe um processo de comoção social e reconhecimento, - uma vez que na estrutura vigente existe um reconhecimento específico do “eu” que retira os “outros”, fazendo com que exista um reconhecimento em forma de privilégio. Uma vez que uma violência ocorreu com a branquitude, a sociedade se coloca num movimento de repudiar e criar mecanismos que impeçam a violência e a morte de pessoas brancas na sociedade brasileira.

Este trabalho usará a metodologia de investigação sob a lógica da repetição espectral a partir da desconstrução da colonialidade (MORAES, 2020), lançando mão dos mais variados tipos de fontes, desde reportagens de jornais que trazem informações sobre as vítimas analisadas, pesquisas de órgãos governamentais, arte, fontes marginais, bibliografia contra hegemônica, entre outras que irão desvelar os fantasmas espectrais escamoteados em nossa “democracia” (MORAES, 2020).

Até aqui alguns percursos analíticos foram feitos, conquanto, é preciso destacar que outros conceitos e autores também sulearão a perspectiva desta pesquisa de mestrado: logo com os conceitos de enquadramento, moldura, comoção e precariedade da vida o aporte teórico será de Judith Butler (2015); trazendo um aporte ao debate racial lançarei mão da noção de racismo cultural para entender o discurso atribuído aos casos Frantz Fanon (2008); a noção de Racismo

estrutural para entender a conjuntura social brasileira Silvio de Almeida (2018); trançando a noção de raça social e suas respectivas diferenças entre os grupos étnicos pré-estabelecidos no racismo científico Kabengele Munanga (2003); percorrendo a escrita e reescrita do negro no Brasil contarei com (NASCIMENTO, 1974a, 1974b, 1976; NASCIMENTO, 2016; SANTOS, 2002); com o aporte conceitual de devir negro do mundo e necropolítica para entender como o indivíduo negro é colocado como paria e indivíduo o qual a morte pode ser naturalizada Achille Mbembe (2016, 2019a, 2019b); delineando o pacto narcísico da Branquitude e a indignação narcísica que ajudará entender como a branquitude se comove mais com a vida de pessoas brancas do que com a vida de pessoas não brancas Maria Aparecida Silva Bento (2014, 2018, 2022); Afim de entender os processos de alteridade e outridade nos casos de raça, classe e gênero nos casos analisados Grada Kilomba (2019) nos oferece tal aporte; e lembrando que durante muito tempo a única perspectiva acadêmica abordada era permeada de uma visão etnocêntrica branca ressaltasse aqui o perigo de uma única história (ADCHIE, 2019) e no sentido de trazer uma visão contra hegemônica, ou seja, a partir da desconstrução da colonialidade Moraes (2020).

Ao fim a pergunta que jaz aqui de forma dilacerante o tratamento social dado a pessoas brancas e a dor branca tem o mesmo reconhecimento e comoção social que a dor dos “outros” não brancos em nossa sociedade?

Breve resumo do que será trabalhado nos capítulos

O primeiro capítulo irá discorrer sobre a complexa história racial no Brasil, destacando a influência dos espectros coloniais incorporados em fantasmas que ajudaram a formar a identidade nacional brasileira. Através da investigação da lógica da repetição espectral o capítulo propõe uma análise crítica, de como os fantasmas da colônia, império e primeira república consolidaram e moldaram os estereótipos e percepções que espectram e persistem até os dias de hoje no país. Pontos chave para o entendimento do capítulo são o silenciamento e o colonialismo, pois o texto ira demarcar como o silenciamento sistemático das vozes negras, e nesse sentido numa tentativa de reescrita o movimento feito foi o de confrontar as artimanhas do passado colonial que persistem até hoje; outro ponto de destaque se dá com a desconstrução da colonialidade e o reconhecimento das estruturas de dominação, presentes em leis e tratados, ou ainda na manipulação social. Ao fim trago uma reflexão do que foi o racismo científico, a eugenia, a educação eugênica e como estes elementos estavam presentes em todas as esferas da

sociedade brasileira, seja na literatura, constituição, instituições e no dia a dia do brasileiro. Logo este capítulo se faz em forma de convite à reflexão de como o racismo é espectral no Brasil e a necessidade de reescrever uma história que possibilite uma perspectiva mais representativa, equânime e inclusiva da diversidade brasileira.

O segundo capítulo traz à tona a complexidade do que foi o processo de miscigenação no Brasil, destacando a persistência dos fantasmas coloniais que espectram a mentalidade brasileira perpetuando assim mazelas como a técnica espectral do estupro colonial. Ou seja, através de uma investigação de repetição espectral analisa como as práticas de estupro normatizadas em períodos históricos como colônia, império e primeira república repercutem no imaginário social brasileiro até os dias atuais, logo o movimento de questionar esses fantasmas se dá a partir da ótica dos direitos humanos na contemporaneidade, neste caminhar foi feita uma análise sobre o legado de Gilberto Freyre sobre a miscibilidade ou miscigenação, reconhecendo sua importância na formação da identidade nacional quanto a perpetuação de estereótipos sexuais racializados. Logo no intuito de combater a violência e objetificações trazidas pelos fantasmas coloniais o segundo capítulo traz a reflexão sobre como o passado colonial, imperial e da primeira república ainda espectram as dinâmicas sociais na atualidade, nesse âmbito impende a crítica as narrativas opressivas no intuito de construir uma sociedade mais igualitária e justa.

O terceiro capítulo inicia a partir da canção “Sampa” de Caetano Veloso, para abrir caminho para o entendimento dos processos de alteridade, e nesse sentido evocando o mito de Narciso, Caetano nos proporciona pensar nos fantasmas que estão a espectrar o imaginário social, nessa relação entre o eu e o outro, a proposta de trabalho é feita através da psicologia social e a psicanálise trazendo conceitos e argumentações que levem a uma reflexão crítica sobre: privilégio branco; racismo; exclusão social; processos de exclusão moral pautadas na indignação narcísica; e como esses processos são sustentados e mantidos por fantasmas espectrais que desde o berço da colonização estão a constituir o imaginário social, instituindo assim uma ordem simbólica para hierarquizar a sociedade ao mesmo tempo que se camufla sob o efeito de viseira.

O quarto capítulo irá discorrer sobre o genocídio negro brasileiro, questionando a definição de guerra quando certos atos de violência não são classificados como tal, especialmente em contextos onde armas de guerra são utilizadas. Aborda a desvalorização das vidas negras utilizando elementos artísticos, estatísticas e notícias jornalísticas que deflagram mortes de crianças negras pelo estado do Rio de Janeiro, assim como o caso do músico Evaldo

que foi assassinado pelo estado quando ia levar a família a um chá de bebê no bairro de Guadalupe no Rio de Janeiro, esses e outros casos compõem a argumentação, para enfim refletirmos. Será que realmente vidas negras importam?

1 CONTEXTO HISTÓRICO RACIAL BRASILEIRO

História Para Ninar Gente Grande
 Alô Mangueira
 Agora é a nossa vez
 Vem, vem, vem comigo
 Mangueira, tira a poeira dos porões
 Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
 Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões
 São verde e rosa as multidões
 Mangueira, tira a poeira dos porões
 Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
 Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões
 Brasil, meu nego
 Deixa eu te contar
 A história que a história não conta
 O avesso do mesmo lugar
 Na luta é que a gente se encontra
 Brasil, meu denço
 A Mangueira chegou
 Com versos que o livro apagou
 Desde 1500
 Tem mais invasão do que descobrimento
 Tem sangue retinto pisado
 Atrás do herói emoldurado
 Mulheres, tamoios, mulatos
 Eu quero um país que não está no retrato
 Brasil, o teu nome é Dandara
 E a tua cara é de cariri
 Não veio do céu
 Nem das mãos de Isabel
 A liberdade é um dragão no mar de Aracati
 Salve os caboclos de julho
 Quem foi de aço nos anos de chumbo
 Brasil, chegou a vez
 De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

Composição de Danilo Firmino, Deivid Domênico, Luiz Carlos Maximo Dias, Manu da Cuíca, Márcio Bola,
 Ronie Oliveira, Silvio Moreira Filho, Tomaz Miranda.(2019)

1.1 Racismo à Brasileira⁹

A máscara, portanto, levanta muitas questões: por que deve a boca do sujeito negro ser amarrada? Por que ela ou ele tem de ficar calada/o? O que poderia o sujeito negro dizer se ela ou ele não tivesse sua boca tapada? E o que o sujeito branco teria de ouvir? Existe um medo apreensivo de que, se o sujeito colonial falar, a/ o colonizadora/or terá de ouvir. Seria forçada/o a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades da/o "Outra/o". Verdades que têm sido negadas, reprimidas, mantidas e guardadas como segredos. Eu gosto muito deste dito "mantido em silêncio como segredo".⁷ Essa é uma expressão oriunda da diáspora africana e anuncia o momento em que alguém está prestes a revelar o que se presume ser um segredo. Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo. (KILOMBA, 2019, p.41)

Este capítulo irá discorrer sobre o contexto histórico racial brasileiro em duas dinâmicas simultâneas, a primeira trará algumas informações sobre como se consolidou o pensamento racista brasileiro, em quais percepções e teorias foi se fundamentando o pensamento da época. Já em uma perspectiva voltada a desconstrução derridiana, que irá atuar sob a investigação da lógica da repetição espectral, pensar como esses elementos foram se estabelecendo do ponto de vista histórico e sociológico para pensar por exemplo o que foi a história do negro escrita por mãos brancas e como esses contornos afetam por exemplo a percepção de mundo dos indivíduos na sociedade brasileira, e a importância de desconstruir essa visão no sentido de trazer para o debate. O que Beatriz Nascimento (1974(a), 1974(b), 1976) diz na importância de uma história escrita por mãos negras, na qual ao invés de estereótipos¹⁰, estigmas e uma perspectiva

⁹ O racismo à brasileira, como os demais racismos que se desenvolveram em outros países, tem sua história diferente da dos outros e suas peculiaridades. Entre estas, podemos enfatizar notadamente o significado e a importância atribuídos à miscigenação ou mestiçagem no debate ideológico-político que balizou o processo de construção da identidade nacional e das identidades particulares. Nesse debate de ideias, a miscigenação, um simples fenômeno biológico, recebeu uma missão política da maior importância, pois dela dependeria o processo de homogeneização biológica da qual dependeria a construção da identidade nacional brasileira. Foi nesse contexto que foi cunhada a ideologia do branqueamento, peça fundamental da ideologia racial brasileira, pois acreditava-se que, graças ao intenso processo de miscigenação, nasceria uma nova raça brasileira, mais clara, mais arianizada, ou melhor, mais branca fenotipicamente, embora mestiça genotipicamente. Assim desapareceriam índios, negros e os próprios mestiços, cuja presença prejudicaria o destino do Brasil como povo e nação. (MUNANGA, 2014, p. 10)

¹⁰ Segundo Adilson Moreira A lógica dos estereótipos está diretamente ligada à lógica dos estigmas. Os estudiosos do tema afirmam que um estigma é uma característica a partir da qual uma pessoa ou um grupo de pessoas sofre desvantagens sistemáticas. Assim, esse termo descreve um processo a partir do qual sentidos negativos são atribuídos a pessoas que possuem características socialmente desprezadas. Estigmas são responsáveis pela construção de identidades sociais culturalmente desprezadas porque designam pessoas supostamente diferentes ou inferiores. Sob essa lógica, traços como raça ou sexualidade são marcas que indicam disposições naturais negativas, sendo que elas se tornam parâmetros a partir dos quais as pessoas passam a atuar para discriminar as pessoas. Embora todas as pessoas possam criar estereótipos sobre membros de outros grupos, os membros do grupo dominante estão em situação diferenciada em função do poder que possuem de criar, disseminar e moldar o

enviesada que não percebe por exemplo intersecções como raça, classe e gênero, traga o indivíduo negro primeiro reconhecendo todo seu processo histórico desde o tráfico transatlântico a colonização do solo brasileiro e os processos de controle pelos dispositivos biopolíticos do estado, e como os mesmos foram importantes para conformação e alienação tanto da negritude quanto da branquitude nesse processo histórico.

O Brasil tem como histórico racial uma mistura multiétnica de proporções desproporcionais, quando adentramos um pouco a história colonial brasileira é preciso perceber que grupos étnicos compõem esses grupos para que possamos ir entendendo como se deu uma estruturação racial cunhada a partir de uma hierarquia pigmentocrática¹¹. Ao se debruçar com atenção algumas informações se fazem importantes para que não percamos o fio da meada, como por exemplo, o Brasil ter passado quase 400 anos em um regime escravocrata cunhado no tráfico transatlântico africano, que deflagrou um dos maiores atentados aos direitos humanos na humanidade, no qual cerca de 5,8 milhões de escravizados africanos foram traficados para o Brasil sob a bandeira Portuguesa, ou seja, se analisarmos a tabela a seguir do site slave voyages chegaremos a constatação que cerca de 46,7% dos indivíduos traficados para as Américas tiveram como destino fim o Brasil.

funcionamento das instituições a partir de estigmas. Dessa forma, estigmas correspondem a percepções que são comungadas por parcelas significativas dos membros da sociedade. (MOREIRA, 2019, p. 62-63)

¹¹ Pigmentocracia será utilizada aqui para entender o processo de hierarquia racial brasileiro, que diferente de outros países como Estados Unidos da América que entende a raça a partir do que eles chamaram de “one-drop rule” nos estados do sul do EUA que vigorou até 1980, mas que de alguma forma demarcou ressonâncias e outros estados, também comumente conhecida no contexto acadêmico brasileiro como “regra de uma gota de sangue” (CARONE; BENTO, 2018) ou ainda “regra da gota única” (MONTEIRO; SANSONE, 2004) instituía uma política racial que pressupunha a racialidade de uma pessoa não pela cor da pele, mas sim por um caráter de ascendência, ou seja, mesmo que o indivíduo possuísse uma pele alva e branca se dentre aqueles que o antecederam dentro de sua árvore genealógica constasse uma pessoa negra em 8 gerações -ou seja 1/8 de sangue negro era o necessário para que o indivíduo fosse considerado negro-, porém quando olhamos para o Brasil o que ocorre na verdade é uma política de embranquecimento, logo em uma perspectiva pigmentocrática o que temos no Brasil é uma política e status quo que quanto mais próximo do branco mais privilégios o indivíduo irá ter, seja nas relações sociais ou ainda na tonalidade de pele.

Figura 1 Tabela do tráfico transatlântico de escravos.

	Spain / Uruguay	Portugal / Brazil	Great Britain	Netherlands	U.S.A.	France	Denmark / Baltic	Totals
1501-1525	6.363	7.000	0	0	0	0	0	13.363
1526-1550	25.375	25.387	0	0	0	0	0	50.762
1551-1575	28.167	31.089	1.685	0	0	66	0	61.007
1576-1600	60.056	90.715	237	1.365	0	0	0	152.373
1601-1625	83.496	267.519	0	1.829	0	0	0	352.844
1626-1650	44.313	201.609	33.695	31.729	824	1.827	1.053	315.050
1651-1675	12.601	244.793	122.367	100.526	0	7.125	653	488.065
1676-1700	5.860	297.272	272.200	85.847	3.327	29.484	25.685	719.675
1701-1725	0	474.447	410.597	73.816	3.277	120.939	5.833	1.088.909
1726-1750	0	536.696	554.042	83.095	34.004	259.095	4.793	1.471.725
1751-1775	4.239	528.693	832.047	132.330	84.580	325.918	17.508	1.925.315
1776-1800	6.415	673.167	748.612	40.773	67.443	433.061	39.199	2.008.670
1801-1825	168.087	1.160.601	283.959	2.669	109.545	135.815	16.316	1.876.992
1826-1850	400.728	1.299.969	0	357	1.850	68.074	0	1.770.978
1851-1875	215.824	9.309	0	0	476	0	0	225.609
Totals	1.061.524	5.848.266	3.259.441	554.336	305.326	1.381.404	111.040	12.521.337

Fonte: Slave Voyages. <<https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>> acessado em 30/10/2023.

Ao observar este quadro algumas informações vão se descortinando, como por exemplo, pensar o que foi economicamente o tráfico negreiro para acumulação de riquezas tanto para coroa portuguesa quanto para aqueles que fizeram riquezas no solo brasileiro, e pensar também nos dispositivos de coerção que tiveram que ser utilizados para domesticação, alienação e controle social dos indivíduos escravizados. Abdias Nascimento (2016) na obra “O genocídio do negro brasileiro” traz algumas informações pertinentes para entender esse processo de controle, dentre eles o autor destaca a técnica utilizada no tráfico atlântico de retirada do indivíduo negro de sua vida pregressa impondo no processo de escravização várias barreiras para que o negro traficado do continente africano tivesse sua liberdade, dentre essas barreiras podemos citar: a impossibilidade de retorno ao seu local de origem, visto que voltar para sua região de origem em África já denotava uma dificuldade enorme, quiçá quando colocado um oceano de distância; a barreira linguística uma vez que os negros africanos eram traficados de inúmeras regiões do continente africano que por sua vez possuíam línguas e dialetos distintos, e ainda uma diferenciação da língua do colonizador português, logo a língua se fazia mais uma barreira para a liberdade do africano traficado. Outro ponto foi a questão cultural e religiosa que fora imposta aos indivíduos traficados, com a retirada de seus nomes étnicos substituídos por nomes eurocristão¹², apagando e a cultura africana e substituindo por

¹² O termo eurocristão servira aqui de demarcação epistemológica de aprisionamento cultural a uma perspectiva eurocentrada de mundo, no qual os signos europeus não só serão detentores de uma supremacia cultural, como

um ideário epistemológico europeu, assim tanto cultura como religião foram barreiras e dispositivos de coerção utilizados para o aprisionamento, mental, simbólico dos cativos no solo brasileiro culminando assim em um etnocídio¹³. Outro processo histórico importante para entender o movimento de apagar, silenciar e escamotear a encruzilhadas e meandros do processo histórico está quando Abdias traz à baila a queimada de documentos relativos à escravidão feito por Ruy Barbosa:

Anteriormente, já tivemos ocasião de mencionar o ato de 1899, do ministro das Finanças Rui Barbosa, ordenando a incineração de todos os documentos - inclusive registros estatísticos, demográficos, financeiros, e assim por diante - pertinentes à escravidão, ao tráfico negreiro e aos africanos escravizados. Assim, supunha-se apagar a "mancha negra" da história do Brasil. Como consequência lógica desse fato, não possuímos hoje os elementos indispensáveis à compreensão e análise da experiência africana e de seus descendentes no país. Similarmente negativa se revela a recente decisão de eliminar dos censos toda informação referente à origem racial e à cor epidérmica dos recenseados, dando margem às manipulações e interpretações das estatísticas segundo os interesses das classes dirigentes. Por via desses expedientes se reitera a erradicação da mancha negra", agora com o uso dos poderes da "magia branca" ou da "justiça branca". Dessa espécie de alquimia estatística resulta outro instrumento de controle social e ideológico: o que deveria ser o espelho de nossas relações de raça se torna apenas um travesti de realidade. E as informações que os negros poderiam utilizar em busca de dignidade, identidade e justiça lhes são songadas pelos detentores do poder. O processo tem sua justificativa numa alegação de "justiça social": todos são brasileiros, seja o indivíduo negro, branco, mulato, índio ou asiático. Em verdade, em verdade, porém, a camada dominante simplesmente considera qualquer movimento de conscientização afro-brasileira como ameaça ou agressão retaliativa. E até mesmo se menciona que nessas ocasiões os negros estão tratando de impor ao país uma suposta superioridade racial negra... Qualquer esforço por parte do afro-brasileiro esbarra nesse obstáculo. A ele não se permite esclarecer-se e compreender a própria situação no contexto do país; isso significa, para as forças no poder, ameaça à segurança nacional, tentativa de desintegração da sociedade brasileira e da unidade nacional. Como o cientista político ganaiense, Anani Dzidzienyo, tão propriamente conclui: "Qualquer reação do negro à situação brasileira enfrentaria dois inconvenientes: uma opinião oficial que consideraria 'atividades raciais como subversivas, e a atitude geral da sociedade consideraria divisionistas." (NASCIMENTO, 2016, p. 93-94)

Dados como os do site slave voyages anteriormente arrolados são imprescindíveis do ponto de vista da desconstrução para que elementos que por ventura outrora foram maquiavelicamente apagados, ganhem novos contornos na reescrita da história negra brasileira, a primeira edição do livro genocídio do negro brasileiro de Abdias Nascimento foi escrito em

também norma para visão de mundo colonial que foi se instituindo dentro do Brasil, na qual tanto traços europeus, quanto traços da cultura cristã serviram como dispositivos de coerção e alienação.

¹³ Etnocídio: trata-se de um genocídio cultural, mental e existencial; da perda ou apagamento da identidade originária. Segundo Ayala em sua obra *Indios y Criollos* (Lecturas para cualquier criollo): "El etnocidio es la destrucción de la identidad de los vivos, la negación del derecho de un pueblo a disfrutar, desarrollar y transmitir su propia cultura y su propia lengua. Es una forma extrema de violación masiva de los derechos humanos, en particular el derecho de los grupos étnicos al respeto y al ejercicio de su identidad cultural." (AYALA, 1962, p. 12)

1978 pela editora Paz e Terra, nesta época o autor de forma contundente já denunciava os processos de apagamento e silenciamento, hoje podemos fazer um movimento de reconstrução da história a partir de dados de pesquisas internacionalmente respeitadas, que corroboram o que o autor já dava indícios.

Continuando o breve preambulo histórico, impende notar que no período colonial brasileiro e no período imperial¹⁴, vigorou um contingente populacional negro¹⁵ superior ao de indivíduos brancos ao longo de todo esse período, no qual indivíduos indígenas só excedem o número de negros africanos apenas em um primeiro momento no início do período colonial, conquanto, com o extermínio, enxotamento de grupos indígenas brasileiros e com a enorme demanda colonial de escravizados africanos o contingente de escravizados logo no primeiro século colonial já ganha hegemonia, perdendo só esse destaque numérico com as políticas de imigração europeia a qual será discorrida mais à frente (NASCIMENTO, 2016).

Ilmar Rohloff de Mattos em sua obra “O tempo Saquarema” destrincha como se fundamentava as divisões hierárquicas e políticas ao decorrer do século XIX, nesse período as mudanças políticas fervilharam no Brasil, conquanto, o que interessa aqui neste trabalho é perceber como a estrutura organizacional e excludente da época, e percebida no contexto histórico social atual. O autor percebe o Império dividido em três mundos: mundo do governo; da desordem e do trabalho. E quando se coloca em pauta quem é que o ocupa cada mundo é que conseguimos de forma rápida e sucinta notar como estes locais até os dias atuais são ocupados por grupos hierárquicos e excludentes, mesmo que com o tempo essa realidade essa ideia tenda a diminuir, a razão de pensamento e de ocupação não teve uma mudança drástica. O mundo do governo era composto por cidadãos ativos, ou seja, pessoas com poder de voto, que se destacava por renda, terras e escravos, composta por homens brancos majoritariamente, compondo assim uma sociedade política. Já o mundo da desordem era composto por cidadãos não ativos, livres, mas que não possuíam renda suficiente para chegar a poder votar e fazer parte do primeiro grupo, neste grupo podemos colocar indivíduos brancos sem ascensão, negros forros e o restante da camada social vigente do império que não se encaixa no terceiro grupo, já o mundo do trabalho é composto por escravos, que na história brasileira é composta essencialmente por negros. Desde ponto começa a ficar claro como a estrutura social se dá

¹⁴ Tempo histórico que vem desde a descoberta do Brasil 22 de abril 1500 até 15 de novembro 1889 ano que termina o período imperial brasileiro.

¹⁵ Aqui entendemos que negros são o agrupamento de indivíduos negros, mulatos, pardos e mestiços advindos de cruzamentos com negros afro-brasileiros.

desde os primórdios da história brasileira perpassando a questão racial. (MATTOS, 2004)

Lilia Moritz Schwarcz em sua obra “O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930”, no qual a autora descreve que o Brasil do final do século XIX até mais ou menos meados do século XX como um grande laboratório racial. Traduzindo assim o Brasil como um país de raça híbrida que teve apoio de intelectuais estrangeiros e nacionais para introduzir na sociedade a noção de superioridade racial, e a ideia de que uma nação constituída a partir da miscigenação não seria uma nação forte desenvolvida, tendo como método de legitimidade juristas, médicos, literários, entre outros que utilizaram da teoria racial determinista e evolutivas para a eugenia. Junto a estas ideias vieram as políticas de branqueamento racial como uma política de higienização social e cultural, no qual não só a cor da pele era alvo, mas também a cultura os costumes e a religião. O que acabou desencadeando em políticas de imigração europeia para o Brasil, deixando a população negra recém abolida sem empregos e sem recursos para a sobrevivência, os colocando mais uma vez a margem da sociedade, somado as políticas de revitalização na cidade do Rio de Janeiro pelo prefeito Pereira Passos e de outros governantes que vieram a posterior (SCHWARCZ, 1993).

A noção de que negros e pobres eram sujeitos de segunda classe dentro do imaginário brasileiro não é unicamente uma visão de Mattos, Sidney Chaloub em sua obra Cidade Febril constata essa visão de pobres e negros são tratados como indivíduos de segunda classe quando observa a derrubada dos cortiços e o enxotamento de pobres e negros do centro da cidade do Rio de Janeiro, como se os mesmos não merecessem respeito, e ele ainda reforça essa ideia quando postula em sua obra a visão da época que os pobres e negros eram “classes perigosas” que deveriam ser reprimidas (CHALOUB, 2018).

Não para por aí, Abdias Nascimento também reforça essa visão em mais um cenário dos negros na história brasileira:

A covardia de tal processo de conscrição se demonstrava revoltante através do comportamento dos filhos do senhor branco: quando convocados para servir o exército, enviavam em seu lugar o escravo, preferindo arriscar a vida negra antes que a sua própria vida branca.

Esta técnica de substituir sangue português/brasileiro por sangue africano nos campos de batalha verifica-se tanto na guerra de expulsão dos holandeses em Pernambuco, no século XVII, como na guerra contra o Paraguai, em 1865-70. Tipicamente, nossos mitólogos raciais interpretam a forçada participação do escravo africano nas guerras coloniais de Portugal e do Brasil como outra das "provas" da integração do negro e de sua completa participação na sociedade brasileira. Diegues Jr. promove tal absurda interpretação da história em recente trabalho submetido ao FESTAC '77. Referindo-se à guerra contra os holandeses, ele afirma que “participaram os negros dessa reação contra o domínio holandês, dando prova, desta maneira, de seu espírito já brasileiro, integrado no sentido de nossa formação de base essencialmente lusitana.”

É constrangedor revolver aspectos tão ignóbeis do nosso passado histórico. Mas os negros brasileiros precisam rever constantemente fatos como este de dar a vida nas guerras de um país que não os reconhecia como ser humano e que, até os dias presentes, os mantém como cidadãos de segunda classe. Toda razão tinha Horácio Cunha quando anos atrás dramaticamente clamava: "Os americanos lincham cinquenta negros por ano. Nós matamos a raça inteira no Brasil. (NASCIMENTO, 2016, p.80)

É importante frisar que o projeto de inferiorizar o negro e sua cultura na sociedade mundial e brasileira é crucial para estruturar o *status quo*, no qual o racismo estrutural é o operador que permite determinar o espaço do negro na sociedade e vários atores se empenharam nesta temática assim como Silvio de Almeida demonstra:

O espírito positivista surgido no século XIX transformou as indagações sobre as diferenças humanas em indagações científicas, de tal sorte que de objeto filosófico, o homem passou a ser objeto científico. A biologia e a física serviram como modelos explicativos da diversidade humana: nasce a ideia de que características biológicas – determinismo biológico – ou condições climáticas e/ou ambientais – determinismo geográfico – seriam capazes de explicar as diferenças morais, psicológicas e intelectuais entre as diferentes raças. Desse modo, a pele não-branca e o clima tropical favoreceriam o surgimento de comportamentos imorais, lascivos e violentos, além de indicarem pouca inteligência. Por essa razão Arthur de Gobineau recomendou evitar a “mistura de raças”, pois o mestiço tendia a ser mais “degenerado”. Esse tipo de pensamento, identificado como racismo científico, obteve enorme repercussão e prestígio nos meios acadêmicos e políticos do século XIX, como demonstram além de Arthur de Gobineau, as obras de Cesare Lombroso, Enrico Ferri e, no Brasil, Silvio Romero e Raimundo Nina Rodrigues. (ALMEIDA, 2018, p.23)

Bento (2014 a) em seu texto “Branqueamento e Branquitude no Brasil” exemplifica como o medo branco influenciou as políticas de imigração europeia para o Brasil no intuito de branquear a população brasileira. Uma vez abolida a escravidão e tendo em vista o contingente populacional enorme de indivíduos negros na sociedade brasileira, surgiu assim o medo de um revanchismo negro – uma vez que passados 388 anos de escravidão, em que negros foram subjugados, mortos, expropriados e explorados, sem nenhuma cerimônia ou compaixão. Ou ainda um medo de que tendo em vista que a população negra superava a população branca numericamente e que os negros recém libertos pudessem dominar os espaços sociais no país, seja acesso a renda, trabalho e moradia, tão pronto o que se coloca como problema é de que alguma forma houvesse emancipação de fato dos indivíduos que outrora foram escravizados mudando assim o *status quo* produzido ao longo de séculos de preconceitos e estereotização de indivíduos negros. Nesse medo branco foram sendo produzidos dispositivos de subjugação, exclusão, encarceramento e morte de pessoas negras: seja no uso de teorias Lombrosianas com intuito de definir o negro como um criminoso patológico, utilizado tanto o meio jurídico, quanto psiquiátricos para encarcerar corpos negros; seja na projeção de um gênio do mau negro, que

induz o imaginário social a atrelar tudo o que há de ruim no indivíduo negro, criando assim mecanismos de exclusão e afastamento desse indivíduo. Seja na importação de todas as gamas de teorias raciais inferiorizantes no intuito de subjugar corpos negros a uma condição subalterna até que sucumbissem no solo brasileiro. Bento ainda traz a reflexão de como a política de imigração quanto a política de miscigenação tinha como intuito a partir da fala de figuras proeminentes do cenário nacional a intenção de desaparecer com negros e índios:

(...) mas também os deputados das assembleias legislativas de todo o país apresentavam ousadas propostas de imigração massiva de europeus, objetivando uma miscigenação que levaria à assimilação e ao desaparecimento do negro.

Azevedo (1987) destaca a tese de Sylvio Romero, crítico literário, promotor, juiz e deputado:

A minha tese, pois, é que a vitória na luta pela vida, entre nós, pertencerá no porvir ao branco; mas que este, para essa mesma vitória, atento às agruras do clima, tem necessidade de aproveitar-se do que é útil às outras duas raças lhe podem fornecer, máxime a preta, com que tem mais cruzado. Pela seleção natural, todavia, depois de prestado o auxílio de que necessita, o tipo branco irá tomando a preponderância até mostrar-se puro e belo como no velho mundo. Será quando já estiver de todo aclimatado no continente. Dois fatos contribuirão largamente para tal resultado: de um lado a extinção do tráfico africano e o desaparecimento constante dos índios, e de outro a imigração européia! (p. 90S.) (BENTO, 2014, p. 37)

Sem embargo, um autor que esclarece de forma categórica como se pensou o racismo científico no Brasil foi Kabengele Munanga (2003) e na citação a seguir o mesmo destrincha o que foi o processo de hierarquização racial e como ele se desenvolveu:

Carl Von Linné, o Lineu, o mesmo naturalista sueco que fez a primeira classificação racial das plantas, oferece também no século XVIII, o melhor exemplo da classificação racial humana acompanhada de uma escala de valores que sugere a hierarquização. Com efeito, na sua classificação da diversidade humana, Lineu divide o *Homo Sapiens* em quatro raças:

- **Americano**, que o próprio classificador descreve como moreno, colérico, cabeçudo, amante da liberdade, governado pelo hábito, tem corpo pintado.
- **Asiático**: amarelo, melancólico, governado pela opinião e pelos preconceitos, usa roupas largas.
- **Africano**: negro, flegmático, astucioso, preguiçoso, negligente, governado pela vontade de seus chefes (despotismo), unta o corpo com óleo ou gordura, sua mulher tem vulva pendente e quando amamenta seus seios se tornam moles e alongados.
- **Europeu**: branco, sangüíneo, musculoso, engenhoso, inventivo, governado pelas leis, usa roupas apertados.

Como Lineu conseguiu relacionar a cor da pele com a inteligência, a cultura e as características psicológicas num esquema sem dúvida hierarquizante, construindo uma escala de valores nitidamente tendenciosa? O pior é que os elementos dessa hierarquização sobreviveram ao tempo à aos progressos da ciência e se mantêm ainda intactos no imaginário coletivo das novas gerações. No entanto, não foi, até o ponto atual dos conhecimentos, cientificamente comprovada a relação entre uma variável biológica e um caractere psicológico, entre raça e aptidões intelectuais, entre raça e cultura. (KABENGELE, 2003, p.9)

Logo o que se nota é uma tendência maniqueísta entre o bem e o mal, o branco e o negro e ocidente e oriente. E neste jogo maniqueísta são construídas na imagem do negro simulacros

e dissimulações, traçando uma lógica de que tudo que advém do indivíduo negro tem uma conotação de ruim, maligno e impuro:

É possível compreender esta proposição? Na Europa, o Mal é representado pelo negro. É preciso avançar lentamente, nós o sabemos, mas é difícil. O carrasco é o homem negro, Satã é negro, fala-se de trevas, quando se é sujo, se é negro – tanto faz que isso se refira à sujeira física ou à sujeira moral. Ficaríamos surpresos se nos déssemos ao trabalho de reunir um grande número de expressões que fazem do negro o pecado. Na Europa, o preto, seja concreta, seja simbolicamente, representa o lado ruim da personalidade. Enquanto não compreendermos esta proposição, estaremos condenados a falar em vão do “problema negro”. O negro, o obscuro, a sombra, as trevas, à noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais, enegrecer a reputação de alguém; e, do outro lado: o olhar claro da inocência, a pomba branca da paz, a luz feérica, paradisíaca. Uma magnífica criança loura, quanta paz nessa expressão, quanta alegria e, principalmente, quanta esperança! Nada de comparável com uma magnífica criança negra, algo absolutamente insólito. Não vou voltar às histórias dos anjos negros. Na Europa, isto é, em todos os países civilizados e civilizadores, o negro simboliza o pecado. O arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro. (FANON, 2008, p.160)

Aqui é necessário estabelecer alguns pontos conceituais para melhor entendimento do que está sendo proposto ao debate, como por exemplo é preciso resgatar o imaginário criado acerca do negro na sociedade brasileira, que perpassa o período colonial, imperial e republicano. Segundo Santos (2002) se criou estereótipos para o indivíduo negro, a fim de desumanizar esses indivíduos, colocando assim no imaginário brasileiro uma noção de que o indivíduo negro é por natureza, violento, criminoso, sem inteligência, dado a serviços braçais e por ai vai. Estereótipos que vão de encontro com a pesquisa de Fanon (2008) e Cesaíre (1978), pois segundo estes dois autores, a Europa no seu processo de expansão comercial e cultural, estabeleceu uma hierarquia entre as ditas raças: branca, negra; amarela e ameríndia, nas quais o homem branco estava no topo da pirâmide evolutiva e que os outros povos deviam ser subjugados a eles. Mas não só isso, para legitimar tal ideia segundo Fanon (2008) foi erigida uma hierarquia não só de raça, mas de cultura e religião, na qual aquilo atrelado ao homem branco denotava evolução, poder, riqueza, cultura e tudo o que puder ser considerado como bom, e sobre os negros africanos recaíram o atraso, a demonização, a involução, a indolência e qualquer tipo de aspecto ruim.

O que é preciso entender é que dentro desse quadro que traduz grande parte da história do negro e do branco no Brasil, também se inserem duas noções que segundo Mbembe (2016; 2019(a); 2019(b)) vão se chamar o devir negro do mundo e a necropolítica, o qual o autor demonstra como o processo de desumanização, violência, genocídio e guerras legitimadas por um estado de exceção¹⁶, estão vinculadas aos processos coloniais no mundo que estabeleceram

¹⁶ Teoria de Giorgio Agamben: O estado de exceção tornou-se um dispositivo provisório para situações de perigo, que hoje se tornou um instrumento de norma e conduta de governo diante de inimigo imaginado e criado. No Brasil

as regras do jogo para não só desumanizar os negros e aqueles que a posterior podem ocupar este lugar -grupos entendidos como minorias¹⁷-, mas como também através de um processo necropolítico esses indivíduos caracterizados como sub-humanos podem ser mortos em nome da sociedade e do progresso. Mbembe traz ainda no seu discurso a ideia de como a colônia se configura o exemplo perfeito para o estado de exceção, e que neste espaço coisas que não são aceitas na metrópole, não só são aceitas, como legitimadas na colônia, e uma vez que se estabelece essa noção é possível parafrasear o autor dizendo que aquilo que é aceito e legitimado no morro, na favela e na periferia por uma alusão ao estado de exceção que vilipendia e mata negros na sociedade brasileira, não é permitido no asfalto onde pessoas brancas habitam e comandam.

Em “Democracias espectrais: por uma desconstrução da colonialidade” Moraes (2020) aponta para os fantasmas espectrais que estão inseridos na democracia brasileira, esses fantasmas espectrais trazem no seu interior esse não-lugar que pessoas não brancas habitam, legitimados por uma ideia da negação do espírito como lógica de manutenção da desumanização, violência, genocídio e diferentes formas de reconhecimento e tratamento:

A negação de um espírito para os povos do sul é constituinte da metafísica ocidental, que compreendia os povos do sul em seu edifício como sendo carentes de espírito, porém fortes no corpo. Essa construção teórico-filosófica-teológica vai implicar desde a escravização e a catequização até o genocídio; desde a exploração do trabalho e a exploração sexual até os discursos de privatização da coisa pública. Ao negar aos

como fenômeno social, o Estado de Exceção brasileiro está atrelado a prática do terrorismo racial praticado contra os afro-brasileiros. O controle de mobilidade da população afro-brasileira é exercido por uma espécie de vigilância panóptica, no qual transforma a pessoa negra em prisioneiro de si através de uma política de prevenção, de vigilância algorítmica racial ou de um vigiar e punir implacável por parte do direito penal eugenista e etnocêntrico. Da perspectiva do Estado autoritário e supremacista racial, o cidadão preto se transformou em um terrorista epidérmico. O cidadão negro é um suspeito, numerado, como em Auschwitz, onde cada deportado tinha seu número, nessa mesma conjugação e possível perceber nas favelas e comunidades como o CEP (Código de Endereçamento Postal) desses indivíduos os colocam em uma posição social na qual o estado adentra esses espaços sem levar em conta o uso de ordens judiciais ou até mesmo com uma preocupação de dano letal que pode ser ocasionado pela forma brusca, inconsequente e destrutiva com a qual o estado adentra esses espaços, logo muito perto da civilidade e espaço de direito que se configura no asfalto, estão os morros, favelas e comunidades aos quais o estado de exceção impera.

¹⁷ É importante ressaltar que minorias aqui neste trabalho não está relacionado diretamente a uma ordem numérica do ponto de vista estatístico da sociedade, mas a uma percepção de minoria no que tange a inserção no meio político que pode propiciar mudanças estruturais, logo podemos pensar a importância de uma representatividade positiva dentro dos espaços de poder, uma vez que a ausência dessa representatividade acaba por ocasionar políticas públicas que não levam em consideração a real necessidade de grupos tidos como minorias, que por exemplo se pensarmos no contexto social brasileiro no qual segundo dados do IBGE (2022) cerca de 56% da sociedade brasileira se autodeclara negra (aglutinação de negros retintos e pardos), seria corriqueiro pensar que esse grupo estaria bem representado dentro da sociedade brasileira no que tange a espaços de poder político e sociais, seja como representantes diretos na política nacional, ou em cargos de comando, entretanto como veremos mais à frente o que ocorre é que este grupo além de não estar bem representado nessas esferas de poder, o que se percebe no contexto social brasileiro além da sub-representação é um descaso em relação ao bem estar social deste grupo.

povos negros e indígenas um espírito, o invasor europeu se achava no direito de escravizar, de explorar, de estuprar e assassinar sem peso na consciência, uma vez que, carentes de espírito, esses povos possuíam o corpo como o lugar da marca do pecado original e, por esse motivo, mereciam ser usados, tal como coisas, como objetos, como máquinas. Nesse sentido, esses povos que carregariam a marca do pecado no corpo, ausente do puro espírito santo, tinham tendências a se corromper, já que a carne corrompe. Essa mentalidade se repete até os dias de hoje quando escutamos de um político que o problema do Brasil é sua herança indígena e africana, que constituiu um brasileiro corrupto. A partir desse argumento racista que data de mais de 500 anos, chega-se à conclusão que, por ser corruptível, o brasileiro não seria capaz de gerir a coisa pública, sendo mais interessante deixar aos povos do norte que, sendo mais espírito, são mais racionais do que nós, pessoas desejanças. Assim se dá a lógica de purificação do espírito e do corpo. (MORAES, 2020, p.26)

Dentro dessa lógica que começamos a desnudar os espectros¹⁸ presentes em nossa democracia, que de forma delirante e esquizofrênica nos coloca nessa dualidade do reconhecimento do “eu” (indivíduo branco) e o não reconhecimento dos “outros” (negros, indígenas e grupos de minorias). E nesse tocante impende refletir o que é realmente democracia e estado e como os mesmos deveriam funcionar, e mais uma vez como num ato fantasmagórico de repetição citar Moares (2020, p. 40) se faz necessário:

A democracia e o Estado funcionam a partir de uma repetição espectral, na qual o

¹⁸ Segundo (MORAES, 2020, p. 38-39) “O espectro possui em sua estrutura uma força desconstrutiva que resiste, em primeiro lugar, às oposições metafísicas binárias. Não sendo nem sensível, nem inteligível, o espectro é sem substância sem essência, nem vivo, nem morto, transita entre o mundo dos vivos e dos mortos, entre o presente e o ausente, ou seja, não possui existência. A espectralidade resiste às categorias clássicas da filosofia ocidental, sempre assombrando-as, fazendo-se, de uma certa maneira, uma forma de presença-ausente. Sob a lógica do ver sem ser visto, o espectro opera pela prática estratégica do fantasma, um efeito de viseira, tal como o encontro de Hamlet com o espectro do seu pai no alto da torre, no qual ele vê o corpo do espectro, mas não o espírito, não o que está por trás da viseira. Para além do cálculo por uma outra temporalidade, o fantasma é aquele que começa pela repetição. Desde sua aparição, todo fantasma surge em uma dobra da temporalidade, sendo, desta maneira, vítima do recalque em filosofia.

A ideia de espectralidade surge para abalar a crença e a segurança no conceito de presença, pois o espectro é uma espécie de presença, mas que, perpassando o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, transita entre o presente e o ausente. Possuidor de uma estrutura corpórea de devir-corpo do fantasma, sua temporalidade está para além do presente e de uma anacronia. Sua estrutura permite não ser capturado pela presença presentificada, não se constituindo enquanto identidade e ser, o que impede que seu devir carne se materialize enquanto soberaneidade. Um espectro é sempre animado por um espírito, mas é necessário distinguir o espírito do espectro. Mas, o devir-corpo, o devir-matéria, o devir-carne do espectro realiza-se quando o espírito encarna no espectro, o espírito depende de ser obsidiado pelo espectro, para, então, aparecer.

O espectro é uma coisa (this thing), uma coisa que é inominável, não identificável, pois devido à sua invisibilidade a possibilidade de identificação, não é uma coisa no sentido daquilo que é verificável e nominável. Essa coisa que é o espectro não possui corpo, nem carne, nem osso. O espectro é aquilo que embaralha a identificação e a compreensão do sentido diante da sua presença. Ele nos enxerga, mas não conseguimos apreendê-lo pelos sentidos. As tentativas constantes de conjurá-lo nunca são suficientes, porquanto, ele é incapturável. Nesse sentido, a realidade é fantasmática, sob a categoria da espectralidade; em todos os campos da sociedade, a lógica do espectral determina muitas vezes as condições e os andamentos no que implica os discursos e as práticas políticas. O espectro é o por vir, sendo uma ameaça, pois nunca sabemos quando e quem chega. O risco desse espectro está na possibilidade de tomar corpo, se corporificar e se realizar, ganhando corpo, já que ele possui em sua estrutura um devir-carne do corpo. O espectro pode resgatar, trazer consigo um passado, algo que estava recalado, reprimido, mas também, algo novo, uma vez que é sempre direcionado ao futuro. Esses riscos podem abalar as estruturas sólidas e a garantia do sono tranquilo do presente que espera, relaxado, o futuro.”

espírito do Ocidente é assombrado por espectros. Em nome de uma justiça por vir, é preciso falar desses espectros; uma justiça que estaria no direito e para além do direito, em nome de uma responsabilidade, dos que estão mortos e dos que estão para nascer, vítimas das violências de todos os tipos. Por isso, é preciso conjurar, invocar, convocar os fantasmas do passado, que foram excluídos, exorcizados, para que se faça justiça, atuando de forma contra-hegemônica, antirracista, antissexista, anti-imperialista, contra a interpretação e o poder dominante, exorcizando a plenitude do espírito do Ocidente. A conjuração é uma aliança, sem dúvida, às vezes uma aliança política, tanto ou quanto secreta, senão tácita, um complô ou uma conspiração (DERRIDA, 1994(a), p. 70)

1.2 Legislações e leis racializadas

Já neste ponto é possível observar um esforço hercúleo de pôr nas estruturas da sociedade brasileira um projeto no qual negros não possuíssem espaço, e somam-se a este projeto inúmeros casos que podem elucidar o pensamento em relação ao projeto de racismo estrutural¹⁹ instrumentalizados em dispositivos jurídicos biopolíticos racialistas, como por exemplo: no período imperial a constituição de 1824 que apesar de instituir a igualdade perante a lei, a mesma não inseria os negros oriundos do continente africano, nem os já escravizados que nasciam em solo brasileiro em pé de igualdade de direitos, os diferenciando como objetos semoventes (escravos), destituindo assim os mesmos de qualquer humanidade (BARAVIERA, 2005).

Carlos Eduardo Moreira de Araújo em sua tese de doutorado intitulada “Cárceres imperiais: A casa de correção do Rio de Janeiro . Seus detentos e o sistema prisional no Império, 1830 – 1861” nos oferece um panorama interessantíssimo no que se refere ao tratamento dado a negros escravizados e africanos livres no período colonial e imperial ao relatar de forma muito detalhada as construções referentes ao sistema prisional no Brasil império. Araújo (2009) demonstra que antes do período imperial o tratamento dado aos escravizados passava muita das vezes pelo crivo de seu senhor, que como proprietário do mesmo possuía autonomia no seu trato, seja ele na condução do bem estar do escravizado, seja nos corretivos e punições a eles atribuídos, cabendo apenas a ordem pública punições quando o cativo de alguma forma estava a ferir a ordem pública²⁰. Quando adentramos o período imperial vários pontos demonstram

¹⁹ O conceito racismo estrutural aqui utilizado e balizado pelo pensamento de Silvio Almeida e que na síntese do autor se caracteriza pelo pensamento de que “Todo o racismo é estrutural porque o racismo não é um ato, o racismo é processo em que as condições de organização da sociedade reproduzem a subalternidade de determinados grupos que são identificados racialmente”.

²⁰ Quando apontamos a questão do escravizado ferir a ordem pública estamos a pontuar os casos de insurgência dos escravizados, seja as fugas, seja a criação e manutenção de quilombos, seja algum delito que atentasse contra

uma condução esquizofrênica no que se refere as leis e aquilo que era praticado no dia a dia.

Neste ponto algumas questões devem ser levantadas, pois em 1831 se instituía a lei que proibia o tráfico transatlântico para o Brasil sob a égide do império britânico que possuía grande influência sobre o império português, porém dentro do imaginário social brasileiro e no dia a dia no trato seja de afro-brasileiros escravizados seja do que seria a por vir ser africanos livres²¹, a condição destes indivíduos era legada a sub-humanidade. Por mais que a lei de proibição tenha saído devido à pressão britânica, o que se passava dentro cenário político era totalmente o contrário da lei instituída:

Na verdade a primeira proibição do tráfico de africanos de 1831 foi assinada muito mais para aliviar a pressão britânica do que por uma questão de adesão ao projeto abolicionista inglês. O império dependia do trabalho escravo, suas elites não abririam mão tão facilmente de suas propriedades. Se levassem ao pé da letra as disposições da lei de 1831, logo estariam às voltas com discussões sobre a abolição total da escravidão, idéia que contava com pouquíssimos partidários à época. As reações à proposta de Aureliano Coutinho foram imediatas. Muitos deputados encararam o tratado como uma afronta à soberania do império, um atestado de incompetência. (ARAÚJO, 2009, p. 53)

Ao pararmos para analisar melhor os efeitos deletérios dessa distorção entre a lei instituída e o que de fato ocorre no império, que fica inteligível a noção que se perpetua até hoje no Brasil, que em forma de ditado popular, surge na atualidade de forma espectral que é “Lei para inglês ver”. Esse ditado está relacionado justamente a proibição do tráfico transatlântico, pois se em lei o tráfico estava proibido, quando adentramos os contextos historiográficos do período o que se tinha era a conivência por parte de todo aparato governamental na manutenção do tráfico, seja pelo fato dos navios entrarem no Brasil de forma clandestina e os aparatos policiais encobertarem tais ações quando necessário, seja quando as embarcações clandestinas eram apreendidas e o estado sob o pretexto de não ter mão de obra. Nem meios para empreender obras públicas utilizavam esses indivíduos traficados, conhecidos como africanos livres como

a vida de seus senhores, nestes casos existia um forte apelo social para que a punição servisse de aviso aos outros cativos que aquelas condutas eram reprováveis e as mesmas seriam alvo de punições públicas com toda a crueldade imaginável, seja no desferimento de açoites em praça públicas em pelourinhos, seja na pena de morte por enforcamento, esquartejamento entre outros, no período colonial se insurgir contra a estrutura escravocrata era passível de todo peso de violência que o estado colonial poderia desferir.

²¹ Africanos livres era o nome dado a indivíduos negros traficados de África pós a proibição do tráfico transatlântico, uma vez que com a lei esses indivíduos a priori, não poderiam ser comercializados, porém, os mesmos não eram levados de volta a seu continente e permaneciam em solo brasileiro, sob esse termo de africanos livres, mas em ultima instancia estes não se diferenciavam muito dos afro-brasileiros escravizados, uma vez que não estavam em suas localidades de origem, não possuíam meios para o retorno do seu traslado os mesmos eram tutelados pelo império português que tinha sede neste momento no Rio de Janeiro, estes indivíduos ao fim foram utilizados como mão de obra sem remuneração, apenas tendo quando muito acesso a estadia e alimentação, o que se pararmos para analisar não diferia muito da condição do escravizado, a diferença a priori que estes eram tutelados pelo estado e vinham de África após a lei de proibição. (ARAÚJO, 2009)

mão de obra para o empreendimento de obras públicas, sem que os mesmos recebessem nenhum soldo, ou seja, mesmo que estes africanos livres não estivessem na condição de escravizados pela lei o que se tinha na realidade era uma nova modalidade escravista de forma escamoteada (ARAÚJO, 2009). Logo quando vemos os processos que levam pessoas negras ainda no século XXI no Brasil a trabalharem em regimes análogos a escravidão, só estamos vendo um processo de repetição espectral neste momento.

Não perdendo de vista a questão espectral do ditado popular de lei para “Inglês ver”, entendendo que a repetição pode trazer no seu interior algo de diferente, impede a reflexão de quantas leis existem no Brasil de teor progressista em relação a direitos humanos e dignidade humana, que apenas estão postas para inglês ver, ou seja, não são levadas realmente a cabo em relação a sua formalização legal, aqui estamos a falar dos desmandos do período imperial, porém, sob a ótica espectral me ponho a avançar um pouco mais de um século para reflexão do exposto a seguir. Um exemplo esquizofrênico desse ditado da “Lei para inglês ver” estão nas leis brasileiras relacionados a discriminação racial e racismo, podemos abordar está em relação a própria constituição federal brasileira de 1988 que em seu artigo 5º inciso XLII, determina que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito de reclusão nos termos da lei” (BRASIL, 1988), a lei nº 7716 mais conhecida como lei CAÓ de 1989 que em síntese criminaliza as contravenções estipuladas na constituição de 1988 no artigo 5º e complementa ao situar a diferença de tratamento dado a pessoas negra no Brasil, explicitando que é crime impedir o:

Impedir, negar ou recusar o acesso de alguém a: emprego, estabelecimentos comerciais, escolas, hotéis, restaurantes, bares, estabelecimentos esportivos, cabeleireiros, entradas sociais de edifícios e elevadores, uso de transportes públicos, serviço em qualquer ramo das Forças Armadas;

Impedir ou obstar o casamento ou convivência familiar e social;

Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, incluindo a utilização de meios de comunicação social (rádio, televisão, internet etc.) ou publicação de qualquer natureza (livro, jornal, revista, folheto etc.).(GELEDÉS, 2015)

Porém, no dia a dia do brasileiro são inúmeras as denúncias de casos que contrapõem estas leis, pois gesta no imaginário social do brasileiro a repetição espectral no sentido de manter as estruturas racializadas que são nutridas desde o período colonial, por mais que tenham leis que a priori deixe claro que todos são iguais e devem ser respeitados.

Mas voltando ao período imperial a lei de 1837 que no 3ª artigo inciso 2ª que proibia os escravos, e os pretos Africanos, ainda que fossem livres ou libertos de frequentar as escolas

públicas²² (BARROS, 2016); ou a lei de terras de 1850 que impossibilitava negros e indígenas o direito à terra (WESTEIN, 2020)²³; a lei dos vadios e capoeiras de 1890 no decreto nº 847 do código penal que tinha como objetivo prender qualquer pessoa negra que estivesse na rua sem que pudesse comprovar que trabalhava e tinha residência fixa, que servia como uma espécie de lei que coibia qualquer tipo de agrupamento de negros, seja para rodas de capoeira ou qualquer manifestação cultural negra (PAULINO; OLIVEIRA, 2020). Em 1888 e proclamada pela princesa Isabel a lei áurea que aferia a liberdade aos escravos sem nenhuma preocupação de como os mesmos seriam inseridos na sociedade brasileira, e em 1890 e proclamada a república, com a chegada da república as coisas não mudam muito, pois além dos negros alforriados não estarem na ordem do dia quando se refere a cidadania e direitos civis, José Murilo de Carvalho em seu livro a Cidadania no Brasil demonstra a condição do negro pós abolição:

No Brasil, aos libertos não foram dadas nem escolas, nem terras, nem empregos. Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas, para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os descendentes de escravos ainda viviam nas fazendas, uma vida pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiram-se às cidades, como o Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo. Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura como na indústria, foram ocupados pelos milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá, os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal

²² Para entender melhor o contexto no qual indivíduos escravizados, negros libertos e filhos de africanos livres estavam inseridos no contexto educacional brasileiro ver Surya Pombo de Barros no texto “Escravos, libertos, filhos de africanos livres, não livres, pretos, ingênuos: negros nas legislações educacionais do XIX”, no qual a autora demonstra de forma detalhada o processo de exclusão do indivíduo negro do contexto educacional, a partir da instituição de escolas no cenário brasileiro, neste artigo a autora traz outras legislações as quais ensejam a proibição direta e indireta de indivíduos negros ao ambiente educacional nos estados brasileiros no século XIX. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201609141039> > acessado em 31/10/2023.

²³ Em síntese a lei de terras estabelecia medidas para que as pessoas pudessem ter acesso à terra, uma vez que as terras brasileiras tinham como único dono a coroa portuguesa no período colonial e o império português no período imperial, e aqueles que as habitavam só possuíam suas concessões, tão pronto dentro do cenário político da época gestou a preocupação de que a lei de terras possibilitasse que qualquer pessoa tivesse a possibilidade de lograr meios de adquirir terras, o que incomodou a elite da época que detinha a posse das terras e se utilizava deste privilégio para poder se manter no poder e ainda explorar de forma voraz a mão de obra escrava, tido posto que nas próximas décadas leis de flexibilização da liberdade dos cativos negros brasileiros estavam a se desenrolar, e com o anseio destes negros escravizados, forros e outros grupos de indivíduos pobres pudessem ter acesso a terras, foi incorporada à lei de terras dispositivos de poder com intuito de impedir a incorporação de terras por esses grupos, como por exemplo altas taxas para legalização das terras, o que não impedia os grandes latifundiários, pois os mesmos haviam acumulado riquezas com a escravidão e a exploração das terras ao decorrer dos séculos que o regime colonial proporcionou, porém outros indivíduos que já neste mesmo tempo histórico foram desprovidos de qualquer acesso a acumulação de renda ficariam impossibilitados de adquirir terras, ainda os jogando de forma maniqueísta nos braços daqueles que antes já os espoliavam, ou seja, a lei de terras como ficou instituída manteve o status quo da elite latifundiária tanto no que tange ao acesso à terras quanto ao que tange o monopólio da exploração do trabalho. Para mais informações ver Ricardo Westin em “Há 170 anos, lei de terras oficializou opção do Brasil pelos latifúndios”, Senado federal, 2020. Disponível: < <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/ha-170-anos-lei-de-terras-desprezou-camponeses-e-oficializou-apoio-do-brasil-aos-latifundios#:~:text=Em%2018%20de%20setembro%20de,e%20nã%20em%20pequenas%20propriedades.>> > acessado em 29/10/2023.

pagos. As conseqüências disso foram duradouras para a população negra. Até hoje essa população ocupa posição inferior em todos os indicadores de qualidade de vida. É a parcela menos educada da população, com os empregos menos qualificados, os menores salários, os piores índices de ascensão social. Nem mesmo o objetivo dos defensores da razão nacional de formar uma população homogênea, sem grandes diferenças sociais, foi atingido. A população negra teve que enfrentar sozinha o desafio da ascensão social, e freqüentemente precisou fazê-lo por rotas originais, como o esporte, a música e a dança. Esporte, sobretudo o futebol, música, sobretudo o samba, e dança, sobretudo o carnaval, foram os principais canais de ascensão social dos negros até recentemente. As conseqüências da escravidão não atingiram apenas os negros. Do ponto de vista que aqui nos interessa - a formação do cidadão -, a escravidão afetou tanto o escravo como o senhor. Se o escravo não desenvolvia a consciência de seus direitos civis, o senhor tampouco o fazia. O senhor não admitia os direitos dos escravos e exigia privilégios para si próprio. Se um estava abaixo da lei, o outro se considerava acima. A libertação dos escravos não trouxe consigo a igualdade efetiva. Essa igualdade era afirmada nas leis mas negada na prática. Ainda hoje, apesar das leis, aos privilégios e arrogância de poucos correspondem o desfavorecimento e a humilhação de muitos. (...) (CARVALHO, 2002, p. 52-53)

Somado ao exposto acima já existia um plano imigratório para substituir a população negra no mercado de trabalho, confluindo ainda com a ideia de extirpar qualquer traço cultural e de costumes afro em detrimento da cultura e costumes trazidos pelos imigrantes europeus, como Gislene Aparecida dos Santos demonstra:

A preocupação com a nova ordem, a República, que vem substituir o Império decadente, colocava uma nova questão: que tipo de cidadão queremos para formar esta nação agora livre. Obviamente, não os escravos, pois a abolição já havia se efetuado, mas e os negros? Quais seriam as contribuições dos cidadãos negros à República?

O recurso à imigração evidencia o papel destinado aos ne-gros na nova ordem.

Segundo Carlos Vainer (1990, p. 18), o Estado brasileiro e suas classes dominantes propiciaram o desenvolvimento de uma política racial fundamentada no ideal de uma harmonia/democracia entre as raças e no branqueamento da população, daí facilitarem a imigração e proibirem a entrada de "indivíduos humanos" das raças de cor preta. A eugenia afirma-se como negócio do Estado: construção da nacionalidade, aperfeiçoamento da população. Oliveira Vianna foi o padrinho oficial desta idéia. (SANTOS, 2002, p.129)

Tido posto que a política imigratória tinha um claro teor racial engendrado em seu amago, é preciso entender que outras práticas foram sendo estabelecidas com intuito de manter o *status quo* racial brasileiro, pois mesmo com uma política pública que visava remodelar o Brasil aos padrões europeus, não era possível de uma hora para outra acabar com a população negra brasileira e nesse tocante que os ideais eugênicos entram em ação. Não é novidade que várias figuras importantes no cenário nacional proferiram discursos a favor da eugenia como Raimundo Nina Rodrigues, Sylvio Romero, Octavio Domingues, Renato Kehl, Arthur Neiva, Getúlio Vargas, Monteiro Lobato, Aníbal Silveira, Plínio Salgado, Oliveira Vianna entre tantos outros nomes que compõem todos os extratos da vida pública brasileira, seja na política, educação, medicina, direito, literatura entre outros. Este ponto é de extrema importância para

pensar como o pensamento eugênico entrou no cenário nacional e influenciou não só o imaginário social do brasileiro médio, como este pensamento estava inserido na obra e vida dos mais importantes atores do pensamento social brasileiro da época.

1.3 Educação eugênica e seus fantasmas que espectram o presente

Germinatti e Souza (2023) ao analisar as páginas do jornal *Correio Paulistano* entre a década de 1910 e 1920 analisam como os personagens do Partido Republicano Paulista (PRP) e outros atores que atuavam no jornal tiveram importante atuação na implementação do ideário da imigração europeia – que frisava através dos ideais de melhoramento humano (eugenia) trazer da Europa imigrantes brancos que ajudassem no avanço racial do país, nesse âmbito políticas restritivas também foram arroladas impedindo negros de qualquer parte do mundo, restringindo asiáticos, judeus, ciganos entre outros que não fossem europeus - trazendo ao debate questões sobre higiene, raça e medicina para prospectar o ideário fundante de uma “nova nação” com uma identidade nacional pautada no pensamento eugenista. Dentro desse projeto político nacional se cria o instituto brasileiro de eugenia que destaca alguns assuntos os quais nos próximos anos iriam culminar em propostas que entraram na constituição de 1934:

O “Boletim” precede à fundação do Instituto Brasileiro de Eugenia, cujos fundamentos estão sendo lançados pelos professores Ernani Lopes J. Porto Carrero. Murillo de Campos e Heitor Carrilho. É uma notícia auspiciosa, que deverá ser acatada com grande júbilo pelos círculos intelectuais de todo o país. Até aqui, nada de rigorosamente prático se pôde fazer, no Brasil, a respeito da seleção eugênica. A este princípio se prendem, como se sabe, inúmeras questões de importância primordial para a perfeita constituição da nossa raça, tais como imigração, hereditariedade, descendência e evolução, influências do meio, econômicas e sociais; mestiçagem, alimentação, etc (CORREIO PAULISTANO, 30/01/1929, p. 3 *apud* GERMINATTI; SOUZA, 2023, p. 111).

1 Movimento eugênico moderno – Conceito de eugenia – Organização prática de ação eugênica. 2 Tipos da população do Brasil [...]. 10 Aplicação humana das leis do cruzamento. 11 Os preconceitos antirraciais. 12 Variação e herança no homem. 13 A raça no ponto de vista antropológico e no ponto de vista sociológico. 14 O feminismo e a raça. 15 Educação moral e eugenia. 16 Educação eugênica em geral. Consciência da responsabilidade eugênica na família, nas escolas, nas Universidades. 17 Educação sexual e eugenia. 18 A esterilização eugênica dos tarados e criminosos. 19 Regulamentação eugênica do casamento – Idade, consanguinidade, mistura de raças, estado físico e mental – Exame pré-nupcial e certificado médico – Divorcio [...]. 30 O problema eugênico da imigração. 31 A mortalidade infantil [...]. 35 Luta contra os venenos da raça. 36 Luta contra as doenças venéreas. 37 Luta contra as doenças mentais. 38 Estatísticas dos tarados no Brasil (cegos, surdos-mudos, débeis mentais e atrasados, epiléticos, toxicômanos, alienados, vagabundos) (CORREIO PAULISTANO, 30/06/1929, p. 7 *apud* GERMINATTI; SOUZA, 2023, p. 111).

Estes dois trechos já ensaiam a abrangência a qual o movimento eugênico tinha

pretensão, pois dentro de um escopo geral se tinha a pretensão de interferir de forma transversal toda a vida da população brasileira, acessando a educação, saúde, pautas como a vida familiar e costumes, criando assim um manual de segregação étnica, propostas de esterilização em massa, de determinados grupos tidos como tarados e mau genitores e nesse caminhar proibir casamento interracialis que pudessem gerar crianças mestiças, tidas pelo pensamento eugenista como atraso e involução, Figueredo de Mello ao comentar o II Concurso de Eugenia explicava que:

Se atentarmos bem na significação da eugenia, e nos seus fins, como ciência, vemos que ela significa “geração boa”, e como ciência tem por fim concorrer para o aperfeiçoamento do físico e do mental das gerações futuras. Há dois meios de ação nos quais se divide a eugenia: É a ação restritiva e é a ação construtiva. A ação restritiva é a que tem por fim coibir pela legislação adequada proliferação de elementos maus genitores. A ação construtiva é a que tem por fim conseguir esse desiderato pela formação da consciência sanitária, pela educação higiênica do povo, e larga difusão dos princípios da eugenia (CORREIO PAULISTANO, 03/12/1929, p. 5 *apud* GERMINATTI; SOUZA, 2023, p. 112).

O Presidente Getúlio Vargas no que se refere a educação menciona por duas ocasiões a importância do ensino eugênico, a primeira vez no discurso proferido na Baía em 18 de agosto de 1933 e o segundo 3 meses depois na assembleia Nacional constituinte do dia 15 de novembro, nos dois discursos Vargas profere:

Todas as grandes nações, assim merecidamente consideradas, atingiram nível superior de progresso, pela educação do povo. Refiro-me á educação, no significado amplo e social do vocábulo: física e moral, eugénica e cívica, industrial e agrícola, tendo, por base, a instrução primaria de letras e a técnica e profissional. (VARGAS, 1933, p. 544)²⁴

Simone Rocha (2014) em seu texto “Educação eugênica na constituição brasileira de 1934” discorre sobre a importância dos boletins de eugenia e seus intelectuais para a formação de uma educação eugênica brasileira que influenciou tanto a constituição brasileira de 1934 quanto a 1937, introduzindo tanto na sociedade quanto no meio político, educacional e familiar um ideário eugênico. A autora faz análises a partir dos autores intelectuais da eugenia no Brasil, sendo os principais Renato Kehl e Octavio Domingues esses autores produziram uma vastíssima obra literária acerca da eugenia no Brasil, seja nos boletins a eugenia seja livros correlatos, esses escritos influenciavam diretamente os políticos do então PRP (Partido Republicano Paulista) que em 1933 adicionou em suas diretrizes um item que previa a “organização de um plano geral para o desenvolvimento da eugenia no Brasil” (ROCHA, 2014,

²⁴ Os dois discursos se encontram disponíveis no site gov.br na aba secretaria geral do ano 1933, Ver: <[1933 — Secretaria-Geral \(www.gov.br\)](http://www.gov.br)> acessar ao entrar na pesquisa mensagem lida perante a Assembleia Nacional Constituinte. No ato da sua instalação – parte 9 na página 544, e na instalação profissional e a educação moral, cívica e agrícola – discurso pronunciado na Baía na página 124.

p. 7), ao seguir da análise a autora demonstra como o ideário eugênico acaba por afetar a constituição de 1934 em seu artigo 138 inciso b e f:

- b) estimular a educação eugênica;
- f) adotar medidas legislativas e administrativas tendentes a restringir a moralidade e a morbidade infantis; e de higiene social, que impeçam a propagação das doenças transmissíveis; (CONSTITUIÇÃO, 1934)²⁵

Rocha (2014) ainda aborda como o ensino de educação física foi instituído no Brasil na constituição de 1937 e como o ensino de educação física tinha em seu seio embrionário os ideais eugênicos (ROCHA, 2014, p. 9), e no encaminhar demonstra como a temática da educação eugênica ganha espaços como Congresso Nacional de Educação, com a temática “Eugenia e Educação Física” e os discursos de parlamentares como Pacheco e Silva, a autora reforça a influência dos ideais alemães inseridos nesses discursos.

Em seu artigo mais recente que fala sobre “A educação como projeto de melhoramento racial: uma análise do art. 138 da constituição de 1934” Rocha traz a vista como o aparato público de saúde estava repleto de personagens que aderiram o pensamento eugênico e sintetiza a intenção da educação eugênica:

Há de se considerar que no Brasil a influência do discurso eugênico percorreu diversos setores como a imigração, a literatura, a medicina e principalmente as políticas relativas à educação; como fator de melhoramento da raça na busca de melhorias sociais para o país, os eugenistas justificavam suas ações ressaltando a importância da imigração branca e do desenvolvimento das boas “estirpes”, sendo esse o real objetivo da educação eugênica. Negros, mulatos, índios e asiáticos estariam a parte deste projeto social, pois sendo limitados às condições próprias de sua raça, não alcançariam o mesmo desenvolvimento que os elementos da raça branca. (ROCHA, 2018, p. 71)

Quando adentramos o espaço literário influenciado pelo pensamento eugênico o nome que se destaca é o de Monteiro Lobato. É notório a influência do autor no que tange ao público infante juvenil, pois até a atualidade a série Sítio do Pica-pau Amarelo (1920) continua a fazer sucesso, seja os livros, seja a série televisiva que teve inúmeras versões, a primeira versão exibida pela Rede Tupi de televisão entre 1952 à 1963, a segunda versão exibida pela Tv Cultura no ano de 1964, a terceira versão pela Rede Band de televisão entre 1967 à 1969, a quarta versão pela parceria Rede Globo, TVE Brasil e o Ministério da Educação e Cultura exibida entre 1977 à 1986 e a posterior a rede globo também fez mais uma versão da série Sítio do Pica-pau Amarelo entre 2001 à 2007. Em 2012 foi criada a versão animada que passou até 2016, mesmo depois de sérias críticas ao teor racista delas, ela continua ser um epíteto no imaginário social

²⁵ Constituição de 1934. Disponível: < [Constituicao34 \(planalto.gov.br\)](http://Constituicao34(planalto.gov.br)) > acessado em 11/11/2023.

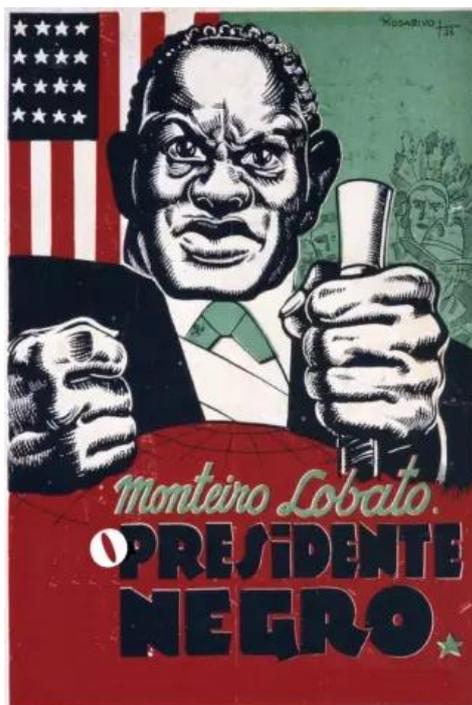
da juventude brasileira por mais de 96 anos. Porém, a obra do autor que se mostra no intuito de atenção devido ao seu caráter panfletário aos ideais eugênicos é “O Choque das Raças” (1926) e a posterior, devido a derrocada da versão que fora publicada nos Estados Unidos o livro foi reeditado com o nome “O presidente negro”.

Figura 2 Primeira versão de O choque das raças. 1926.



Fonte: Editora Nacional.

Figura 3 O presidente negro



fonte: DLivros Disponível: < <https://dlivros.com/livro/presidente-negro-monteiro-lobato> > acessado em 15/11/2023.

O choque das raças ou O Presidente Negro é o primeiro e único romance adulto de ficção científica escrita por Monteiro Lobato, e como anteriormente mencionado está obra demarca o posicionamento político de talvez um dos maiores influenciadores da literatura brasileira no século XX, a história acontece simultaneamente nos anos de 1928 e 2228 e no ano de 1928 podemos elencar pelo menos três personagens principais, Dr. Benson criador do “porviroscópio” dispositivo criado com intento de ver o futuro, Miss Jane que é sua filha e Ayrton que é cobrador da empresa Sá, Pato & Cia. Ayrton é uma pessoa de pouca instrução e seu grande sonho é comprar um carro. Lá pelas tantas Ayrton consegue comprar um carro o que possibilita um aumento e subida de cargo na empresa, logo Ayrton começa a fazer viagens de trabalho de carro e em uma dessas viagens Ayrton sofre um acidente automobilístico em Friburgo que é uma cidade do interior do Rio de Janeiro, esse é o momento de encontro com professor Benson, pois o mesmo que morava ali, decide socorrer Ayrton e leva-lo para sua casa. Ao ir para casa do professor Benson, Ayrton entra em contato com o “porviroscópio” e com Miss Jane, personagem que Ayrton se apaixona platonicamente ao decorrer do livro.

Ayrton acaba depois desse episódio virando frequentador assíduo da casa do professor Benson e mesmo depois da morte do professor, Ayrton continua a frequentar a casa, o professor

Benson antes de sua morte decide destruir o “porviroscópio”, porém Ayrton continua a ouvir os acontecimentos de 2228 pelos relatos de Miss Jane que vai lembrando os acontecimentos a Ayrton sempre aos domingos. E aqui começa a parte futurista do livro, pois com a ajuda do invento milagroso o “porviroscópio” Miss Jane relata a Ayrton a eleição em que acontece no ano de 2228 nos Estados Unidos da América e alguns acontecimentos do Brasil, os discursos racialistas presentes no racismo científico e os princípios eugênicos ensinados por Francis Galton são os ideários que compõem toda a trama da história, seja a mentalidade de que as raças possuem atributos físicos e morais inatos a cada grupo, nos quais a selvageria, pulsão sexual, criminalidade e outros traços que no livro serão consideradas taras são atribuídas ao grupo negro e tudo que exorta de bom, belo e intelectual advém da raça branca, na história também é criado um “despigmentador” que deixa os negros esbranquiçados, o que demarcaria a identidade negra seria apenas o cabelo que é descrito pelo autor como cabelo “carapinha” e no decorrer da história se resolve quando o inventor Dubley inventa os raios ômega que alisam os cabelos.

Em 2228 a eugenia ganha força e os aparatos públicos dos estados são norteados pelo pensamento eugênico, logo se tem órgãos que verificam natalidade, autenticidade de raça, controle de casamento, para que indivíduos não se miscigenem entre tantos outros. No futuro há também o grande acontecimento que norteia grande parte da história que é a eleição norte-americana disputada por três partidos distintos, o primeiro partido é o Partido Masculino (PM) representado pelo então presidente eleito Kerlog, com 51 milhões de eleitores; o segundo é o Partido Feminista (PF) por Evelyn Astor com 51 milhões de eleitores e o terceiro é o Partido Negro (PN) com Jim Roy com 54 milhões de eleitores. Alguns pontos devem ser esclarecidos, primeiro o número de eleitores é somente daqueles votantes, crianças e idosos não estão incluídos, o partido masculino é composto apenas de homens brancos, o partido feminista é composto apenas por mulheres brancas e o partido negro é composto por homens e mulheres negras, o que permite que Jim Roy seja um candidato viável é o fato da cisão entre homens e mulheres brancos. Ao fim Jim Roy ganha a disputa da eleição e como uma forma de conter os negros na modificação dos status quo estabelecido, influenciados pelo medo branco, decidem usar os raios ômega inventado por John Dubley, que serviriam para alisamento de cabelo negros, e por detrás dos panos esterilizaria todos os negros do país, tudo financiado e executado pelo estado, e se não bastasse a eliminação em massa do futuro negro do país, um dia antes da posse de Jim Roy o mesmo é morto e decapitado em seu gabinete. Fora isso também é veiculado ideias de expatiação de negros do continente americano, ou ainda a cisão da parte sul do Brasil se juntando com Argentina e Paraguai formando assim a grande república do Paraná, segue

alguns trechos da obra do autor para averiguação dos dados.

—Está tudo muito bem, adverti eu, mas nos Estados Unidos não penetraram apenas os elementos espontâneos que miss Jane aponta. Entrou ainda, a força, arrancado da África, o negro. —Lá ia chegar. Entrou o negro e foi esse o único erro inicial cometido naquela feliz composição. — Erro impossível de ser corrigido, aventurei. Também aqui arrostamos com igual problema, mas a tempo acudimos com a solução prática — e por isso penso que ainda somos mais pragmáticos do que os americanos. A nossa solução foi admirável. Dentro de cem ou duzentos anos terá desaparecido por completo o nosso negro em virtude de cruzamentos sucessivos com o branco. Não acha que fomos felicíssimos na nossa solução? Miss Jane sorriu de novo com o meigo e enigmático sorriso do professor Benson. — Não acho, disse ela. A nossa solução foi medíocre. Estragou as duas raças, fundindo-as. O negro perdeu as suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável porá de caráter, conseqüente a todos os cruzamentos entre raças dispares. Caráter racial é uma cristalização que às lentas se vai operando através dos séculos. O cruzamento perturba essa cristalização, liquefa-la, torna-a instável. A nossa solução deu mau resultado. (LOBATO, EPUB, p. 94)

— Isso mesmo. Daí a qualificação de maquiavelico dada ao sistema. Os mais perfeitos tipos de beleza plástica, as mais fortes inteligências, os mais puros valores morais, eram descobertos onde quer que florescessem e seduzidos, de modo a, mais cedo ou mais tarde, se localizarem na Canaã americana. Por fim achou-se o país bastante povoado; e a mentalidade proibicionista, assustada com o espectro do super-povoamento, suplantou a imigracionista. Fecharam-se todas as portas ao fluxo europeu e a nação passou a crescer vegetativamente apenas. Data daí a “inflação do pigmento”. Até essa época a população negra representava um sexto da população total do país. A predominância do branco era pois esmagadora e de molde a não arrastar o americano a ver no negro um perigo sério. Mas com o proibicionismo coincidiu o surto das ideias eugenísticas de Francis Galton. As elites pensantes convenceram-se de que a restrição da natalidade se impunha por mil e uma razões, resumíveis no velho truísmo: qualidade vale mais que quantidade. Deu-se então a ruptura da balança. Os brancos entraram a primar em qualidade, enquanto os negros persistiam em avultar em quantidade. Foi a maré montante do pigmento. Mais tarde, quando a eugenia venceu em toda a linha e se criou o Ministério da Seleção Artificial, o surto negro já era imenso. — Ministério da Seleção Artificial?

— Sim. O grande Ministério, o verdadeiro fator da espantosa transformação sofrida pelo povo americano. O seu espírito criador, a coragem de enveredar por sendas novas sem esperar que outros o fizessem primeiro, deu àquele povo um enorme avanço sobre os demais. Essas restrições melhoraram de maneira impressionante a qualidade do homem. O número dos mal-formados no físico desceu a proporções mínimas - sobretudo depois do resurgimento da sábia lei espartana.

— A que matava no nascedouro as crianças defeituosas? exclamei arrepiado. Tiveram eles a coragem de fazer isso? —Se o senhor Ayrton visse, como eu vi, o resultado dessa e de outras leis semelhantes, só se admiraria da estupidez do homem em retardar por tanto tempo a adoção de normas tão fecundas. Entre cortar no início o fio da vida a uma posta de carne sem sombra de consciência e deixar que dela saia o ser consciente que vai vegetar anos e anos na horrível categoria dos “desgraçados”, a crueldade está no segundo processo. A lei espartana reduziu praticamente a zero o número dos desgraçados por defeito físico. Restavam os desgraçados por defeito mental. —De número infinito... —Esses foram impedidos de se reproduzirem pela Lei Owen, fruto das grandes ideias pregadas por Walter Owen. Walter Owen foi o verdadeiro remodelador da raça branca na América. Apareceu cento e poucos anos antes do choque das raças com o seu famoso livro O Direito de Procriar, onde lançava os fundamentos do Código da Raça, conjunto de leis tão sábias e fecundas em resultados que, podemos dizer, a Era Nova da raça humana datou da sua promulgação. A lei Owen, como era chamado esse Código da Raça, promoveu a esterilização dos tarados, dos mal-formados mentais, de todos os indivíduos em suma capazes de prejudicar com má prole o futuro da espécie. Só depois da aplicação de tais leis é que foi possível realizar o grandioso programa de seleção que já havia empolgado

todos os espíritos. Os admiráveis processos hoje em emprego na criação dos belos cavalos puro-sangue passaram a reger a criação do homem na America. —E lá se foram os peludos!... (LOBATO, EPUB, p. 97-98)

A solução branca... — Já sei! exclamei aflito por acertar uma só vez que fosse. A solução branca era expatriar o negro!... — Muito bem! confirmou miss Jane, alegre de ter-me proporcionado um inocente prazer mental. Queriam os brancos a expatriação dos negros para o . . . — Vale do Amazonas! exclamei de novo, radiante do meu sucesso anterior e esperançoso de segunda vitoria. Dias antes eu lera não sei onde uma qualquer coisa que me deixara entrever isso. — Bravos! Nesse andar vai o senhor Ayrton substituir com vantagem o nosso porviroscopio perdido. Para esse vale, sim. O antigo Brasil cindira-se em dois países, um centralizador de toda a grandeza sul-americana, filho que era do imenso foco industrial surgido ás margens do rio Paraná. Com as cataratas gigantescas ao longo do seu curso, acabou esse fecundo Nilo da America transformado na espinha dorsal do país que em eficiencia ocupava no mundo o lugar imediato aos Estados Unidos. O outro, uma republica tropical, agitava-se ainda nas velhas convulsões políticas e filologicas. Discutiam sistemas de voto e a colocação dos pronomes da semi-morta lingua portuguesa. Os sociologos viam nisso o reflexo do desequilíbrio sanguíneo consequente á fusão de quatro raças distintas, o branco, o negro, o vermelho e o amarelo, este ultimo predominante no vale do Amazonas. Não pude deixar de estremecer diante das revelações de miss Jane sobre o futuro do meu país. — Que tristeza, miss Jane! exclamei compungido. Pois vai dar-se isso então? — Não vejo motivos para a sua tristeza, respondeu ela. Acho até que a divisão do país constitui uma solução otima, a melhor possível, dado o erro inicial da mistura das raças. A parte quente ficou a sofrer o erro e suas consequencias; mas a parte temperada salvou-se e pode seguir o caminho certo. A sua tristeza vem da ilusão territorial. Mas reflita que a muita terra não é que faz a grandeza de um povo e sim a qualidade dos seus habitantes. O Brasil temperado, além disso, continuou a ser um dos grandes países do mundo em territorio, visto como fundia no mesmo bloco a Argentina, o Uruguai e o Paraguai. Enchi-me de orgulho patriótico e sem querer levantei-me da cadeira com um hurrah entalado na garganta. — Vencemos a Argentina, então? Conquistamos todo o Prata? — Errou desta vez, senhor Ayrton. Não houve guerra, nem conquista de qualquer especie. Os povos deste sul abriram os olhos a tempo, viram que a espinha dorsal da zona era o rio Paraná e foram-se arrumando ao longo das suas quedas como costelas, formando um todo unico, mais ligados pelos interesses economicos e geograficos do que por vinculas de sangue. — Mas a velha rivalidade entre brasileiros e argentinos? — Não passava de uma ingenua voz de sangue. Brasileiros e argentinos, descendentes de lusos e espanhois, encampavam sem o saber o velho antagonismo que sempre dividiu a península iberica. Mas tantas ondas de sangue novo despejou cá a imigração, que o elemento inicial luso-espanhol foi suplantado e não teve forças para perpetuar a ingenua rivalidade hereditaria.

Mas por que dividiram o Brasil? perguntei ainda mal consolado. Era só povoar o norte da mesma maneira que o sul. . . — Um país não é povoado como se quer, senhor Ayrton, ou como apraz aos idealistas. Um país povoa-se como pode. No nosso caso foi o clima que estabeleceu a separação. Dos europeus só os portugueses se aclimavam na zona quente, onde, graças ás afinidades com o negro, continuaram o velho processo de mestiçamento, acabando por formar um povo de mentalidade incompatível com a do sul. Mas voltemos á America do Norte. O nosso caso é o americano. Mais tarde revelarei ao senhor Ayrton o que se passou no Brasil e como surgiu a grande Republica do Paraná. Estavamos na solução branca, e direi que todos os brancos americanos só queriam uma coisa: exportar, despejar os cem milhões de negros americanos no vale do Amazonas. Isso, entretanto, constituia uma empresa formidavel ou, melhor, impraticavel, não só em virtude de tremendas dificuldades materiais como por ferir de face a Constituição Americana. O pacto fundamental do grande povo era profundamente sabio, tão sabio que conseguira elevar a antiga colonia inglesa á liderança universal e, pois, gozava de um respeito na verdade supersticioso. Essa carta impedia uma duplicidade de tratamento para cidadãos iguais entre si perante a sua serena majestade de lei substantiva. Já os negros se batiam por uma solução muito mais viavel e justa. Queriam a divisão do país em duas partes, o sul para os negros e

o norte para os brancos. Alegavam que era a America tanto de uma raça como de outra, visto como saíra do esforço de ambas; e já que não podiam gozar juntas da obra feita em comum, o razoavel seria dividir-se o territorio em dois pedaços. Mas como os brancos preferiam continuar no status-quo a resolver o caso por esse processo, o problema racial permanecia de pé, cada vez mais ameaçador. Dez anos antes começara a aparecer na cena americana um vulto de excepcional envergadura: Jim Roy, o negro de genio. Tinha a figura atletica do senegalês dos nossos tempos, apesar da modificação craniana sofrida por influencia do meio. Tal modificação o aproximava do tipo dos antigos aborígenes encontrados por Colombo. Era esse, aliás, o tipo predominante no país inteiro, e cada vez mais acentuado depois que a interrupção da corrente imigratoria permitiu um evoluir etnico não perturbado por injeções estranhas. Até na tez levemente acobreada começava a transparecer nos americanos a misteriosa influencia do ambiente geografico. — Engraçado! Quer dizer que com o tempo todos iam virando indios... — Não quer dizem bem isso, e sim que se aproximavam um pouco do tipo amerindio, no que pude observar. Talvez que dentro de vinte ou trinta mil anos a sua hipótese esteja realizada. Infelizmente o aparelho que meu pai construiu não ia além do ano 3257. Em Jim Roy a sua semelhança com um mestiço de senegalês e pele vermelha (coisa impossível, pois de ha muito já não existia um só indio na America) acentuava-se pela cor da pele, nada relembrativa da cor classica dos pretos de hoje. — Influencia do meio? — Não. Não foi isso milagre da influencia do meio, nem era coisa singular, privativa de Jim Roy. Quasi toda a população negra da America apresentava pele igual á sua. A ciencia havia resolvido o caso de cor pela destruição do pigmento. De modo que se Jim Roy aparecesse diante de nós hoje, surpreenderia da maneira mais desconcertante, visto como esse negro de raça puríssima, sem uma só gota de sangue branco nas veias, era, apesar de ter o cabelo carapinha, horrivelmente esbranquiçado. — Albino? — Não albino. Esbranquiçado - um pouco desse tom duvidoso das mulatas de hoje que borram a cara de creme e pó de arroz... — Barata descascada, sei. — Mas nem eliminando com os recursos da ciencia o característico essencial da raça deixavam os negros de ser negros na America. Antes agravavam a sua situação social, porque os brancos, orgulhosos da pureza etnica e do privilegio da cor branca ingênita, não lhes podiam perdoar aquela camouflagem da despigmentação. Era Jim Roy na realidade um homem de imenso valor. Nascera fadado a altos destinos, com a marca dos condutores de povos impressa em todas as facetas da sua individualidade. Como organizador e meneador talvez superasse os mais famosos organizadores surgidos entre os brancos. A historia da humanidade poucos exemplos apresentava de uma eficiencia igual á sua. Consagrara-se desde muito jovem á execução dum plano de genio, traçado nas linhas mestras com a mais perfeita compreensão do material humano sobre que pretendia agir. (LOBATO, EPUB, p. 100-104)

Bastou um seculo de inteligente e sistemática aplicação dessas leis aureas para que o povo americano se alçasse a um grau de elevação física, mental e moral que nem o proprio Owen chegara a sonhar. Fecharam-se as prisões e com elas os hospitais, os hospícios e asilos de toda especie. E os sociologos da epoca entraram a assombrar-se da estupidez dos seus ancestrais... - ... que passavam a vida lutando contra os produtos do mal sem terem a ideia de suprimi-lo com supressão da má semente. Até a miseria, cancro julgado pelos velhos filosofos como contingencia humana, viu-se gradualmente extinta á proporção que o progresso seletivo operava os seus logicos efeitos. Com ela desapareceram automaticamente a prostituição e as formas baixas do crime. O direito de reprodução passou a ser regido pelo Código da Raça, o mais alto monumento da sabedoria humana. Só quem apresentasse a serie completa de requisitos que a Eugenia impunha - requisitos que assegurassem a perfeita qualidade dos produtos, é que recebia o ministerio da Seleção Artificial o brevet de “pai autorizado”. (LOBATO, EPUB, p. 159)

Já o pigmento fôra destruido e, embora o esbranquiçado da pele não se revelasse cor agradável á vista, tinham esperança de obter com o tempo a perfeita equiparação cutanea. Vir agora, e assim de chofre, o resto, o cabelo liso e sedoso, a supressão do teimoso estigma de Cam, era, não havia duvida, sinal de um fim de estagio. Reduzidas desse modo as duas características estigmatizantes da raça, o tipo africano melhorava

a ponto de em numerosos casos provocar confusão com o ariano. Entre a miss naturalmente branca e loura e a negra despigmentada e omegada pelo processo Dudley, era quasi nula a diferença. (LOBATO, EPUB, p. 174)

Subito, porém, ás primeiras horas da manhã, o radio encheu a America de uma nova sensacional: Jim Roy amanhecera morto em seu gabinete de trabalho! Violentissimo foi o abalo publico, dada a coincidência de sobrevir essa morte justamente no dia da posse do Presidente eleito. Os negros viram nisso um golpe de força dos brancos, e estes ficaram em suspenso, na duvida se seria um deliberado ato de violencia resolvido pelos convencionais ou uma das muitas surpresas de que é fertil o acaso. Chegou a haver por parte dos negros um instintivo movimento de revolta. Implantou-se-lhes nos cerebros a convicção do crime, e a velha selvageria racial rajou de sangue os olhos da pantera. Foi passageiro, entretanto, o assomo. Aquela quebreira vital que Roy havia percebido em si ganhara tambem toda a massa negra. O fatalismo ancestral sobrepairou á raiva e o imenso corpo sem cabeça, num recuo de instinto, reposit-se no lugar humilde donde o tirara a vitoria de Roy. (LOBATO, EPUB, p. 194)

Um fato entretanto fez-se notado. Meses depois do aparecimento dos raios Omega o indice da natalidade negra caiu de chofre. Março, precisamente o nono mês a datar da abertura dos primeiros postos desencarapinhantes, acusa uma queda de 30%. Esta porcentagem subiu ao dobro em abril e chegou a 97% em maio. Em junho as estatísticas só registravam 122 negrinhos novos. Em agosto fechavam-se os postes e a Dudley Uncurling Company distribuía o seu dividendo. Tornou-se impossível guardar por mais tempo aquele segredo de estado - e nem havia razões para isso. O fato caiu no domínio publico por meio de uma mensagem irradiada pelo Presidente Kerlog, o documento que até hoje, na vida da humanidade, mais fundo calou na alma do homem. Dizia essa peça, para sempre memoravel: “O governo americano vem dar conta ao povo do golpe de força a que foi arrastado em cumprimento da suprema deliberação dos chefes da raça branca, reunidos em palacio no dia 7 de maio de 2228. Foi aprovada nessa assembleia a moção Leland, resumida nestas palavras: “A convenção da raça branca decide alterar a Lei Owen no sentido de incluir entre as taras que implicam a esterilização o pigmento negro camuflado... A raça branca autoriza o governo americano a lançar mãos dos recursos que julgar convenientes para a execução desta sentença suprema e inapelavel.” Assim autorizado, o governo procurou agir de modo a evitar perturbações na vida nacional: estava em estudos da materia quando John Dudley apareceu com a revelação da virtude dupla dos raios Omega. Adotado esse maravilhoso processo, operou-se a esterilização dos homens pigmentados pelo unico meio talvez em condições de não acarretar para o país um desastre. O problema negro da America está pois resolvido da melhor forma para a raça superior, detentora do cetro supremo da realza humana”. Nem a noticia da vitoria eleitoral de Roy, nem a revelação dos raios Omega, nem a nova da morte do negro causaram tão profunda impressão como a fria mensagem do presidente reeleito. Brancos e pretos a receberam com igual asombro - seguido logo de uma sensação de alivio por parte dos primeiros e de uma sensação nova na terra por parte dos segundos. Pela primeira vez na vida dos povos realizava-se uma operação cirurgica de tamanha envergadura. O frio bisturi de um grupo humano fizera a ablação do futuro de um outro grupo de cento e oito milhões sem que o paciente nada percebesse. A raça branca, afeita á guerra como a ultima ratio da sua majestade, desviava-se da velha trilha e impunha um manso ponto final etnico ao grupo que a ajudara a criar a America, mas com o qual não mais podia viver em comum.

Tinha-o como obstaculo ao ideal da Super-Civilização ariana que naquele territorio começava a desabrochar, e pois não iria render-se a fraquezas de sentimento, nocivas á esplendorosa florescencia do homem branco. A raça ferida na fonte vital pendeu sobre o peito a cabeça como a planta a que o podador estrangula a circulação da seiva. Ia passar. Esteril como a pedra, iria extinguir-se num crepusculo indolor, mas de tragica melancolia. E passou... Decenios mais tarde, no maravilhoso jardim americano onde só abrolhavam camelias de petalas levemente acobreadas pela força misteriosa do geo-ambiente, erguia-se, ao alto do monumento de gratidão erigido pelo socio

branco em homenagem ao socio negro, o busto do velhinho magico que em 2228 curara a dor de cabeça historica do 87º Presidente... (LOBATO, EPUB, p. 195-196)²⁶

Os trechos demonstram não só a engenhosidade da escrita de Lobato como que de forma panfletária ao eugenismo, o autor, destila todos os ideais mais nocivos dessa corrente de pensamento. Existem outros autores e autoras de ficção que trabalham com mundos pós-apocalípticos, como “Admirável mundo novo” de Aldous Leonard Huxley, ou ainda “O conto da aia” de Margaret Atwood entre outros que de alguma forma informam ao leitor que aquele ideário propagado em seus textos é errado, fazendo muita das vezes o personagem principal o herói a lutar contra aquela insanidade de mundo. Porém, quando nos debruçamos na obra de Monteiro Lobato “O choque das Raças, ou O presidente negro” o que vemos é uma naturalização de medidas racialistas, morte aqueles que de alguma forma não servem mais para os propósitos da branquitude, apologia ao arianismo entre tantos outros arroubos, e que esse discurso não parte de um “João ninguém” que não possui relevância no âmbito nacional e internacional, mas sim de um dos maiores escritores da literatura Brasileira com acesso farto a mente e ao imaginário da nossa sociedade. E será que é possível encontrar alguns espectros e fantasmas dessa obra de Lobato na atualidade?

É posto que não podemos aferir que toda a sociedade brasileira tenha lido a obra de Lobato, porém a informação se passa não só pela leitura, ou a ver um filme, serie ou desenho, mas é veiculada também a partir de influenciadores que carregam em sua mentalidade os mesmos ideários encontrados na obra do autor, aqui citarei dois casos do sul do Brasil na atualidade que veiculam algumas ideias corrente na obra do autor.

O sul do país possui uma tendência a achar que o restante todo do Brasil precisa da tutela que só poderia sair da área mais branca do Brasil, em meio a esses arroubos surge em Curitiba, por um grupo de procuradores a “brilhante ideia” de colocar um outdoor fazendo uma alusão que o Estado do Paraná, concentrado em Curitiba, seria pedra angular nos mandos e desmandos da justiça brasileira ferindo assim o princípio da federalização brasileira, ao mesmo tempo que cometeu ato de improbidade o procurador da República Brasileira no Paraná Diogo Castor de Mattos ao financiar esse outdoor, o que ocasionou a posterior a perda do seu cargo por 6 votos a 5 no STF(Supremo Tribunal Federal):

²⁶ A versão da qual os textos foram retirados é uma versão em EPUB disponibilizada de forma gratuita pela editora UFFS, disponível para consulta na bibliografia deste trabalho, com o site eu disponibiliza o arquivo na integra. Outra observação que a gramática consta do original da obra de 1926, logo não acompanhou as novas revisões da língua portuguesa brasileira.

Figura 4 Outdoor Bem-vindo à República de Curitiba



Fonte: Carta Capital.

Aqui podemos perceber a influência de um discurso pautado no racismo ao qual Moraes (2020, p. 26) nos pontua da divisão do corpo e espírito, Moraes traz a divisão dos povos do norte em assunção aos europeus/brancos e sul para exemplificar africanos e indígenas, porém quando trazemos o debate para uma questão nacional para entender esse processo no Brasil, a concentração de imigrantes europeus se concentrou na parte sul do Brasil invertendo os polos, mas não a primazia da lógica racial. Continuamos tendo uma hierarquização racial na qual aqueles que atestam a si um diploma de brancura se colocam na posição de mais capazes racionalmente de gerir a máquina pública, de lutar contra corrupção que nasce de outros grupos e nunca do deles, entre outros aspectos que remontam o racismo epistêmico, científico, os ideários da eugenia que estão presentes na obra de Monteiro Lobato, e nesse intento a obra de Lobato de forma espectral parece antever alguns episódios futuros do cenário político brasileiro.

Outro caso recente que nos assombra a partir dos espectros presente na obra de Monteiro Lobato foi a defesa feita pelo Vereador Sandro Fantinel de Caxias do Sul, do estado do Rio Grande do Sul, o vereador em seu discurso faz uma clara distinção dos Brasileiros do Sul do país para os brasileiros do norte do país, trazendo alguns espectros de que seria mais valido ter argentinos na parte sul do país do que baianos do norte do país, em uma espécie de xenofobia

esquizofrênica, o vereador destila em seu discurso estereótipos e ainda propaga racismo, relativizando um dos casos que resgatou mais de 200 pessoas que estavam em trabalho análogo a escravidão em um alojamento insalubre na cidade de Bento Gonçalves. Esses trabalhadores foram contratados por uma empresa terceirizada chamada Fênix Serviços Administrativos e Apoio à Gestão de Saúde Ltda, que ofertava mão de obra para grandes vinícolas do sul do país como Aurora, Salton, Cooperativa Garibaldi entre outros produtores rurais da região, com promessas de salários de três mil reais, a empresa aliciava trabalhadores do estado da Bahia, mas quando chegavam ao local de trabalho tinham jornadas de mais de 15 horas de trabalho, salários atrasados, os trabalhadores afirmam que eram extorquidos, pois só podiam comprar alimentos na venda dos próprios empregadores, que recebiam comida estragada, que eram ameaçados, agredidos e torturados com choques elétricos e spray de pimenta. A ação foi operada no dia 22 de fevereiro de 2023 em uma ação conjunta pela PRF (Polícia Rodoviária Federal), PF (Polícia Federal) e MTE (Ministério do trabalho e Emprego). (PIMENTEL, 2023; FOSTER, 2023). Ao fim fica a declaração de Sandro Fantinel na câmara legislativa de Caxias do Sul:

Sou contra qualquer tipo de maus-tratos a funcionários de qualquer área. Conheço vários produtores da Serra, conheço os alojamentos onde os funcionários ficam. São simples, humildes, mas são temporários. O importante é que sejam limpos. Por causa desse caso, visitei um alojamento aqui próximo de Caxias que o produtor me chamou para ir ver. Ele havia contratado os funcionários por 30 dias e cedeu o alojamento. Os caras trabalharam uma semana e meia e pediram as contas. Não dava para entrar no alojamento, com o fedor de urina e podre, e com a imundícia que eles deixaram em uma semana e meia. E a culpa é de quem? Agora o patrão vai ter que pagar empregada para fazer a limpeza todo dia pros "bonito" também? Temos que botar eles em hotel cinco estrelas para não ter problema com o Ministério do Trabalho?

Gente eu sou vou dar um conselho, agricultores, produtores, empresas agrícolas que estão nesse momento me acompanhando, eu vou dar um conselho pra vocês, não contratem mais aquela gente lá de cima, conversem comigo e vamos criar uma linha, e vamos contratar os argentino, por que todos os agricultores que têm argentinos trabalhando, hoje só batem palma. São limpos, trabalhadores, corretos, cumprem o horário, mantêm a casa limpa e, no dia de ir embora, ainda agradecem o patrão pelo serviço prestado e pelo dinheiro que receberam. Em nenhum lugar do Estado, na agricultura, teve um problema com argentino ou com um grupo de argentino. Agora, com os baianos, que a única cultura que eles têm é viver na praia tocando tambor, era normal que se fosse ter esse tipo de problema. Deixem de lado aquele povo que é acostumado com Carnaval e festa para vocês não se incomodarem novamente. Que isso sirva de lição. E vou mais longe: o problema foi tão grave, foi uma escravidão tão grave, que além dos caras voltarem bêbados para o trabalho, teve vários desse mesmo grupo que não quiseram ir embora, e quiseram permanecer na empresa e continuar trabalhando. Se estava tão ruim a escravidão, como que alguns do próprio grupo não quiseram ir embora? (FANTINEL, 2023)²⁷

²⁷ Discurso feito pelo Vereador Sandro Fantinel no dia 28 de fevereiro na câmara legislativa de Caxias do Sul, referente ao caso de que deflagrou o escândalo com mais de 200 pessoas em trabalho análogo a escravidão no 4^a estado brasileiro com mais casos de trabalhos análogos a escravidão que é o Rio Grande do Sul segundo o MTE (Ministério do Trabalho e Emprego), o discurso do deputado foi transcrito da TV Câmara Caxias disponível: < [\(2236\) 17 Declaração de Líder Sandro Fantinel PATRIOTA - YouTube](#) > acessado em 22/11/2023.

Depois da fala de Fantinel, o partido PATRIOTA resolveu expulsar o vereador da legenda e o mesmo foi denunciado ao comitê de ética da câmara legislativa, que no dia 16 de maio de 2023 rejeitou o pedido de cassação de Sandro Fantinel por 13 votos a favor da cassação, nove votos contra e uma abstenção. Segundo as regras da câmara legislativa de Caxias do Sul, para o vereador ter sido cassado seria necessário um total de 2/3 de votos totalizando assim 16 votos, ou seja, que fica mais uma vez evidente que discursos racistas, xenofóbicos contra negros e nordestinos não geram comoção suficiente para que pessoas que cometem crimes contra esses grupos sejam culpabilizadas, o que ocorre com casos como este e outros tantos é uma naturalização de como indivíduos tidos como subalternos podem ser tratados no Brasil, sem que aja punição para os mesmos.

Ao pensar na influência dos preconceitos raciais e como os mesmos contribuem para a memória coletiva e naturalizações de violências, tão pronto fica a reflexão deixada por Carone e Bento:

O preconceito racial é um fenômeno de grande complexidade. Por isso, costumo compará-lo a um iceberg cuja parte visível corresponderia às manifestações do preconceito, tais como as práticas discriminatórias que podemos observar através dos comportamentos sociais e individuais. Práticas essas que podem ser analisadas e explicadas pelas ferramentas teórico-metodológicas das ciências sociais que, geralmente, exploram os aspectos e significados sociológicos, antropológicos e políticos, numa abordagem estrutural e/ou diacrônica. À parte submersa do iceberg correspondem, metaforicamente, os preconceitos não manifestos, presentes invisivelmente na cabeça dos indivíduos, e as consequências dos efeitos da discriminação na estrutura psíquica das pessoas. (CARONE; BENTO, 2014, p. 9)

2 MISCIGENAÇÃO BRASILEIRA, CONTORNOS E DESAFIOS.

Do jeitinho que Freyre nos ensinou: a técnica espectral do estupro colonial

Por detrás dos pactos coloniais
 Há muitas coisas a esquecer
 A quem fale fagueiro da beleza da miscigenação
 Da mistura dos povos que embelezam e construíram a nossa nação

Mas é preciso sempre lembrar
 O que fica escondido
 Na pretensa pureza desse olhar
 Esse olhar que naturaliza os preconceitos de uma nação
 Que romantizam de forma sublime
 O nascimento dos caboclos, mamelucos e mulatas
 Povo de sangue forte que se fez no Brasil alvorada

E aí é possível dizer, sem que assim se gere tanta comoção
 “Vou pegar aquela índia no laço para do meu jeito amansar”
 “Morena da cor do pecado, não é possível resistir o feitiço do seu olhar”

E ao fim é sempre possível de Freyre lembrar
 Não do Freire da pedagogia da autonomia ou da indignação
 Mas o Freyre da Casa Grande e Senzala
 Que com seu lirismo em forma de prosa
 Deu corpo a fantasmas que espectram até hoje nossa nação
 E que se fazem cartilha no imaginário social
 Branca pra casar
 Mulata pra fuder
 E negra pro trabalho

E rapidinho com um racismo de tom mais “cordial” terminamos com esse causo.

Autor: Ivan Felipe Fernandes Gomes (ACERVO PESSOAL, 2023)
 Codinome: Colosso do Amor

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta em mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, colo nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. (ANZALDÚA, 2000, P. 232)

2.1 A técnica espectral do estupro colonial²⁸

Impende já de início estabelecer alguns pontos que devem ficar esclarecidos, como por exemplo que o intento deste capítulo e os que virão à por vir é de perceber quais são os fantasmas coloniais que ainda pairam sobre a atualidade espectrando e perpetrando assim através da mentalidade proveniente de outros tempos históricos da sociedade brasileira inequidades aos sujeitos de direitos humanos, logo o esforço de análise feito em período históricos da colônia, império e primeira república visa perceber práticas que na época em questão poderiam ser tratadas como normais dentro do sistema mundo da época. Porém, ao vê-los a luz da atualidade podemos perceber que dentro dos avanços sociais de direitos humanos o que se insere são práticas que hoje não dialogam mais com uma percepção de normalidade, essa ressalva é importante pois correntes de pensamentos destoantes da corrente aqui utilizada poderiam estabelecer que o movimento proposto se baseia em uma perspectiva anacrônica. Contudo, o que aqui se estabelece na verdade é um movimento de perceber mentalidades cristalizadas que de alguma forma conseguem sobrepor dentro do imaginário social os avanços feitos no que tange a dignidade humana, pois se no passado escravos e indígenas poderiam se situar como não humanos -objetos semoventes- ao bel prazer da branquitude, hoje este tipo de pensamento não tem mais lugar na ordem de direito estabelecido.

Dialogando com a historiografia de Gilberto Freyre (2006) na questão da criação de um ideário em que os estereótipos atrelados a indivíduos negros, indígenas, brancos, mestiços, morenos e mulatos na sociedade brasileira, ao invés de trazer um atraso como anteriormente arrolado a partir do pensamento eugenista, quando o autor em *Casa Grande e Senzala* faz um mapeamento da sociedade brasileira. O mesmo entra em cisão com uma visão de que a mistura das raças incorreria em um mal comum que acabaria com a sociedade brasileira e com

²⁸ Este é um termo aqui proposto para demonstrar como desde o princípio da constituição da colônia brasileira o estupro na colônia era uma prática cotidiana e normatizada e como essa prática de alguma forma até hoje perdura apesar dos avanços sociais, neste subcapítulo usaremos fontes como Freyre (2006), Doria (2016) e também o consagrado historiador José Murilo de Carvalho que em sua obra *Cidadania no Brasil: O longo caminho*, nos lembra que “Portugal, à época da conquista, tinha cerca de 1 milhão de habitantes, insuficientes para colonizar o vasto império que conquistara, sobretudo as partes menos habitadas, como o Brasil. Não havia mulheres para acompanhar os homens. Miscigenar era uma necessidade individual e política. A miscigenação se deu em parte por aceitação das mulheres indígenas, em parte pelo simples estupro. No caso das escravas africanas, o estupro era a regra.” (CARVALHO, 2002, p. 20-21)

possibilidades de avanços e modernização e inaugura uma perspectiva, na qual a miscibilidade²⁹ na verdade é o traço motor do indivíduo brasileiro que não só está na constituição da pele dos indivíduos, mas também na cultura e costume. É fato que Freyre em sua obra perpetua estereótipos racialistas no que tange a imagem do indivíduo negro, porém o mesmo traz em seu bojo teórico um olhar de que a miscigenação será no futuro do Brasil um fim comum a todos os brasileiros, e que a partir disto o mesmo acaba por fundar o mito da democracia racial estabelecendo assim a ideia de que a miscigenação é o grande trunfo nacional, tanto para bem quanto para mal.

Existem pelo menos duas vertentes críticas da obra de Gilberto Freyre, a primeira historicista que advoga o valor de sua obra por conter a percepção histórica de uma época de rupturas ideológicas³⁰, que podem ou não naturalizar estereótipos cristalizados em sua obra sobre o contexto brasileiro da época, ou ainda deixar escapar da análise fatos que comprometam os teores amorais incutidos nas práticas coloniais, e que tem como ideário um perfil de pretensa neutralidade universal, trazendo como base argumentativa à análise dos fatos históricos em uma ordem de pureza analítica que não pode se ater a anacronismos³¹.

Freyre no capítulo “O escravo negro na vida sexual e de família do Brasileiro” traz mais algumas informações interessantes para esta vertente, de forma geral o autor faz um movimento de clara ruptura com autores influenciados pelo arianismo e a eugenia, demonstra como o

²⁹ Termo utilizado por Gilberto Freyre (2006) para falar do potencial colonizador do povo português no continente americano, no que tange a miscigenação, que diferente de outros grupos europeus com maior valor numérico não conseguiram excito pois tinha um princípio de pureza racial, logo a miscigenação não era uma opção, já no caso português o diferencial seria a miscigenação, pois mesmo sendo pouco numerosos, ao procriar com as mulheres da terra (indígenas) e as negras africanas para o Brasil traficadas, em pouco tempo não só expandiu o contingente populacional, como se aclimatou ao clima e o território dos trópicos, e nesse empreendimento miscigenador é que Freyre deposita todo o vigor e êxito português no Brasil, logo Freyre se destaca dos intelectuais aos quais o antecederam de teor eugenista, e sua tese o leva para o cenário internacional como garoto propaganda do ideário da miscibilidade/miscigenação colonial, sua obra fora traduzida para vários idiomas, e o mesmo fora chamado para participar de vários eventos internacionais para disseminar sua tese. Para entender melhor o pensamento de Freyre ao que se refere a miscibilidade/miscigenação ver capítulo 1 Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida. No livro Casa Grande e Senzala. Para entender melhor como o pensamento Freyriano foi difundido internacionalmente e ganhou corpo em outros países coloniais como a França, ver o artigo de BARBOSA, Cibele. CASA GRANDE & SENZALA A questão racial e o “colonialismo esclarecido” na França do Pós-Segunda Guerra Mundial. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 33, n. 96, 2018. Disponível: <<https://doi.org/10.17666/339609/2018>> Acessado em 29/10/23.

³⁰ A ruptura ideológica se enquadra no distanciamento do ideário eugenista da pureza das raças, em que a miscigenação era fator para involução e atraso civilizatório, e essa mesma corrente eugenista brasileira flertou com os ideais eugênicos do nazismo alemão da segunda guerra mundial.

³¹ Anacronismo (do grego *ánvá* “contra” e *χρόνος* “tempo”) é um termo empregado para designar um erro cronológico, quando conceitos, pessoas, objetos, eventos, vocábulos, pensamentos ou eventos são erroneamente utilizados para retratar uma época diferente daquela a que verdadeiramente pertencem. (SILVA, 2017, p. 1)

discurso de inferioridade do negro propalado por Nina Rodrigues não tem consistência teórica fazendo críticas ao pouco uso de fontes (FREYRE, 2006, p. 383), e que o reducionismo de Nina Rodrigues para inferiorizar os negros traficados de África poderia em um primeiro momento ser aceito por não ter material oficial da escravidão, pois Rui Barbosa havia queimado todos os documentos oficiais da escravidão. Porém, se Nina Rodrigues tivesse se atentado ao modelo de distribuição de negros na colônia o mesmo não só teria percebido o erro de sua tese no exclusivismo dos Bantos para colonização brasileira como também se tivesse procurado informações nas correspondências oficiais veria a grande gama de negros de territórios diferentes da África que vinham com ótimas referências em relação as práticas de cultivo, saúde. Alguns até letrados se levar em consideração os africanos islamizados entre outros tantos exemplos que Freyre traz (2006, p. 383-400), nesse mesmo passo Freyre vai rompendo com autores como Oliveira Vianna que de alguma forma trouxessem na sua escrita exaltação a eugenia e o arianismo.

A segunda vertente pautada na TCR (Teoria Crítica da Raça)³² que percebe o teor pejorativo, racista e sexista de sua obra e como a mesma serviu como salvaguarda para propagar estereótipos de objetificação do corpo da mulher negra e indígena como na clássica citação em que o autor traz um dito popular que fundamenta o pensamento da miscibilidade e da preferência sexual portuguesa em terras brasileiras:

O longo contato com os sarracenos deixara idealizada entre os portugueses a figura da moura-encantada, tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos, envolta em misticismo sexual sempre de encarnado,²¹ sempre penteando os cabelos ou banhando-se nos rios ou nas águas das fontes mal-assombradas - que os colonizadores vieram encontrar parecido, quase igual, entre as índias nuas e de cabelos soltos do Brasil. Que estas tinham também os olhos e os cabelos pretos, o corpo pardo pintado de vermelho,²³ e, tanto quanto as nereidas mouriscas, eram doidas por um banho de rio onde se refrescasse sua ardente nudez e por um pente para pentear o cabelo.²⁴ Além do que, eram gordas como as mouras. Apenas menos ariscas: por qualquer bugiganga ou caco de espelho estavam se entregando, de pernas abertas, aos "caraíbas" gulosos de mulher. (FREYRE, 2006, p. 71)

Aqui podemos perceber o caráter da objetificação da mulher moura e da mulher indígena. Freyre ao trabalhar a técnica colonial portuguesa da miscibilidade, traz no seu bojo

³² Conforme o sociólogo Tukufu Zuberi que "foi o movimento da Teoria Crítica da Raça (TCR), contudo, com pioneiras como Kimberlé Williams Crenshaw e outros, que começou a institucionalizar o questionamento crítico das pretensões intelectuais da supremacia branca na lei. Este movimento se compara com a tradição das ciências sociais em trabalhar por direitos humanos e justiça social e contra o racismo, sexismo e outras formas de opressão"(ZUBERI, 2016, p. 465).

fato, a fala é real, pois ela era casada com um descendente de francês, e todos sabem a história dele. Fala misteriosa porque perguntavam da vida dela, e ela não respondia. Ela não gostava do meu avô e viviam em quartos separados. Uma tia disse que meu bisavô pegou (o termo que usam) ela. E esse mesmo bisavô abusou de todas as suas netas. Que no caso foram 6 mulheres, uma delas minha mãe. A tia disse que minha bisavó era vinda de um povo que era canibal (não sei se esse fato é real). Disse que meu **avô a amarrou até ela extinguir o jeito “violento” dela**. Muito pesado. Eu fico envergonhada do posicionamento de muitos de meus familiares (Relato A, 2017, grifo meu). (ANAQUIRI, 2018, p. 755-756)

Compete estabelecer que aos olhos da atualidade essas práticas segundo a redação da Lei nº 12.015. de 2009³⁴ estabelece o crime de estupro, porém quando nos atentamos aos termos legais do período colonial as coisas mudam um pouco de parâmetro -contudo fica aqui a ressalva que o intento aqui é estabelecer como práticas que outrora mesmo que não fossem consideradas crimes aparecem na atualidade como fantasmas a espreitar a forma como os indivíduos são tratados, e como essas práticas de alguma forma perduram até hoje.

Voltando para pensar como se configurava no período colonial e imperial o crime de estupro, para isso primeiro precisamos perceber qual era o lugar dos homens e mulheres naquela sociedade, primeiramente é preciso entender que mesmo nas altas classes existia uma condição de dominação sexual instituída em que a mulher além de submissa ao homem ocupava uma percepção de propriedade do mesmo pautado em uma perspectiva patriarcal, logo mulheres estavam sempre tuteladas por homens, fossem familiares -pai, irmão, tio, ou ainda o parente masculino mais próximo- ou por seu marido. Ao perceber isso também começamos a entender como as leis da época advogavam, pois o crime cometido não seria diretamente a mulher e sim a honra do homem ao qual a mesma pertencia. Em seguida se começarmos a pensar no que seria o estupro a priori no período colonial, esse crime seria previsto apenas para aqueles entendidos como humanos e seres de direitos, excluindo assim escravos (objetos semoventes para o período), indígenas ou qualquer grupo que na perspectiva da época tivesse seu valor humano inferiorizado ou diminuído pelos padrões da época. Entre 1500 à 1890 o que vigorou em forma de lei foram as ordenações – que seria a reunião de todas as leis que um rei considerava válidas. Logo segue as regências e ordenações, até 1513 as Ordenações Afonsinas de Dom Afonso V, depois as Ordenações Manuelinas rei que liderou o “descobrimento” até 1605, a posterior as Ordenações Filipinas, de Felipe II da Espanha quando ocorreu a união ibérica e mesmo quando

³⁴ Essa lei estabelece as condições legais para se caracterizar o crime de estupro, nela está inserido o abuso de incapaz, seja por idade menores de 14 anos, deficientes e pessoas que não sejam considerados concernidos morais de alguma forma, estabelece normas que colocam em pauta que a atividade sexual sem o consentimento é caracterizada como estupro dentre tantos outros meandros que qualificam e penalizam o estupro dentro do Brasil na atualidade. Para maiores informações consultar o decreto de lei disponível: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/De12848.htm > acessado 03/11/2023.

a coroa foi reconquistada pelo então Duque de Bragança o código foi mantido até 1890 com o fim do império (DORIA, 2016). Pós império a lei continuou tendo caráter que criminalizava ainda a “segurança da honra, honestidade das famílias e do ultraje público”, em 1940 a lei fora modernizada sendo enquadrada entre “crimes contra os costumes”, a lei como conhecemos, só ganha corpo em 2009, quando o código penal entendeu o estupro como um crime “contra a dignidade sexual”.

Outro ponto é que a mulher estuprada muita das vezes preferia esconder o ocorrido, pois mesmo o culpado sendo punido a honra da mesma e da família estaria maculada, e o processo de acusação era altamente vexatório para a vítima e ainda haveria de ter uma prova cabal que ainda poderia ser inquerida pela igreja católica, pois a voz feminina tinha um peso menor na sociedade da época. Logo o que se tinha no período da colônia e império era uma naturalização da violência sexual, coloquemos como exemplo abuso sexual dentro do casamento, esse ato não era considerado crime e ainda por cima a lei protegia o interesse do marido nesse concernente, crimes como adultério só eram punitivos a esposa e ao amante com a morte a depender da equivalência da classe social. Se o amante em questão fosse de classe superior ao do marido que teve sua honra manchada, o culpado pagaria apenas uma indenização, no caso da esposa a mesma poderia ser morta ou perdoada a depender da vontade do marido (DORIA, 2016).

Ao escavar o imaginário social da região Centro-Oeste do Brasil, mais especificamente a cidade de Goiânia Anaquiri (2018, p. 753) nos leva a mais uma reflexão, ao perceber adesivos colocados na parte detrás dos carros aos quais perambulam pela cidade, então a mesma resolveu fazer uma pesquisa acerca desses adesivos com os seguintes descritores “Adesivo, boiadeiro, laçando” a autora achou uma imagem bem representativa da técnica colonial aqui explicitada e ao fazer a mesma pesquisa foi possível encontrar outras imagens que ainda carregavam mensagens que fortificavam o teor da técnica espectral do estupro colonial:

Figura 5 Adesivo de carro mulheres sendo laçadas por boiadeiro



Fonte: Anaquiri (2018, p. 753)

Figura 6 Adesivo de carro de boiadeiro se preparando para laçar uma mulher, exaltando em palavras o teor sistemático da técnica aplicada



Fonte: Mercado livre, disponível: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1162163658-adesivo-cowboy-bruto-no-laco-varias-cores-alta-qualidade-JM#position=6&search_layout=stack&type=item&tracking_id=d5c0e7ac-09e7-4f26-bd20-d483884cc7d3>
 acessado em 01/11/2023.

O caráter simbólico circunscrito nas imagens, denunciam a naturalização da técnica

espectral do estupro colonial, a figura 2 situa um boiadeiro montado a cavalo no típico movimento de laçar, porém diferente do animal que corriqueiramente o mesmo estaria a laçar – no caso bovinos, cabras ou qualquer outro animal de corte-, o mesmo estava a perseguir e prestes a laçar três mulheres que aparentam estar fugindo do mesmo, já o segundo adesivo demonstra a mesma mensagem imagética com o adendo do texto inserido abaixo da imagem **“AQUI O SISTEMA É BRUTO”**. O que chama atenção é que tanto as imagens quando o texto reproduz claramente um sistema de opressão, que não só chegou a ser exposta sem que haja algum tipo de constrangimento, pois, ao que se nota se tornou algo corriqueiro entre um grupo que parece tratar esse movimento como normal e digno de ser exposto ao público, como também ganha um teor mercadológico, uma vez que, a venda é difundida online na maior plataforma de vendas online do país³⁵.

Ainda no que tange a segunda vertente crítica pautada na TCR veremos na obra de Freyre como a mulher é vista:

Pode-se, entretanto, afirmar que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico. A moda de mulher loura, limitada aliás às classes altas, terá sido antes a repercussão de influências exteriores do que a expressão de genuíno gosto nacional. Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: "Branca para casar, mulata para f... negra para trabalhar"; ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata. Aliás o nosso lirismo amoroso não revela outra tendência senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos seus dengues, quindins e embelegos muito mais do que as "virgens pálidas" e as "louras donzelas". Estas surgem em um ou em outro soneto, em uma ou em outra modinha do século XVI ou XIX. Mas sem o relevo das outras. (FREYRE, 2006, p. 71-72)

Fica patente aqui nesta citação o teor da objetificação da mulher negra, na citação na qual Freyre afirma mais uma vez o apetite sexual do português em terras brasileiras, onde existe uma hierarquia social em que cada mulher explicitada na citação terá um lugar social estático pautado no racismo e sexismo presentes na cultura brasileira, e neste ponto é interessante perceber que as diferentes formas de tratamento atribuídos a cada mulher, na citação que Freyre fala das indígenas, coloca o estereótipo de mulheres fáceis que por qualquer bugiganga já estão a abrir as pernas para volúpia de homens gulosos de mulheres (FREYRE, 2006, p. 71). A

³⁵ Segundo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) o Mercado Livre hoje ocupa o primeiro lugar entre as plataformas de vendas digitais. Para mais informações acessar o artigo “Plataforma de Marketplace: Descubra as 7 principais.” Disponível: < https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sp/conteudo_uf/plataforma-de-marketplace-descubra-as-7-principais,97e36ff11e868810VgnVCM1000001b00320aRCRD > acessado em 01/11/2023.

mulher branca se resguarda o local do casamento e procriação dos filhos legítimos desse homem branco, a mulata que ao fim da última citação é exaltada na forma mais vil de objetificação sexual, está subscrita no ideário de prazer do homem branco, na citação Freyre tenta diminuir o teor vexatório do termo “f...” que em linhas gerais significa para fornicar ou fuder, porém fica evidente o uso para este tipo de mulher que nasce justamente daquilo que Freyre traz de inovador e benéfico ao colonialismo português que é a miscibilidade/miscigenação, essa mulher mulata filha possivelmente bastarda desse mesmo “homem branco” e da negra escravizada e traficada outrora de África e que ainda carrega o peso da técnica do estupro colonial, seja por ser fruto do estupro colonial, ou por ser vítima do mesmo em alguns casos. Quanto a mulher preta retinta, o lugar desta como Freyre mesmo salienta é o lugar do trabalho subvalorizado, longe dos olhos públicos e resguardados ao espaço privado muita das vezes do serviço doméstico, seja no lar ou no trabalho na casa das madames, ou como babá que incorpora o lugar da mãe preta, como Lélia Gonzalez (1984, p.234) observa no seu artigo Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. Essa mesma mulher é atravessada por uma solidão, sendo a mesma preterida afetivamente e sexualmente, que coloca essa mulher negra no que hoje ficou conhecido como a solidão da mulher negra³⁶.

Ainda no que concerne a visão da mulata e da negra para o período colonial Freyre pontua como se dava a iniciação sexual dos senhores de escravos e como os publicistas e cientistas da época percebiam este movimento:

Nenhuma casa-grande do tempo da escravidão quis para si a glória de conservar filhos maricas ou donzelões. O folclore da nossa antiga zona de engenhos de cana e de fazendas de café quando se refere a rapaz donzelo é sempre em tom de debique: para levar o maricas ao ridículo. O que sempre se apreciou foi o menino que cedo estivesse metido com raparigas. Raparigueiro, como ainda hoje se diz Femeieiro. Deflorador de mocinhas. E que não tardasse em emprenhar negras, aumentando o rebanho e o capital paternos.

Se este foi sempre o ponto de vista da casa-grande, como responsabilizar-se a negra da senzala pela depravação precoce do menino nos tempos patriarcais? O que a negra da senzala fez foi facilitar depravação com a sua docilidade de escrava; abrindo as

³⁶ Segundo (MIZAEL; BARROZO; HUNZIKER, 2021, p. 231) “Em todos os trabalhos encontrados, a solidão das mulheres negras tem, prioritariamente, o significado de ausência de parceria afetivo-sexual duradoura, sendo um dado frequente o seu preterimento tanto por homens negros quanto brancos. Esse preterimento é visto como uma das consequências do racismo intersectado ao machismo: o estereótipo de “mulata fogosa” –a visão de que mulheres negras são objetos sexuais, passíveis de desejo sexual, mas não de carinho e amor –utilizado como justificativa para estupros pelos senhores, na época da escravidão, ainda sobrevive no imaginário da população (e.g., BUENO, 2020; COLLINS, 2000; DAVIS, 1981/1983; NASCIMENTO, 2016). Assim, a imagem da mulher negra, permeada pelo racismo e pelo machismo, não corresponde ao ideal de mulher para se ter um relacionamento sério e duradouro, o que pode ser uma das explicações possíveis para o seu preterimento e solidão (e.g. PACHECO, 2013; SOUZA, 2008).” Disponível em: < <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1270>. > Acesso em: 31 out. 2023.

pernas ao primeiro desejo do sinhô-moço. Desejo, não: ordem. Os publicistas e até cientistas brasileiros que se têm ocupado da escravidão é um ponto em que sempre exageram a influência perniciosa da negra ou da mulata: esse de terem sido elas as corruptoras dos filhos-famílias. "Corruptoras da feminil e máscula filharada", chamou às negras F. P. do Amaral. E Burlamaqui: "corrompem os costumes dos filhos de seus senhores [...]". Antonil observou das mulatas de engenho que conseguiam alforriar-se: o dinheiro com que se libertam "raras vezes sahe de outras minas que dos seus mesmos corpos, com repetidos peccados: e depois de forras continuam a ser ruina de muitos." O professor Moniz de Aragão, em comunicação à Sociedade de Medicina de Paris, chegou a considerar "o grande número" de contaminações insólitas de cancos extragenitais nos negros e mestiços do Brasil resultado da "lubricidade simiesca sem limites", das pretas e mulatas. Mas não é de estranhar: o próprio Nina Rodrigues acreditou ser a mulata um tipo anormal de superexcitada genésica.

Melhor sentido de discriminação revelou Vilhena escrevendo no século XVIII: "As negras e ainda huma grande parte das mulatas, para quem a honra he hum nome chimerico e que nada significa, são ordinariamente as primeiras que começam a corromper logo de meninos os senhores moços, dando-lhes os primeiros ensaios da libidinagem em que de creanças se engolfão; principios de onde para o futuro vem huma tropa de mulatinhos e crias que depois vem a ser perniciosissimos nas familias." Mas salientando logo: "Succede muitas vezes que os mesmos senhores chamados velhos, para distincção dos filhos, são os mesmos que com suas proprias escravas dão maior exemplo às suas proprias familias [...] Superexcitados sexuais foram antes estes senhores que as suas negras ou mulatas passivas, Mas nem eles: o ambiente de intoxicação sexual criou-o para todos o sistema econômico da monocultura e do trabalho escravo, em aliança secreta com o clima. O sistema econômico, porém, e seus efeitos sociais, em franca preponderância sobre a ação do clima.

"Les jeunes brésiliens", escreveu Alp. Rendu, "sont souvent pervertis presque au sortir de l'enfance." O que lhe pareceu em grande parte devido ao clima: "la chaleur du climat bâte le moment de la puberte": mas devido principalmente a causas sociais; e estas ligadas ao sistema de produção econômica: "les désirs excités par une éducation vicieuse et le mélange des sexes souvent provoqués par les négresses. Ninguém nega que a negra ou a mulata tenha contribuído para a precoce depravação do menino branco da classe senhoril; mas não por si, nem como expressão de sua raça ou do seu meio-sangue: como parte de um sistema de economia e de família: o patriarcal brasileiro. (FREYRE, 2006, 456-457)

Freyre traz em seu discurso avanços e desvios, como anteriormente citado, quando se trata de pensamentos eugênicos pautados em um pretense racismo científico a posição do autor é contrária, ao que compete ao mito da mulher mulata/negra o autor demonstra também um olhar crítico percebendo na verdade o quanto o sadismo e o olhar pernicioso da casa-grande tem a contribuir para muitos dos distúrbios sociais presentes na mentalidade do brasileiro no período colonial, imperial e as ressonâncias espectrais presentes na república brasileira, colocada essas questões em eixo. É preciso notar o caráter caricato o qual os publicistas e cientistas sociais que estudavam o período anteriormente citado trazem como visão de mundo, grande parte deles fazem um folclore no que se refere a constituição moral e sexual da mulher negra/mulata e nesse tocante é que temos que nos ater um pouco para começar a descortinar a mentalidade vigente hoje que são espectradas pelos fantasmas coloniais.

2.2 Será que o pecado tem cor?

Uma vez que a partir da obra de Freyre e percebendo que fantasmas ainda estão a espreitar a atualidade proponho pensar um pouco nos rastros que podemos encontrar no que tange aos estigmas e objetificação do corpo da mulher negra/mulata e para este intento trago um compositor que nasceu 1898 Alberto de Castro Simões da Silva, portador de algumas alcunhas como Sinhozinho e artisticamente conhecido como Bororó, compositor da música “Da cor do pecado”³⁷ gravada em 1939 por Sílvio Caldas, essa música a posterior fora regravada por vários ícones da MPB (Música Popular Brasileira) como Elis Regina, Nara Leão, João Gilberto, Ney Matogrosso, Jacó do Bandolim, Luís Bonfá, Leny Andrade, Fagner, Cauby Peixoto entre outros tantos nomes da MPB. Logo para análise e discussão segue na íntegra a letra da música:

Da cor do pecado

Esse corpo moreno
 Cheiroso e gostoso
 Que você tem
 É um corpo delgado
 Da cor do pecado
 Que faz tão bem
 Esse beijo molhado
 Escandalizado que você me deu
 Tem sabor diferente
 Que a boca da gente
 Jamais esqueceu
 E quando você me responde
 Umás coisas com graça
 A vergonha se esconde
 Porque se revela
 A maldade da raça
 Esse corpo de fato

³⁷ Da cor do pecado foi composta no ano de 1939, música que perdura no inconsciente nacional até hoje, pois além de ter sido gravada e regravada por inúmeros ícones da música popular brasileira, a mesma ainda se tornou tema de novela na maior emissora de TV aberta brasileira da atualidade Rede Globo, na voz de Luciana Mello “Da cor do Pecado” em 2004 se torna a música de abertura da novela que tem seu próprio nome, a novela carrega em sua trama traços dos estereótipos e estigmas aos quais a letra da música aborda, e de alguma forma se constitui um símbolo da memória coletiva nacional, seja por ter sido gravada e regravada em vários momentos históricos desde a sua criação como também por servir de inspiração para teledramaturgia que chegou e ainda chega na casa de diversos brasileiros ainda hoje, seja pelo fato da novela ter sofrido reprise em TV aberta, ou na TV fechada VIVA, ou ainda está sendo disponibilizada da plataforma de streaming Globo Play. Segundo Alberto de Castro Simões da Silva também conhecido no meio artístico como Bororó, “a musa desses versos chamava-se Felicidade, uma mulher de vida pregressa pouco recomendável”. (ALBIN; Diniz; GÓES; MARQUES, 2021)

Tem cheiro de mato
 Saudade, tristeza
 Essa simples beleza
 Esse corpo moreno
 Morena enlouquece
 Eu não sei bem porque
 Só sinto na vida o que vem...
 De você

(BORORÓ, 1939)

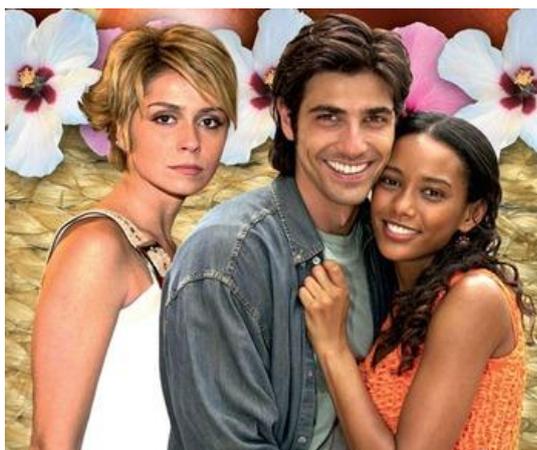
Quando nos debruçamos sobre a letra da música algumas questões arroladas anteriormente reavivam, como por exemplo, o estigma espectral da Mulata, objetificada sexualmente, sua cor é atrelada ao pecado, pois de alguma forma dentro do imaginário social a figura da mulata expõe a lascívia que é capaz de enlouquecer qualquer um. Pois, nesta figura está subscrito os desejos inconscientes dos tempos coloniais em que a mulher negra poderia ser objeto de prazer, sendo sempre culpabilizada pelos seus atributos naturais que assim como na música habita o espaço do exótico encontrado na natureza, que traz na essência “Um sabor” diferente da mulher branca. Esse mesmo exótico que é o ápice do desejo carnal, atrelado ao pecado é também o que na música é atribuído a “Maldade da Raça”, e aqui mais uma vez podemos recorrer a solidão da mulher negra, pois essa mulher que é descrita na música não será alvo de amor, afeto e compromisso, essa como cita Freyre (2006, p. 72) "Branca para casar, mulata para f.... negra para trabalhar". A interpretação dessa música demarca os fantasmas coloniais que ainda espectram a sociedade atual.

A música “Dar cor do pecado” que inspirou a novela *Da cor do pecado*³⁸ de João Emanuel Carneiro traz na sua trama a história de um casal interracial interpretado Reinaldo Gianechini (Paco) e Taís Araújo (Preta), e na disputa do relacionamento esta Giovana Antoneli (Bárbara), como filho do casal interracial Sergio Malheiros interpreta o personagem (Raí), como filho do relacionamento anterior de Paco com Bárbara, Felipe Latgé interpreta (Ótávio) e como Pai de Paco, Lima Duarte interpreta (Afonso Lambertine), o enredo da trama se situa na disputa entre Bárbara, mulher branca que está tentando dar o golpe do baú³⁹ em Paco homem branco também e que no início estava noivo com Bárbara, no desenrolar da história Paco se distancia de Bárbara e encontra Preta, com quem ele tem uma forte atração e começam um

³⁸ A novela *Da cor do pecado* de João Emanuel Carneiro, escrita por Ângela Carneiro, Vincent Villari e Vinicius Viana, com supervisão de texto de Silvio de Abreu, passou na emissora de Tv aberta brasileira Rede Globo no horário das 19h de 26 de janeiro a 28 de agosto de 2004, totalizando 185 capítulos.

relacionamento, que culmina com o nascimento de Raí. Afonso, pai de Paco não aprova o relacionamento interracial e mesmo percebendo que Bárbara se relaciona com Paco por interesse, defende o relacionamento pautado na branquitude. A novela acaba por problematizar várias questões de relacionamentos interraciais como o preconceito velado e exposto pela parte da família branca para com o cônjuge negro, a dificuldade de relacionamento com a prole que por vezes nasce mais escura, a disputa quando os filhos nascem com tonalidades diferentes, tendo uma tendencia de privilegiar os filhos mais claros, ou seja a novela vai retratando os problemas psicossociais que relações interraciais tem, colocando em pauta como a negritude e inferiorizada quando está em contato direto com a branquitude. No decorrer da novela parte do elenco vai aos poucos azeitando o relacionamento com indivíduos negros, diferente do triste fim de o presidente negro, que o fim se dá no extermínio do negro, a novela da cor do pecado tem um final em que personagens negros depois de uma penosa trajetória são aceitos.

Figura 7 Barbara, Paco e Preta.



Fonte: TvTrpoes.org

Figura 8 Otavio e Raí.



Fonte: Memoria Globo

É interessante também identificar qual era a imagem utilizada na abertura da novela que fazia uma clara constatação que a cor do pecado estava atrelada ao corpo negro.

Figura 9 Foto da imagem utilizada na vinheta da novela Da cor do pecado.



Fonte: Tele dramaturgia. Disponível: < <http://teledramaturgia.com.br/da-cor-do-pecado/> > acessado em 03/11/2023.

A novela teve reprise e na reprise a Rede Globo preferiu após comoção popular colocar uma tarja explicando que o conteúdo ali abordado tinha uma percepção temporal específica para época e que não dialogava com a percepção temporal da reprise, logo o que foi utilizado como pretexto para a veiculação da imagem foi uma perspectiva historicista pautada no não anacronismo.

E ao pesquisar “Da cor do pecado” no google foi possível ainda encontrar mais duas músicas com a frase “Da cor do pecado” que traz uma percepção de atrelar ao negro(a)/mulato(a)/moreno(a) uma condição *sine qua non* no que tange aos ideais existentes no racismo científico, elas são “Da cor do pecado”⁴⁰ de Fernando e Sorocaba quem tem o trecho “Corpo moreno, sarado, gostoso, Da cor do pecado. Me deixa maluco, me deixa pirado. Ela é demais, demais (...)” (SOROCABA, 2014) o que ocorre aqui mais uma vez é a objetificação do

⁴⁰ Música composta por Sorocaba da dupla sertaneja Fernando e Sorocaba, gravada pela Sony Music Entertainment e foi um dos top hits na parada de sucessos no ano de 2014 quando a mesma foi lançada. Disponível: < <https://www.letras.mus.br/fernando-sorocaba/1439184/> > acessado em 05/11/2023.

corpo negro, na música o eu lírico se mostra a perceber apenas os aspectos físicos daquele corpo que possui propriedades que o entorpece, deixando claro que o que leva ao desejo não é a subjetividade daquela(e) que possui esse corpo, mas sim o corpo esse que pode ser despersonalizado e encarado como um bloco racial que dentro do imaginário social brasileiro recebeu uma carga semântica atrelada a lascívia, ao pecado como a própria música traz, e que de certa forma como Freyre (2006) apresenta em sua obra se conjectura na preferência nacional ao que tange ao desejo e objetificação no corpo feminino negro.

A outra música é “Morena cor do pecado”⁴¹ do compositor MC Kevin o Chris do gênero musical funk cujo trecho analisado é “Que morena linda, da cor do pecado. Atraente, sensual, gostosa, um tesão. Ela não quer flores, quer um baseado. “Pra ficar suave e jogar o rabetão. (...)No baile de favela o ritmo é assim. Aquece no cacete faz macete desce, me chama de safado puto cafajeste” (CHRIS, 2019), esse é um funk proibidão⁴² que não só continua a estabelecer o imaginário que vem desde a colônia referente a mulher preta/mulata/morena, mais uma vez a colocando na posição de ser objetificado e no continuar do discurso estabelece ainda uma relação sexual ao dizer como o ato sexual deve proceder a partir daquele momento. Nesse ponto fica posto que a dinâmica social está a indicar os lugares sociais aos quais os indivíduos podem ser alocados e tanto a historiografia, quanto a literatura, quanto a poesia, música e tudo aquilo que de alguma forma constrói uma abordagem discursiva entra no jogo de poder e violência, assim como Grada Kilomba nos adverte:

Não posso deixar de escrever um último parágrafo, para lembrar que a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é normal e de quem é que pode representar a verdadeira condição humana. (KILOMBA, 2019, p. 14)

O grande problema que obras como essas, as de Monteiro Lobado anteriormente citadas trazem é que elas são capturadas pela memória coletiva e o inconsciente social, reverberando como fantasmas no agir, e no tratamento de pessoas que compõem minorias estereotipadas, levando a sanidade mental dos indivíduos negros, indígenas e grupos de minorias estereotipados

⁴¹ Música composta por MC Kevin o Chris, interpretada por Dj Juninho 22 e MC Kevin o Chris, lançada em 2019, fonte: ADpar. Disponível: < <https://www.lettras.mus.br/mc-kevin-o-cris/morena-cor-do-pecado/> > acessado em 05/11/2023.

⁴² Existem variações no gênero musical funk, esse em específico conhecido como proibidão está inserido na categoria de funks que fazem algum tipo de apologia seja a criminalidade, violência, ou ainda a atos libidinosos, os mesmos costumam estar inseridos como atração nas favelas e em locais no quais o poder público não costuma ter acesso, logo esse gênero tem por costume não seguir regras sociais estabelecidos no âmbito do direito.

e naturalizando esquemas de opressão e aprisionamento ainda hoje às pessoas que não tem letramento racial⁴³ a condição de objetos, que não merecem respeito, afeto e dignidade.

Frantz Fanon em “Pele negra máscaras brancas” em sua obra trabalha os embates raciais na França no século passado, e já em seus estudos fica evidente o *status quo* que se promove dentro da sociedade francesa. Como que a cada capítulo as relações de poder colocam o negro a margem da sociedade e como se distanciar do ser negro faz com que o indivíduo ascenda socialmente, seja através do embranquecimento através da miscigenação, seja nos costumes que muitos negros argelinos que ao estarem na França, acabam por deixando sua cultura e costumes de lado para uma ascensão social. E outro ponto que vai se notar é a questão do “Colorismo”⁴⁴ e o sexíssimo quanto mais claro e for parte do gênero masculino mais chances ou espaços o indivíduo consegue alcançar, logo quanto mais negro e mulher menor será sua porta de acesso a instituições de poder e influência, tendo como base que estas instituições são todos os espaços de prestígio da sociedade seja no quesito intelectual, político ou financeiro (Fanon, 2008), Neste ângulo de análise ao qual Fanon descreveu sua sociedade é possível notar como os espectros coloniais mesmo que em distâncias continentais ganham contornos e *modus operandi* parecidos, pois ao perceber o que foi a história da miscigenação brasileira podemos perceber como esse movimento ocorre a partir da técnica espectral colonial.

Quanto se pensa em miscigenação, casamentos ou relações interracialis e embranquecimento uma imagem sempre vem à tona, seja em aulas de História, em livros didáticos, discussões acerca da temática, a imagem que surge é a pintura de Modesto Brocos a Redenção de Cam:

⁴³ A noção de letramento racial aqui se articula a partir de uma consciência dos privilégios e desvantagens advindos de um referencial racista impregnado ao longo da história brasileira, logo indivíduos que possuem letramento racial em alguma instância, percebem melhor a miríade de armadilhas em jogo na sociedade, que estabelecem a forma de como os indivíduos serão vistos, tratados, respeitados ou não, a partir de uma lógica pautada no tom de pele, ou seja, raça socialmente constituída, classe, ou seja, ainda é possível se atrelar uma noção racial através de marcadores de renda e bem estar social, cultura, ou seja, traços culturais atrelados a indivíduos não brancos além de serem rebaixados a características rudimentares e propensas a uma involução, as mesmas carregaram em seu bojo um aspecto mundano, pecaminoso o que dentro da percepção social as colocam como algo de menor valor e em alguns momentos históricos possuíam um teor a ser criminalizado e por fim mas não menos importante uma percepção de gênero, o qual dentro de uma lógica sexista se estabelece uma hierarquia entre homens e mulheres, tendo assim o homem primazia em detrimento da mulher, ao perceber a estrutura dessas armadilhas interseccionais é possível estabelecer um letramento racial que desvele, desnude os fantasmas que de alguma forma espectram a atualidade.

⁴⁴ O colorismo* ou a Pigmentocracia aqui será utilizada para entender o processo de discriminação pela cor da pele, e é muito comum em países que sofreram a colonização europeia e em países pós-escravocratas que tiveram um processo de miscigenação racial. De uma maneira simplificada, o termo quer dizer que, quanto mais pigmentada (retinta) uma pessoa é, mais exclusão e discriminação essa pessoa irá sofrer em sociedades que o ideário estético, intelectual e cultural está sob a égide eurocentrada da branquitude.

Figura 10 Redenção de Cam 1895, artista Modesto Brocos



fonte: < https://www.wikiwand.com/pt/A_Redem%C3%A7%C3%A3o_de_Cam > acessado em 30/10/2023.

Ao analisar a imagem é preciso perceber que signos estabelecem diálogo com os ideais de miscigenação anteriormente arrolados ao longo deste capítulo, a figura 5 traz quatro personagens com tonalidades de cor de pele distintas, em um jogo de gradação racial que estabelece o que é o ideário do embranquecimento racial, que parte da senhora mais velha que

começou o processo de embranquecimento que acabou por gerar uma mulher de pele mais clara, que seria o que poderíamos chamar de mulata/mestiça e nesse processo entra a terceira geração que está diretamente ligada ao homem branco sentado à direita que nesse último processo de miscigenação com a mulher mulata/mestiça gera uma criança de pele clara, terminando assim o processo de embranquecimento racial. Esse processo além de ser do ponto de vista racial bem problemático, ele acompanha uma percepção social arraigada no pensamento que quanto mais branco o indivíduo, mais características positivas o mesmo carrega, trazendo mais uma vez os símbolos e significados atrelados ao racismo científico.

Outros pontos devem ser destacados em relação a pintura, primeiro é importante notar a mulher negra de pés descalços, com a cabeça e mãos erguidas e o lenço cobrindo os cabelos, esses traços são propositais, as mãos e cabeça erguida demonstra devoção e agradecimento a algo desejado, que no caso em questão seria o agradecer de ter conseguido embranquecer as próximas gerações, pois como pontuamos a partir de Fanon (2008) quanto mais próximo ao branco o indivíduo negro chega melhor sucedido socialmente ele se torna outro ponto está relacionado o fato desta mulher negra está descalça o que indicava no período da colônia e do império que o indivíduo ou era um escravizado ou ainda que livre alguém de classe social paupérrima, o lenço na cabeça traz a questão estética dos cabelos negros que demarcam dor e sofrimento a gerações passadas que faziam vários procedimentos estéticos com o intuito de alisa-lo, logo por mais que o lenço possa ser traduzido também a partir de uma percepção estética da negritude diferente da arrumação de lenços que podem ser semelhantes o ornamento de coroa a desta senhora se mostra de forma simples, apenas para esconder seus cabelos que não sofreram o processo de embranquecimento com a miscigenação, outra questão referente a esta senhora é o fato dela ser a única a pisar no chão de barro, o que demonstra uma clara distância dos outros personagens que da esquerda para direita já estão em um chão de pedra demonstrando o avanço.

Quando nos deparamos com segunda e terceira personagem desta pintura começamos a ver o pseud. avanço do branqueamento, pois já estamos de frente com uma mulher mestiça, de cabelos expostos e mais liso o que já demonstra a percepção de “avanço” na estética capilar, nota-se também o olhar que diferente da mãe que olha para os seus em sinal de devoção e agradecimento está mulher já olha para a criança branca que é o fim tão desejado do ideário de embranquecimento, logo o olhar dela está prostrado em direção ao avanço geracional da miscigenação. Outro ponto importante é que o pintor deixa a mostra um pequeno pedaço do sapato desta mulher que diferente da mãe que estava descalça, está possui sapatos e está já em

um chão de pedras logo não é escravizada como também está socialmente melhor, tanto a tonalidade de pele quanto os traços faciais vão em direção ao ideário do embranquecimento, e está mulher aponta o dedo para o ventre/útero materno que indica onde a miscigenação será gerada, ou seja úteros negros e mulatos, a criança branca no colo representa o fim último do branqueamento. Está completando o ciclo geracional já tem todos os traços da branquitude, vestes brancas como sinal de pureza, olhar fixado para aquela que começou o processo de miscigenação que seria avó do mesmo, até a estica das vestes tem teor simbólico, pois a senhora mais idosa está com roupas mais simples e mais escuraras, a mulher sentada está no meio do caminho, apesar das roupas terem um tom visivelmente mais claro ela também carrega cores de ligação entre a branquitude e a negritude, traço também exposto pela sua tonalidade de pele.

Os três personagens anteriormente analisados estão sob a proteção de ramos de palmeiras que carregam um grande teor simbólico religioso, para os católicos esse ramo e comumente utilizado no domingo de Ramos é possuidor do teor simbólico da vitória, relembram a questão da ligação feita com Deus através do batismo, geralmente católicos levam esses ramos para casa para limpeza do ambiente, no sentido de purificação e espantar espíritos agourentos, as palmeiras também representam a honra, ascensão e regeneração, traços que dialogam com o ideário da miscigenação ao qual a tela tenta traduzir. E ainda é necessário lembrar a cena de cristo que ao chegar a Jerusalém⁴⁵ é recebido com o acenar de ramos de palmeiras, logo a palmeira sobre a criança representa a aprovação divina, pois assim como cristo é recebido com ramos de palmeira a criança branca está sob este mesmo ramo simbólico de palmeira que está ali para o receber, como para sacramentar aos olhos de Deus, fortificando a simbologia da purificação, regeneração e vitória no processo de miscigenação.

O último personagem seria o homem branco que está a direita, esse personagem carrega os traços e estética da branquitude que serão passados no processo de miscigenação, este também está a olhar para o fim ultimo do processo miscigenador que é a criança branca, e carrega em seu semblante paz, admiração pelo êxito do processo, este homem está calçado o que no período colonial e imperial demonstra questões de caráter social, fora que existe uma interseccionalidade na questão raça e gênero, pois mulheres são representadas como negras e mulatas e a figura masculina sempre branca, o que a priori demarca mais dois personagens que estão presentes na tela pela ausência, que são respectivamente a mulher branca e o homem

⁴⁵ Para melhor entender a correlação aqui feita ver na bíblia nos seguintes trechos: Mateus 21: 1-11; Marcos 11:1-11; Lucas 19: 28-44 e João12:12-19 que retratam a Paixão de Cristo que reencena a chegada de Cristo em Jerusalém através da visão de seus apóstolos.

negro.

Tanto a mulher branca quanto o homem negro demarcam pela ausência mensagens simbólicas, como por exemplo, de como o útero da mulher negra está atrelado ao ideário de miscigenação que recebe do homem branco a semente que limpou esse útero até que o mesmo se torne branco, o que traz a mensagem de que a mulher negra/mulata é grata por esse processo ao analisar como as mesmas estão sendo representadas. A ausência da mulher branca se localiza no fato de não estar inserida no processo de miscigenação, está já detentora de um status racial excluída pois seu útero já traz a branquitude de berço e a mesma não poderia ser maculada pela semente do homem negro que carrega os traços da negritude, o que carrega a mensagem patriarcal que a semente sempre será semeada pelo homem branco. Como lembra Carvalho (2002) em nota de rodapé no início desse capítulo ao demarcar que as mulheres que promoveram a base do estupro a miscigenação brasileira foram as índias e negras escravizadas, já a ausência do homem negro representa justamente a morte da negritude, uma vez que a semente da negritude não é mais semeada, ela morrerá através das gerações, completando não só o processo de miscigenação e embranquecimento, como também circunscreve que este falo negro não mais representa utilidade na percepção social instituída.

Depois de analisar a tela fica a questão, será que o ideário proposto na tela conseguiu ser introduzido no imaginário social brasileiro? Se sim quais as ressonâncias espectrais geradas a partir deste ideário?

Tentando responder essas questões que é importante revisitar a obra de Neusa Santos Souza “Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social” publicado em 1983, ou seja, 88 anos depois da pintura da tela “Redenção de Cam”, o nome do texto de Neusa já traz algumas dicas pertinentes do debate aqui proposto. Primeiro que a mesma já demarca a intersecção de raça e classe, pois a mesma está a analisar uma fração específica da negritude que são negros e ascensão social, logo negros que não ascenderam socialmente não estarão abarcados nessa análise a priori; outra coisa importante no título é que a mesma traz que a negritude não é algo posto, mas algo que torna-se, logo ela traz algo para além da tonalidade da pele que já demarca e coloca a vista a negritude de alguém, mas a autora vai além, pois em sua obra existe uma demarcação de negritude que vai para além da pele, e que está inserido em uma construção tanto da negritude quanto da branquitude (Branquitude) nos seus mais variados aspectos sociais, levando em conta que existe uma percepção social do que é ser negro e o que é ser branco e dentro dessa análise a mesma ainda faz conexão com o debate atrelado a miscigenação (SOUZA, 1983).

Neusa demarca a questão social atrelada a negritude, leitora de Fanon a autora vai identificando alguns dos aspectos que Fanon pontuou em “Pele negra, mascaras brancas”, e percebe ao decorrer de sua escrita como o negro está circunscrito em uma identidade social arraigada na percepção de negro/atraso *versus* branco/avanço, ou seja, em outras palavras a autora vai descrevendo como ser negro dentro do imaginário social está ligado a condição de pobreza intelectual e material, ser negro está atrelado também a noção de estética logo negro igual a feio *versus* branco igual a bonito, que o negro pode se embranquecer de várias formas possíveis, seja nos ideários da miscigenação na relação interracial na qual se embranquece através de proles mais brancas, ou ainda dentro de uma perspectiva socio cultural, ascendendo financeiramente e culturalmente ao ideário da brancura que é veiculado através da aquisição de bens e consumos e aderindo aquilo na sociedade brasileira e demarcado como cultura branca e está relacionado a riqueza, avanço e inteligência, logo se instaura mais algumas distinções negro igual a corpo e emoção e branco atrelado a mente e razão.

O "privilégio da sensibilidade" que se materializa na musicalidade e ritmicidade do negro, a singular resistência física e extraordinária potência e desempenho sexuais, são atributos que revelam um falso reconhecimento de uma suposta superioridade negra. Todos estes "dons" estão associados à "irracionalidade" e "primitivismo" do negro em oposição à "racionalidade" e "refinamento" do branco. Quando se fala na emocionalidade do negro é quase sempre para lhe contrapor a capacidade de raciocínio do branco. (SOUZA, 1983, p. 30).

É importante notar a demarcação da identidade branca na obra de Neusa Souza, pois diferente da vasta bibliografia critica até aquele momento que tratava a brancura (Branquitude) como universal logo sem identidade e atrelada a neutralidade, a autora vai demarcando que também existe a identidade branca, mesmo que percebendo a partir daquilo que foi se fundamentando no racismo científico, contudo, sua obra traz um avanço em noções de criticidade social, que percebe os estereótipos, ao mesmo passo que analisa os efeitos dos mesmos (SOUZA, 1983).

Mas o ponto aqui ainda está em perceber como o trabalho de Neusa Souza está a confluir com a análise acerca do ideário de embranquecimento e miscigenação e ao revisitar as entrevistas feitas pela autora é possível notar questões atreladas a percepção de que a ascensão social surge através da miscigenação com o homem branco:

"Minha avó não gostava de negro. Dizia que crioulo, sobre tudo o negro, não prestava: 'se você vir confusão, saiba que é o negro que está fazendo; se vir um negro correr, é ladrão. Você tem que casar com um branco pra limpar o útero.'" (Luísa). (SOUZA, 1983, p. 30).

A avó de Luísa demarca um território simbólico e traz os fantasmas coloniais em sua fala, mas para além de especificar o lugar social do negro no imaginário social ela faz também uma clara assimilação com ideário do embranquecimento e da miscigenação, pois atrela o casamento com homem branco a ascensão social e limpeza do útero negro que na junção com o branco se lima ao dar luz a prole mais clara e com mais chances dentro de uma sociedade que entende que a brancura é sinônimo de avanço, refino, riqueza. E a posterior ainda vai demarcando mais pontos em sua fala, entendendo que ser negro está para além da cor da pele, mas está também atrelada a sua condição social:

"Minha avó, ela diz que quer se casar de novo. 'Casar com um francês pra clarear a família'. Quando a gente (as netas) está namorando, ela pergunta se é preto ou branco. Diz que tem que clarear a família. O clarear não é só a questão da pele, porque o negro é símbolo da miséria, de fome. De repente, clarear é também a ascensão econômica e social. Se for um cara negro que tenha condição econômica e social boa, tudo bem. Tem um lance de cor, mas no sentido de que a cor (preta), lembra miséria. O preto (para ser aceito como possível integrante da família) tem que ter curso superior. Se for um branco, não precisa. Principalmente em relação a nós - filhos do único filho dela que ascendeu tem muita expectativa. Nós somos os filhos do PROFESSOR..." (Carmem) (SOUZA, 1983, p. 36).

Os pontos até aqui arrolados têm como função cobrir um percurso histórico, sociológico e psicológico da formação do brasileiro no que tange as noções de raça, classe e gênero, e como essas noções iram espectralmente influenciar para as diferentes formas de tratamento e comoção social para os mais distintos corpos componentes da sociedade brasileira, percebendo assim quais são os fantasmas e espectros que rondam o inconsciente coletivo e o imaginário social.

3 PORQUÊ NARCISO ACHA FEIO O QUE NÃO É ESPELHO?

Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
 Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
 É que Narciso acha feio o que não é espelho
 E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
 Nada do que não era antes quando não somos Mutantes
 E foste um difícil começo, afasto o que não conheço
 E quem vem de outro sonho feliz de cidade
 Aprende depressa a chamar-te de realidade
 Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso
 Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas
 Da força da grana que ergue e destrói coisas belas
 Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas
 Eu vejo surgir teus poetas de campos e espaços
 Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva
 Pan-Américas de Áfricas utópicas, tûmulo do samba
 Mais possível novo Quilombo de Zumbi
 E os Novos Baianos passeiam na tua garoa
 E novos baianos te podem curtir numa boa
 (CAETANO VELOSO, 1978)

Caetano Veloso ao compor Sampa nos brinda com algumas reflexões que iniciarão o ponto deste capítulo, o compositor traz de cara o estranhamento do “eu” para com o “outro” e este é um ponto crucial para começarmos a refletir as diferentes formas de tratamento e comoção social dentro da sociedade, pois assim como na música que remete ao mito de narciso, aquele que se coloca de frente com o outro que não reflete a sua imagem se espanta. Nesse estranhamento o conflito começa a se colocar na tentativa de identificar o outro e identificar é um ato de violência, pois sem mesmo conhecer o outro ali exposto, o processo de identificação coloca no “outro” elementos pré-concebidos a partir da superfície aparente deste outro que se está tentando apreender, prender, capturar e nesse movimento tudo aquilo que está circunscrito no vício do olhar se transporta voluntariosamente a imagem do outro. Mas parece que está reflexão está a rodear sem dar coesão ao explicitado, pois falta ainda alguns elementos de ordem de visão para que se tenha um mosaico melhor definido, como por exemplo entender se existe uma hierarquia entre esse “eu” e o “outro”, pois em um processo de alteridade plena sem hierarquias, os dois lados constituiriam um “eu” e o oposto seria o “outro” desse “eu” formando assim uma ligação direta e proporcional, porém, quando estabelecemos uma hierarquia nessa ordem de “eu” e o “outro” o que estamos a pontuar é que os lugares estão marcados e que não existirá alteridade entre esses lugares e que o “eu” possuirá primazia. Ou seja, lugar de destaque como indivíduo e episteme universalizante, a qual será detentor do direito de atribuir o certo e o errado e os padrões normalizadores a serem determinados e seguidos, e o outro possuía um lugar de subalternidade, no qual sua subjetividade não será levada em consideração, apenas terá

sob a lente daquele que está na posição do “eu” uma imagem forjada sob a lente de visão deste “eu” e neste momento o ato violento está posto em ação, pois uma vez apreendido, preso e capturado sob essa lente não é possível uma imagem e composição desse outro sob sua própria visão, apenas existe um lugar de exclusão, estereotização, marginalização e inferiorização, ou seja, a desumanização desse outro. Ai fica mais evidente a importância da composição de Caetano Veloso, pois os versos iniciais demarcam exatamente esse estranhamento do “eu” para com o “outro”, pois como lembra bem o compositor “Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto, Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto, É que Narciso acha feio o que não é espelho” (VELOSO, 1978) e neste momento do confronto com o outro, por não conhecer, ou não querer, ou ainda de forma maniqueísta por ser bom não conhecer, se atribui o outro o mau gosto do qual o compositor está a falar, se coloca no outro todos os aspectos negativos, afasta-se o outro, julga e aprisiona o outro num mosaico montado a partir desta percepção do “eu” que não consegue achar belo nada daquilo que não reflete a sua própria imagem.

Narciso no começo deste capítulo fora invocado como um fantasma que ainda está a nos espreitar na atualidade, e o intento de capturar a imagem de Narciso é dar corpo ao debate aqui proposto e para tanto é preciso revistar seu mito e como o mesmo iria influenciar a antiguidade, modernidade e contemporaneidade. E a fica a pergunta, afinal de contas quem foi Narciso e qual a sua importância?

Segundo Eva Andrés Vicente (2024) no verbete “Mito de Narciso” da enciclopédia de significados a narrativa mais famosa sobre Narciso é a apresentada pelo poeta romano Ovídio em sua obra *Metamorfoses*, escrita entre os anos 43 a.C. e 18 d.C. Segundo a lenda, contam que Narciso é descendente da ninfa Liríope e do deus dos lagos, Céfiso. Em uma certa ocasião, enquanto Narciso ainda era jovem, sua mãe consultou o vidente Tirésias para saber sobre a longevidade de seu filho. A resposta, no entanto, causou inquietação e temor em Liríope, pois o vidente respondera que "Ele terá uma vida longa se nunca se reconhecer".

Desde a infância, Narciso sempre se destacou pela sua beleza inigualável. Com o passar do tempo, vários admiradores surgiram, tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino, interessados no jovem bonito. No entanto, Narciso não demonstrava interesse por ninguém: ignorava a todos.

Em um dia como outro qualquer, durante a atividade de caça na floresta, Narciso se deparou com Eco, uma ninfa que havia recebido como castigo o poder de apenas repetir o final das frases ditas por outras pessoas. Essa punição foi resultado da raiva da deusa Hera, que se

sentiu incomodada com a ninfa por distraí-la com sua fala incessante enquanto Zeus, seu esposo, estava ocupado com suas amantes.

A interação entre Narciso e Eco foi bastante problemática. Eco limitava-se a ecoar as palavras que Narciso falava. Narciso, confuso e irritado, afastou Eco quando ela tentou abraçá-lo.

Após ser rejeitada, a triste Eco se afastou para o meio da floresta e recusava-se a se alimentar ou se hidratar. Com o passar dos dias, veio a falecer, porém sua voz continuou ecoando. Assim surgiu o fenômeno do eco. Depois do acontecimento com Eco, Narciso seguiu desdenhando qualquer pessoa que tentasse conquistá-lo. Até que, certo dia, uma ninfa implorou aos deuses que Narciso recebesse uma punição. E a retribuição chegou por meio de Nêmesis, a divindade conhecida por personificar a distribuição do equilíbrio, justiça e vingança divina.

O castigo de Narciso se daria tempo depois quando o mesmo voltara ao bosque para um passeio, neste episódio Narciso encontra no meio da floresta uma fonte de águas tão cristalinas como nunca a havia visto, fonte esta que nenhum ser vivo tinha conhecimento, ao debruçar-se sobre a fonte, Narciso entra em êxtase, pois somente naquele instante havia encontrado o verdadeiro amor de sua vida, sem se dar conta que o amor de sua vida era o seu próprio reflexo, o interesse despertado foi tão aterrador que atônito Narciso não conseguia fazer outra coisa senão admirar aquele rapaz que havia roubado seu coração. E deste momento até sua morte Narciso fora agraciado e punido, pois ao estar a adorar sua própria imagem, o mesmo tecia fervorosamente seus sentimentos, ao mesmo tempo que nutria tristeza e decepção de não poder abraçar o seu amor ou ainda se sentir amado nesse processo, da mesma forma que Narciso não havia correspondido os sentimentos de todos os que lhe ofereceram amor, aquele que era detentor do seu sentimento também não o correspondia. Mesmo assim Narciso se recusou a sair da frente da fonte, com isso num processo de inanição Narciso morre frente aquela fonte que o hipnotizava com seu reflexo, e de seus restos mortais nasce uma flor branca e amarela que até hoje detém seu nome.

Em resumo o mito de Narciso traz reflexões sobre o egocentrismo, vaidade e dificuldade de empatia para com o outro, o que nos coloca novamente na questão inicial desse capítulo. Narciso além de ser um exemplo que iremos explorar bastante ao longo deste intento, também foi alvo de escrutínio de vários personagens importantes ao longo do tempo seja no campo da arte, literatura, psicologia, história e inúmeras outras áreas de atuação e conhecimento. Uma das homenagens mais conhecidas feita ao mito de Narciso é do pintor Caravaggio:

Figura 11 Pintura a óleo em homenagem a Narciso do pintor Caravaggio pintada por volta de 1597 e 1599.



Disponível: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Narciso_\(Caravaggio\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Narciso_(Caravaggio)) > acessado em 19 de junho de 2024.

Outra área de conhecimento ao qual Narciso tem forte influência é o campo da psicanálise o qual tem como pai fundador e maior influenciador Sigmund Freud (1856-1939), a figura de Narciso serviu para reflexão sobre as fases do desenvolvimento narcísico, em bases gerais para não alongar muito sobre o exposto existem etapas aos quais os indivíduos irão passar

que se chamam respectivamente narcisismo primário e que está relacionado a fase infantil quando o bebê nasce e ainda não consegue estabelecer uma diferença direta entre si e aquilo que está a sua volta. Neste ponto o bebê subentende que tudo faz parte do seu eu próprio, inclusive sua mãe, esse é o momento conhecido como estágio ou estado auto erótico, tempo que dura apenas algumas semanas, pois com o passar do tempo o bebê começa a perceber através do seu desconforto interno, que é atribuído a processos naturais como fome, calor, frio, ruídos entre outros estímulos que ao invés de ter um estado de autossuficiência ou regulação, que na verdade seu bem estar advém de alguém que está a prestar cuidados e nessa fase que a criança começa a perceber o outro e a si mesma pela ausência e falta e o movimento de ser suprido e acolhido, tendo assim uma percepção de ser o centro do seu universo, ou seja, tudo está a se formatar e girar em função de si. Nesse ponto do narcisismo primário é essencial para entendermos o processo o qual pessoas adultas se tornam narcisistas, porém este é um ponto a ser tratado mais à frente. A segunda fase narcísica está circunscrita no narcisismo secundário que é quando a libido começa a despertar, ou seja, a criança percebe através do desejo a objetos externos a ela o sentimento de satisfação do seu desejo, como por exemplo quando a criança começa a desejar o seio de sua mãe, o que ao fim do processo gera a satisfação da saciedade, uma vez que, seu alimento é gerado pelo aleitamento materno e a partir deste ponto seja por pulsões de autoconservação ou pelas pulsões sexuais caracterizadas na libido objetal, se dá início a construção do ego do indivíduo que é nutrido pela satisfação narcísica, a qual exemplificamos no caso do desejo do seio materno e satisfação ao ser amamentado.⁴⁶ (ALMEIDA, s/d)

Então quando estamos a falar de um indivíduo narcisista, seja a partir da reflexão proposta no mito de Narciso, ou pelos conceitos atribuídos através da psicologia, estamos a tratar de uma relação conflituosa do indivíduo em relação a sociedade, logo um indivíduo narcisista acredita ser o centro do mundo e que tudo e todos giram em função dele, por conseguinte todas as relações que este indivíduo tiver precisaram suprir a todo instante sua satisfação narcísica. Estas reflexões são importantes para começarmos a delinear a estrutura sob a qual a Branquitude, ou seja, privilégio branco se instaura dentro do tecido social e a partir deste privilégio do eu (branco) em detrimento do outro (não branco) é estabelecido as condições sob as quais iremos dialogar sobre o pacto narcísico da branquitude e a indignação narcísica.

⁴⁶ Para entender melhor os processos de constituição psíquica do narcisismo primário e secundário e seus desdobramentos, ver: FREUD, Sigmund. **Sobre o Narcisismo:** Uma Introdução (1914). Edição Standard Brasileira, Obras Completas de Sigmund Freud – Vol. XIV. Imago. Rio de Janeiro – 1974.

Grada Kilomba discorre um pouco sobre a dinâmica imposta pela branquitude em seu livro memórias da plantação, na qual a autora demonstra o jogo estabelecido entre o eu branco e o outro não branco, traçando assim também uma noção de espaço pois ser branco para além de ser a norma estabelece uma conexão de estar no lugar certo enquanto não ser branco é habitar sempre um não lugar dentro do jogo hierárquico no qual a branquitude comanda (KILOMBA, 2019, p. 56-57), e neste mesmo ensejo impende trazer um pouco da visão da autora sobre a dinâmica entre racismo e branquitude:

No racismo estão presentes, de modo simultâneo, três características: a primeira é a construção de/da diferença. A pessoa é vista como “diferente” devido a sua origem racial e/ou pertença religiosa. Aqui, temos de perguntar: quem é “diferente” de quem? É o sujeito negro “diferente” do sujeito branco ou o contrário, é o branco “diferente” do negro? Só se torna “diferente” porque se “diferencia” de um grupo que tem o poder de se definir como norma a norma branca. Todas/os aquelas/es que não são brancas/os são construídas/os então como “diferentes”. A branquitude é construída como ponto de referência a partir do qual todas/os as/os “Outras/os” raciais “diferem”. Nesse sentido, não se é “diferente”, torna-se “diferente” por meio do processo de discriminação. (KILOMBA, 2019, p. 75)

Quando aportamos sob a ótica a qual Bento (2022) por cerca de 30 anos de pesquisa desenvolveu, o entendimento sobre a forma sob a qual a branquitude se porta e como ela se mantém fica mais explícito, pois ao elencar de forma cirúrgica as nuances do pacto narcísico da branquitude fica evidente os meios que ao decorrer da história brasileira foi possível manter o *status quo*. Bento traz para o debate a questão das heranças: seja a herança colonial que através da escravidão estabeleceu as formas e os lugares aos quais o indivíduos poderiam estar e se movimentar; seja a herança simbólica estabelecida através do medo branco que durante o período imperial e da primeira república implementou normas e práticas de exclusão social, cultural e econômica aos indivíduos não brancos; seja através da herança do racismo científico que estereotipou indivíduos não brancos enquanto privilegiou indivíduos brancos; seja ainda pela implementação de políticas públicas de ações afirmativas para pessoas brancas no movimento de imigração europeia para o Brasil. Todas essas heranças foram as ferramentas utilizadas para a manutenção do *status quo*, mas não somente isso, quando estamos a falar do pacto narcísico da branquitude, estamos a pontuar o silêncio que se instaura no momento que estes elementos não são colocados na ordem de análise para o entendimento das relações de poder estabelecidas na sociedade, e este silêncio se transveste do discurso da meritocracia, fundamentado muitas vezes nos estereótipos e estigmas propagados no racismo científico, que

estabeleceu que indivíduos brancos são mais capazes e competentes em comparação com indivíduos não brancos.

De forma espectral podemos perceber que existe uma repetição do modelo de dominação, lembrando sempre que a repetição pode trazer algo novo ou diferente, porém, ela carrega uma carga simbólica que remete a algo no passado, seja próximo ou distante, e que ainda dentro dessa lógica é possível trazer elementos simbólicos de tempos diversos, nos quais os elos de repetição se ancoram, reemergem e se aprimoram. Moraes (2020) ao tecer sua argumentação sobre como foi posta a dinâmica de dominação entre os brancos e não brancos no período colonial percebe como a lógica de dominação se dá no processo de atribuir ao outro tudo de ruim, enquanto a visão do eu branco é incorporada de todas as qualidades e virtudes possíveis, que garantem lugar de destaque nas relações de poder instituídos nos modos de vida das pessoas, e como de forma espectral ao decorrer dos períodos históricos essa carga de simbolismos são utilizados para hierarquizar as relações sociais.

Voltando a questão narcísica vale lembrar o que Bento (2014) trouxe como hipótese e que ao longo dos estudos sobre relações raciais vem se provando como explicação que melhor responde aos critérios de análise aqui propostos que é a questão no amor e ódio narcísico:

Podemos levantar a hipótese de que, nas relações raciais hierarquizadas, o que ocorre é o oposto, e de certa forma similar, ao que ocorre no amor narcísico. O amor narcísico está relacionado com a identificação, tanto quanto o ódio narcísico com a desidentificação. O objeto do nosso amor narcísico é “nosso semelhante”, depositário do nosso lado bom. A escolha de objeto narcísico se faz a partir do modelo de si mesmo, ou melhor, de seu ego: ama-se o que se é, ou o que se foi, ou o que se gostaria de ser, ou mesmo a pessoa que foi parte de si. Por outro lado, o alvo de nosso ódio narcísico é o outro, o “diferente”, depositário do que consideramos nosso lado ruim. (BENTO, 2014, p. 40)

Dentro dessa lógica entre amor e ódio narcísico Bento (2014) traz mais um conceito que é a indignação narcísica, a autora demonstra esse conceito ao analisar a forma sob a qual foi exposto as diferentes dimensões da discriminação da mulher no trabalho, no seminário Internacional sobre a questão de gênero no mundo do trabalho: experiências e propostas, que aconteceu em São Paulo entre 11 e 12 de maio de 2000, no qual estavam presentes assessoras do poder público, mulheres de todas as centrais sindicais, pesquisadoras de institutos de pesquisa reconhecidos pela academia, consultoras empresariais entre outras, e nesses dois dias de seminário vários assuntos foram abordados, porém, a questão da mulher negra não teve sequer uma menção, e Cida Bento traz a incoerência desse silêncio uma vez que, poucas semanas antes do seminário fora veiculado no noticiário nacional a pesquisa sobre o Mapa da população negra no mercado de trabalho encomendada pelo DIEESE (Departamento

Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) e feita pelo INSPER (Instituto Interamericano Sindical Pela Igualdade Racial). Nesta pesquisa estava exposto que a mulher negra era o segmento mais discriminado no mercado de trabalho, esse silêncio em relação a exploração da mulher negra demarca vários fatores importantes para os estudos de gênero, classe e raça, pois tanto a indignação narcísica para com a dor da mulher negra quanto o silêncio presente no pacto narcísico da branquitude estão imbuídos de tecnologias de opressão interseccionais, pois o gênero feminino não foi suficiente para que existisse sororidade^{47 48} das mulheres brancas para com a mulheres negras, nem mesmo a questão de todas essas mulheres serem da classe trabalhadora foi suficiente para dar visibilidade a essa questão, logo o elemento faltante que é a raça socialmente construída fez com que mulheres negras fossem moralmente excluídas desse debate. Nesse cerne a indignação narcísica se dá quando há a exclusão de agentes morais que não estão inseridos dentro de seu grupo social, cultural, racial, moral de origem.

Uma das explicações plausíveis para este flagelo é explicado por Denise Jodelet no texto de Cida Bento (2014):

Denise Jodelet (1989) coloca essa questão que, segundo ela, vem aparecendo em muitas pesquisas da atualidade: o que é que faz com que pessoas que cultuam valores democráticos e igualitários aceitem a injustiça que incide sobre aqueles que não são seus pares ou não são como eles?

A explicação desses vieses, segundo ela, diz respeito à necessidade do pertencimento social: a forte ligação emocional com o grupo ao qual pertencemos nos leva a investir nele nossa própria identidade. A imagem que temos de nós próprios encontra-se vinculada à imagem que temos do nosso grupo, o que nos induz a defendermos os seus valores. Assim, protegemos o “nosso grupo” e excluimos aqueles que não pertencem a ele.

Dessa forma, exclusão passa a ser entendida como descompromisso político com o sofrimento de outro. Nesse caso, é importante focalizar uma dimensão importante da exclusão: a moral, que ocorre quando indivíduos ou grupos são vistos e colocados fora do limite em que estão vigindo regras e valores morais. Os agentes da exclusão moral compartilham de características fundamentais, como a ausência de compromisso moral e o distanciamento psicológico em relação aos excluídos.

O primeiro passo da exclusão moral é a desvalorização do outro como pessoa e, no limite, como ser humano. Os excluídos moralmente são considerados sem valor, indignos e, portanto, passíveis de serem prejudicados ou explorados. A exclusão moral pode assumir formas severas, como o genocídio; ou mais brandas, como a discriminação. Em certa medida, qualquer um de nós tem limites morais, podendo excluir moralmente os demais em alguma esfera de nossas vidas. Em geral,

⁴⁷ A sororidade é um conceito que se refere à empatia, solidariedade e acolhimento entre mulheres. Ela reorienta a percepção e atitude de uma mulher perante outra por meio da simpatia, acolhida e colaboração que abarcam desde situações simples do dia a dia até projetos sistemáticos de apoio mútuo entre mulheres. (REZENDE, 2024)

⁴⁸ Os estudos relacionados as relações raciais no Brasil cada vez mais tem avançado no que tange a criticidade em relação ao debate de gênero, o feminismo negro cada vez mais ao alargar o debate promove a criação de novas estruturas conceituais que levem em consideração a condição da mulher negra e nesse âmbito vale a pena ler a obra de Vilma Piedade que se chama “Dororidade” o conceito vem para dar conta da lacuna existente no conceito de sororidade trabalhando a empatia entre as mulheres negras, levando em conta a dor comum entre essas mulheres atreladas a raça e gênero .

expressamos sentimentos de obrigações morais na família, com amigos, mas nem sempre com estranhos e, menos ainda, com inimigos e membros de grupos negativamente estereotipados. Pelos processos psicossociais de exclusão moral, os que estão fora do nosso universo moral são julgados com mais dureza e suas falhas justificam o utilitarismo, a exploração, o descaso, a desumanidade com que são tratados. (BENTO, 2014, p. 29-30)

Logo quando entendemos o emaranhando circunscrito na ordem simbólica a qual o racismo estrutura as relações, em que tecnologias de opressão são colocadas no intuito de diferenciar raças socialmente construídas, quando se agrega valores morais e biológicos intrínsecos aos indivíduos a partir da lógica gestada no período colonial, imperial e da primeira república na qual o pensamento escravagista pautada na escravidão negra, racismo científico e as práticas eugenistas foram essenciais para a manutenção do *status quo* da branquitude que é possível perceber ao longo da história brasileira que a indignação narcísica foi o que possibilitou os processos de desumanização de indivíduos não brancos, e que esse processo quando visto sob essa lente, codifica vários processos em que direitos básicos de grupos subalternizados foram negados e retirados. Lembrando que assim como no capítulo Miscigenação Brasileira, contornos e desafios em que apontamos a lógica da técnica espectral do estupro colonial, aqui também iremos operar sob uma visão de revisitar episódios do passado com olhar a partir da lógica aqui estabelecida nesse capítulo, pois ao dar nome aos processos de injustiças perpetrados no passado é possível perceber a lógica operante que estamos a sofrer no presente, percebendo quais são os fantasmas que de forma hedionda estão a espreitar o presente promovendo a recusa de direitos básicos instituídos na constituição vigente, percebendo o tratamento diferenciado dado a indivíduos não brancos na sociedade brasileira.

3.1 Indignação narcísica como operador para releitura de injustiças na história brasileira

14 de Maio

No dia 14 de maio, eu saí por aí

Não tinha trabalho, nem casa, nem pra onde ir

Levando a senzala na alma, subi a favela

Pensando em um dia descer, mas eu nunca descí

Zanzei zonzó em todas as zonas da grande agonia

Um dia com fome, no outro sem o que comer

Sem nome, sem identidade, sem fotografia

O mundo me olhava, mas ninguém queria me ver

No dia 14 de maio, ninguém me deu bola
 Eu tive que ser bom de bola pra sobreviver
 Nenhuma lição, não havia lugar na escola
 Pensaram que poderiam me fazer perder
 Mas minha alma resiste, o meu corpo é de luta
 Eu sei o que é bom, e o que é bom também deve ser meu
 A coisa mais certa tem que ser a coisa mais justa
 Eu sou o que sou, pois agora eu sei quem sou eu
 Será que deu pra entender a mensagem?
 Se ligue no Ilê Aiyê
 Se ligue no Ilê Aiyê, agora que você me vê
 Repare como é belo, vê nosso povo lindo
 Repare que é o maior prazer
 Bom pra mim, bom pra você
 Estou de olho aberto
 Olha, moço, fique esperto, que eu não sou menino

Compositores Antônio Jorge Portugal e Lazaro Jeronimo Ferreira (2019)

Lazzo Matumbi (2019) nos joga a uma reflexão muito importante que é o que foi feito do indivíduo negro no dia seguinte do pós-abolição da escravatura de 13 de maio de 1888, será que estes que eram antes considerados objetos semoventes encontraram algum tipo de solidariedade por parte da sociedade brasileira que estava ali se constituindo e que em menos de três anos deixaria de ser império para se tornar república, Lazzo Matumbi apresentou esta música no senado federal brasileiro no dia 24 de novembro de 2016 quando recebia a Comenda Senador Abdias Nascimento⁴⁹ e alguns elementos são importantes de serem destacados como por exemplo o descaso em relação a população negra que fora deixada a Deus dará, pois sem moradia, trabalho e nem um projeto político que os inserisse na ordem do dia a

⁴⁹ Esta é uma homenagem feita em comemoração ao dia 20 de novembro, dia que no Brasil celebrasse o dia nacional da consciência negra, e tem como função homenagear pessoas que contribuíram de alguma forma para com a luta do povo negro brasileiro em busca de direitos e dignidade, um dos principais idealizadores desta comenda é justamente o homem a qual a comenda detém o nome que é Abdias Nascimento importante intelectual negro, ator, ex-deputado federal e ex-senador da república, que teve sua trajetória de vida pautada na luta de direitos para a população negra brasileira, seja como ator com o TEN (Teatro Experimental do Negro), político e escritor. Seus trabalhos intelectuais como O genocídio do negro brasileiro, no qual o autor desconstrói a ideia de uma democracia racial e Quilombismo são obras imprescindíveis para aqueles que se debruçam a estudar as relações raciais no Brasil. Ver reportagem de senado notícias: Senado entrega comenda Abdias Nascimento na quinta-feira disponível: < <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/11/21/senado-entrega-comenda-abdias-nascimento-na-quinta-feira> > acessado em 23 de junho de 2024 e vídeo de Lazzo Matumbi falando no senado disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=XMi5rh0mpxQ> > acessado em 23 de junho de 2024.

saída das senzalas os direcionou as a áreas que ninguém queriam que são o que chamamos hoje de comunidades e favelas.

José Murilo de Carvalho (2002) relembra que os ex-escravizados do campo muitas das vezes quando saíram do jugo da escravidão legal entraram em um novo processo de exploração, pois voltavam as fazendas que trabalhavam em um sistema de escravidão para um sistema que em vias gerais não mudou muita coisa, apesar da escravidão não está instituída legalmente os mesmos voltaram a trabalhar em regime análogo a escravidão ou seja espectralmente a mentalidade se repete, Araújo (2009) lembra que essa técnica já havia lastro na história do Brasil imperial, pois pós a proibição do tráfico negreiro para o Brasil, a tão conhecida lei para inglês ver, aqueles que aportaram traficados no Brasil como africanos livres foram utilizados como mão de obra em um regime que não se diferenciava em praticamente nada ao da escravidão dos negros escravizados brasileiros. Temos aqui alguns exemplos práticos de como a condição de negro no Brasil sempre habitou esse não lugar na qual a indignação narcísica opera, e se pensarmos a partir da desconstrução da colonialidade é possível ver em episódios do presente a mesma técnica espectral do racismo colonial, pois voltando ao caso das vinícolas sul do país que foram acusadas pelo ministério público por deixarem trabalhadores trabalharem em regime análogo a escravidão e se pegarmos os discursos feitos pelo vereador Sandro Fantinel de Caxias do Sul que está no subcapítulo “Educação eugênica e seus fantasmas que espectram o presente”, veremos que gesta na fala deste homem branco que relativiza o trabalho análogo a escravidão pensamentos coloniais.

Gizlene Neder (1997) em seu texto *Cidade, identidade e exclusão social* nos traz ótimos exemplos de como foi articulado os processos de reforma urbanística no Rio de Janeiro no fim do século XIX início do século XX -período também conhecido como Belle Époque⁵⁰- que demarcou não só o processo de embelezamento, reestruturação das avenidas e saneamento básico da região central do Rio de Janeiro, como também demarca o período de enxotamento da classe o pobre e negra dos grandes centros, e nesse caminhar temos no Rio de Janeiro uma estruturação para exclusão social. Pois, estas pessoas que foram enxotadas dos cortiços da área central do Rio de Janeiro, sem ter local para ir, começaram a criar as comunidades e favelas

⁵⁰ Belle Époque ou “era de ouro” é o movimento cultural, artístico e urbanístico que surgiu na França no final do século XIX que influenciou bastante a reconstrução urbanística brasileira do fim do século XIX e início do século XX, importando assim elementos constituintes da arte, cultura e arquitetura francesa, esse movimento também teve uma forte influência para a dinâmica socio racial no Brasil. Para entender melhor os contornos desse movimento no Brasil ver: DIAS, Andreia Luiza; SILVEIRA, NARA Niceia C. B. G.; SILVEIRA, Julienne da Silva. Belle Époque Brasileira: Imigração e Raça. Revista Humanidades e Inovação - ISSN 2358-8322 - Palmas - TO - v.9, n.07. 2022.

cariocas, logo quando vemos o poder público instituído a colocar a culpa nas pessoas periféricas pela falta de estrutura básica das favelas por mal planejamento, o que não é dito nem posto é que esse processo no qual as favelas foram construídas advém de um movimento de exclusão socioespacial orquestrado pelo próprio poder público, que no governo do prefeito Pereira Passos promoveu esse movimento de exclusão social.

As tramas do poder na primeira metade do século revelam grandes manobras na definição da espacialidade urbana. Mais recentemente, foram privilegiados os estudos sobre o poder dentro de espaços urbanos mais complexos e de estrutura social mais diversificada, que exigiam uma maior sofisticação nas estratégias de controle social. Dito de outro modo, os planos e reformas urbanísticas que modernizaram o Rio de Janeiro foram acompanhados de projetos de controle social que redefiniram a ação policial e moldaram os padrões de conduta e sociabilidade no espaço urbano carioca. Definiram, também, o lugar de cada grupamento étnico-cultural e/ou social. Reside neste ponto o deslanchar de um processo acentuado de segregação no espaço urbano carioca, quando a cidade européia, aquela resultante do processo de urbanização e reforma promovido por Pereira Passos, diferenciou-se das áreas para onde os trabalhadores pobres (geralmente negros) foram empurrados: os morros e a periferia (que poderíamos chamar de cidade quilombada). A relação que se estabelece no Rio de Janeiro entre estas duas partes foi definida, de um lado, como dissemos, pelas opções urbanísticas autoritárias de Pereira Passos. Sidney Challoub alude à forma como as reformas urbanas desarticularam a cidade negra, empurrando seus moradores para fora do centro da capital. (NEDER, 1997, p. 111)

Mas Gizlene Neder (1997, p. 113) ainda nos brinda com mais exemplos de como o processo de exclusão, marginalização desses indivíduos foi um processo socialmente construído, a autora ao mostrar os mapas da região central do Rio de Janeiro demonstra como foi criada uma barreira invisível para separar a população trabalhadora e negra que fora enxotada para os morros e favelas e como essa barreira era constituída de prédios ligados a segurança pública, ou seja, como (delegacias, quartéis e presídios), tudo no intuito de separar a área central do Rio de Janeiro da área habitada pela população trabalhadora e negra, logo o que fica posto neste ponto é um ato de segregação socioespacial, mas não só isso, a autora ainda pontua que esse movimento teve grande apoio da mídia da época e fora importado de fora uma metodologia de ação policial para o empreendimento desse serviço. Logo quando analisamos a partir de uma visão que de conta do processo de indignação narcísica ou ainda um visão pautada na espectralidade, vemos que na atualidade a reconstrução da zona portuária do Rio de Janeiro acontece de forma espectral, se no início do século XX Pereira Passos é quem dita as regras para exclusão social de pobres e negros do centro do Rio de Janeiro, no século XXI o prefeito Eduardo Paes que foi chamado pela mídia carioca de novo Pereira Passos promove o mesmo movimento na região portuária, é preciso sempre estar de olho nos discursos pois como lembra Derrida (2005) em à farmácia de Platão:

Um texto só é um texto se ele oculta ao primeiro olhar, ao primeiro encontro, a lei de sua composição e a regra de seu jogo. Um texto permanece, aliás, sempre imperceptível. A lei e a regra não se abrigam no inacessível de um segredo, simplesmente elas nunca se entregam, no presente, a nada que se possa nomear rigorosamente uma percepção. Com risco de, sempre e por essência, perder se assim definitivamente. Quem saberá, algum dia, sobre tal desaparecimento? A dissimulação da textura pode, em todo caso, levar séculos para desfazer seu pano. O pano envolvendo o pano. Séculos para desfazer o pano. Reconstituindo-o, também, como um organismo. Regenerando indefinidamente seu próprio tecido por detrás do rastro cortante, a decisão de cada leitura. Reservando sempre uma surpresa à anatomia ou à fisiologia de uma crítica que acreditaria dominar o jogo, vigiar de uma só vez todos os fios, iludindo-se, também, ao querer olhar o texto sem nele tocar, sem pôr as mãos no "objeto", sem se arriscar a lhe acrescentar algum novo fio, única chance de entrar no jogo tomando-o entre as mãos. Acrescentar não é aqui senão dar a ler. E preciso empenhar-se para pensar isso: que não se trata de bordar, a não ser que se considere que saber bordar ainda é se achar seguindo o fio dado. Ou seja, se se quer nos acompanhar, oculto. Se há uma unidade da leitura e da escritura, como hoje se pensa facilmente, se a leitura é a escritura, esta unidade não designa nem a confusão indiferenciada nem a identidade de todo repouso; o é que une a leitura à escritura deve descosê-las. (DERRIDA, 2005, p. 7)

Em seguida é preciso ter um olhar apurado para desnudar as escrituras intrínsecas aos discursos proferidos, percebendo assim que existem vários panos que compõe a dissimulação da textura, que tenta se pôr de forma imperceptível, e podem levar muito tempo para talvez desfazer esse pano, esse segredo que se esconde, então tentando seguir um pouco essa lógica de tomar o objeto entre as mãos para assim dar a ler, que trago ao palco um discurso que era frequente no fim década 80 do século XX, colocando em pauta que pessoas pobres e pretas não deveriam ter acesso as praias da zona sul carioca. Nesse caminhar deixar que os fantasmas que estão a espreitar esse discurso ganhe corpo, a fala a seguir é de uma mulher do Rio de Janeiro que ao ser entrevistada no documentário “Os pobres vão à praia”⁵¹ da extinta TV Manchete expõem explicitamente preconceitos de classe e raça:

Eu venho a praia na barra da tijuca e botaram uns ônibus horrorosos que saem umas pessoas completamente horríveis de dentro dos ônibus e vão lá sujar a praia, e você não adianta você ir na praia, não adianta você chegar à praia e dizer limpa e põe no baldinho, porque até saiu ontem uma matéria no jornal, que tem o pirulito e o pessoal não põe o negócio no pirulito, é porque é uma gente sem educação mesmo, não pode tirar o pessoal do Meier, do mangue e levar em Copacabana cara, porque eu não posso conviver com pessoa que não têm o mínimo de educação. (...) Cobrava entrada, tem que cobrar entrada, porque as pessoas que podem pagar entrada, dependendo do lugar, porque Copacabana, Ipanema tem que custar mais caro, as pessoas que moram em Copacabana e Ipanema é sujeira você pegar uma pessoa que mora em Ipanema, uma pessoa bem-vestida, legal, que tem educação e colocá-la na praia no meio de um monte de gente que não tem educação, que vá dizer grosseria, que vai comer farofa com galinha. Vai matar as pessoas de jojo. (...) Porque é uma gente mal educada,

⁵¹ O documentário se passou no fim da década de 1980 e está disponível no Canal do Youtube Documento Especial. Para verificar o exposto aqui acessar o link a seguir. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=kOzGFJZZVe8&rc=1> acessado em 24 de junho de 2024. Observação importante pelo fato de o vídeo conter cenas que expõem preconceito explícito o mesmo tem restrição de idade.

ficam falando grosseria pra gente entendeu, é uma gente suja, uma gente que tem, você olha pra cara dessas pessoas e tem vontade de fugir entendeu, e eu tenho horror de olhar pra cara dessas pessoas e sacar que são do mesmo país que eu, entendeu, são brasileiros, é um horror, não são brasileiros não cara, sub-raça. (TV MANCHETE, 1989)⁵²

Para finalizar a contribuição de Neder (1997)⁵³ a este trabalho, impende ainda trazer o que a autora definiu no que tange a mobilidade dentro dessa lógica segregação:

As fronteiras erigidas entre a “ordem” e a “desordem” ganharam concretude no imaginário social e político carioca e disciplinaram, portanto, o deslocamento e a sociabilidade urbanos. Estabeleceram, de forma sutil e alegórica, o território de cada grupamento étnico-cultural e apontaram o padrão hegemônico de atitudes e comportamentos face à problemática da alteridade. Assim que, pela exclusão e pela segregação, a cidade europeia pouco conhece da cidade quilombada. O mesmo não se pode dizer do contrário. O trabalhadores pobres eram obrigados a se deslocar e a transitar pela cidade em função do trabalho. Mecanismos de controle social repressivos foram, então, construídos historicamente, erigindo barreiras entre as duas cidades. Se, portanto, a cidade europeia não conhece a outra parte da cidade, coube à polícia realizar “expedições” e estabelecer um relacionamento de controle sobre os moradores da cidade quilombada. As “batidas nos morros” (algumas vezes chamadas de “invasões”), feitas por policiais aos locais de moradia dos trabalhadores urbanos pobres não tinham qualquer objetivo investigativo de busca de indícios criminais ou mesmo de policiamento ostensivo, levando segurança aos seus moradores. Tinham (a ainda têm) papel inibidor-repressivo para efeito de controle e disciplina, vale dizer, para efeito de um vigilância permanente das ruas e dos espaços públicos. (NEDER, 1997, p. 114)

Voltando a obra de José Murilo de Carvalho (2002) *Cidadania no Brasil: O longo caminho*, o seu segundo capítulo *Marcha Acelerada* traz contribuições significativas no que tange a diferença no tratamento de grupos sociais no período Vargas, impende a reflexão de como a CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) surgiu e a quem beneficiou, o autor traz o histórico da CLT atrelado ao movimento de industrialização brasileira, greves e movimentos sociais que tinham como foco os direitos trabalhistas e que este processo ficou basicamente circunscrito nas cidades e na indústria que estava começando a se formar na década de 1930. A

⁵² A fala é de uma mulher branca moradora dos arredores da praia em questão e no documentário existe três momentos que a mesma expõe sua opinião, que constituem exatamente os trechos da citação, é importante observar que o método aqui escolhido para a transcrição é o de transcrição diplomática (GRÉSILLON, 2007), ou seja, a transcrição segue fielmente a fala da entrevistada, levando em consideração seus vícios de linguagem e repetições, o tempo específico relativo a cada trecho é respectivamente de 15:00 até 15:26 min, 15:53 até 16:20 min e 17:33 até 17:49 min.

⁵³ Neder (1997) ainda traz outras contribuições que não serão abordadas nesse momento, como uma análise feita no quesito raça cor das prisões efetuadas no fim do século XIX e início do século XX, demonstrando que questões relacionadas as greves, movimentos populares, análises acerca do imaginário social que fora construído através da mídia carioca, entre outros tantos assuntos que essa obra riquíssima proporciona, para maiores esclarecimentos ver : NEDER, Gizlene. *Cidade, Identidade e Exclusão Social*. Tempo, Rio de Janeiro, Vol. 2, nº 3, 1997, pp. 106-134.

CLT se consolida em 1943 e tem como forte influência a *Carta del Lavoro* italiano, direitos trabalhistas que são fundamentais até hoje, nascem no solo brasileiro neste período como por exemplo, jornada de trabalho de 8 horas, férias, 13º salário entre outros, porém, o que nos chama atenção nesse movimento é de como determinados grupos foram beneficiados em detrimento de outros grupos, fazendo com que algo que deveria ser direito de todos os brasileiros se tornar o privilégio de alguns:

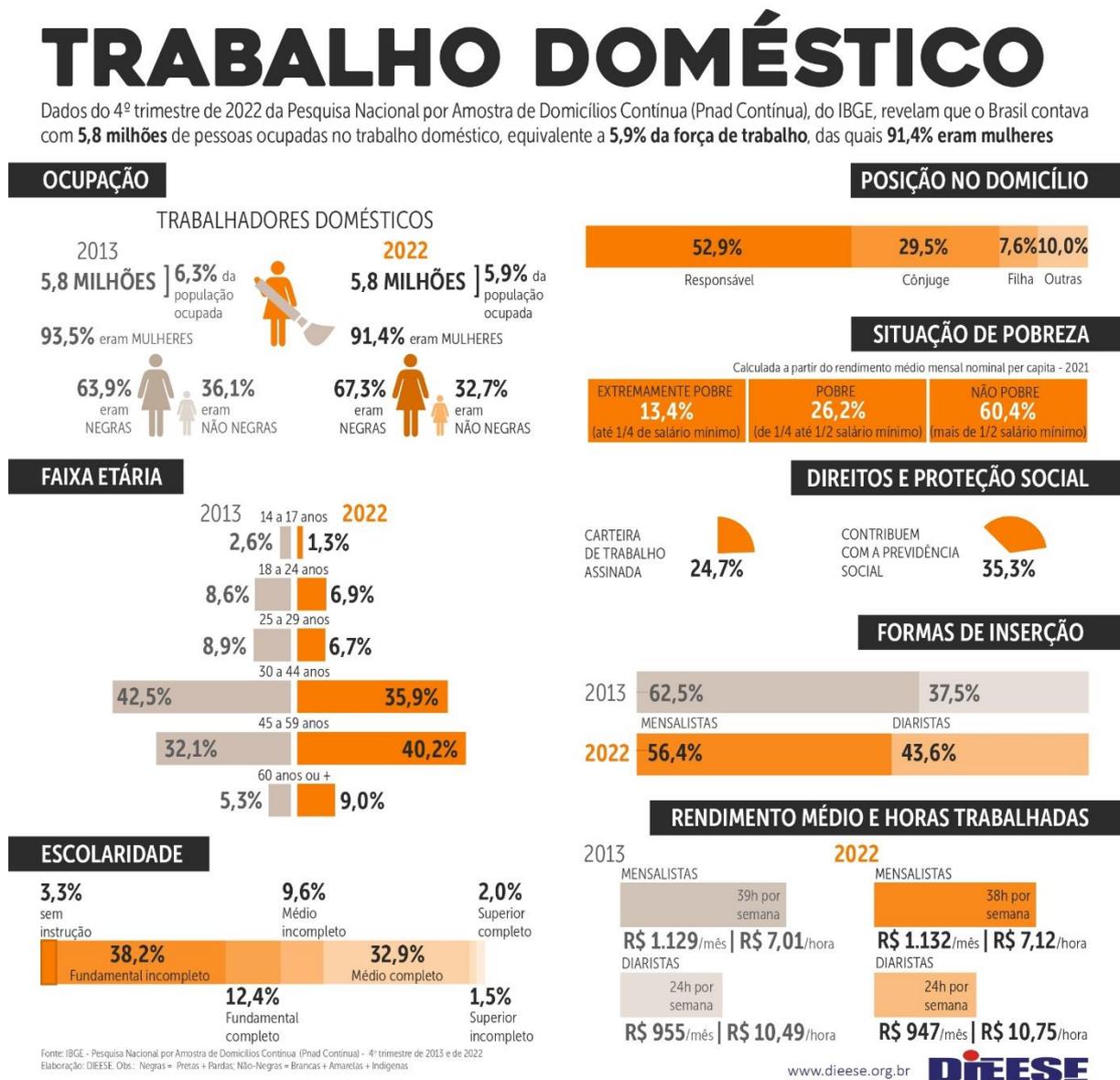
Ao lado do grande avanço que a legislação significava, havia também aspectos negativos. O sistema excluía categorias importantes de trabalhadores. No meio urbano, ficavam de fora todos os autônomos e todos os trabalhadores (na grande maioria, trabalhadoras) domésticos. Estes não eram sindicalizados nem se beneficiavam da política de previdência. Ficavam ainda de fora todos os trabalhadores rurais, que na época ainda eram maioria. Tratava-se, portanto, de uma concepção da política social como privilégio e não como direito. Ela fosse concebida como direito, deveria beneficiar a todos e da mesma maneira. Do modo como foram introduzidos, os benefícios atingiam aqueles a quem o governo decidia favorecer, de modo particular aqueles que se enquadravam na estrutura sindical corporativa montada pelo Estado. Por esta razão, a política social foi bem caracterizada por Wanderley G. dos Santos como "cidadania regulada", isto é, uma cidadania limitada por restrições políticas. (CARVALHO, 2002, p. 114-115)

Se remontarmos ao que foi sendo delineado ao longo do capítulo veremos que justamente esses indivíduos aos quais foram excluídos, são justamente aqueles que até hoje são os que tem menos acesso a direitos, ou seja, a cidadania regulada ou limitada que Carvalho (2002) nos chamou atenção. Logo o que estamos a constatar aqui é um processo de repetição espectral quando olhamos o passado escravista e colonial, e nos detemos a vislumbrar o presente, não à toa quando o debate público foi feito sobre a PEC das domésticas⁵⁴ grande parte dos ouvidos pela mídia relativizavam os direitos trabalhistas como uma espécie de punição aos

⁵⁴ A PEC das Domésticas, ou seja, a PEC 478/2010 que foi aprovada e transformada em emenda constitucional em 2013, teve como foco regulamentar a situação de trabalho de trabalhadores domésticos e os demais trabalhadores urbanos e rurais que não haviam sido incluídos na CLT em 1943, impende destacar que somente 70 anos depois da consolidação da CLT e somente 25 anos depois da constituição federal brasileira de 1988 é que tivemos o reconhecimento dos direitos trabalhistas de um grupo majoritariamente composto pelo grupo étnico racial negro no Brasil, a reflexão a este exposto nos coloca a perceber que dentro da lógica instituída, seja no período Vargas na qual a CLT é consolidada até 2013 quando a lei é instituída, que estes trabalhadores não foram dignos da solidariedade da sociedade, nem mesmo poderiam ser considerados cidadãos de direito, pois dentro da dinâmica instituída o que ficou posto na verdade é que estes poderiam habitar esse espaço de subcidadania sem que de fato houvesse consternação social, demarcando quais são os lugares hierarquicamente atribuídos aos indivíduos em nossa sociedade. Para melhor entender estes processos aos quais foram aqui levantados vale a pena ver: O trabalho doméstico 10 anos após a PEC da Domésticas. Disponível: <https://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2023/estPesq106trabDomestico.pdf> acessado em 25 de julho de 2024. Para entender melhor como a mídia brasileira se colocou referente ao debate acerca da PEC das domésticas ver: a “ PEC das domésticas” e os enquadramentos midiáticos sobre o trabalho de mulheres” disponível: < <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/48672> > acessado em 25 de julho de 2024.

patrões, pontuando ainda que da forma como fora proposta a PEC haveria risco de diminuição desse tipo de trabalho afetando diretamente as próprias empregadas, aos olhos do que até aqui vem sendo proposto esse é mais um indicio da indignação narcísica, pois precisamos ver qual grupo étnico racial e de gênero que ocupavam esses empregos, seja os trabalhos no campo no pós abolição, seja os trabalhadores domésticos, seja no período colonial, imperial, da primeira república, ou ainda no período da consolidação da CLT, e até os dias atuais o que veremos é que esses trabalhadores em sua maioria são negros como o infográfico demonstra:

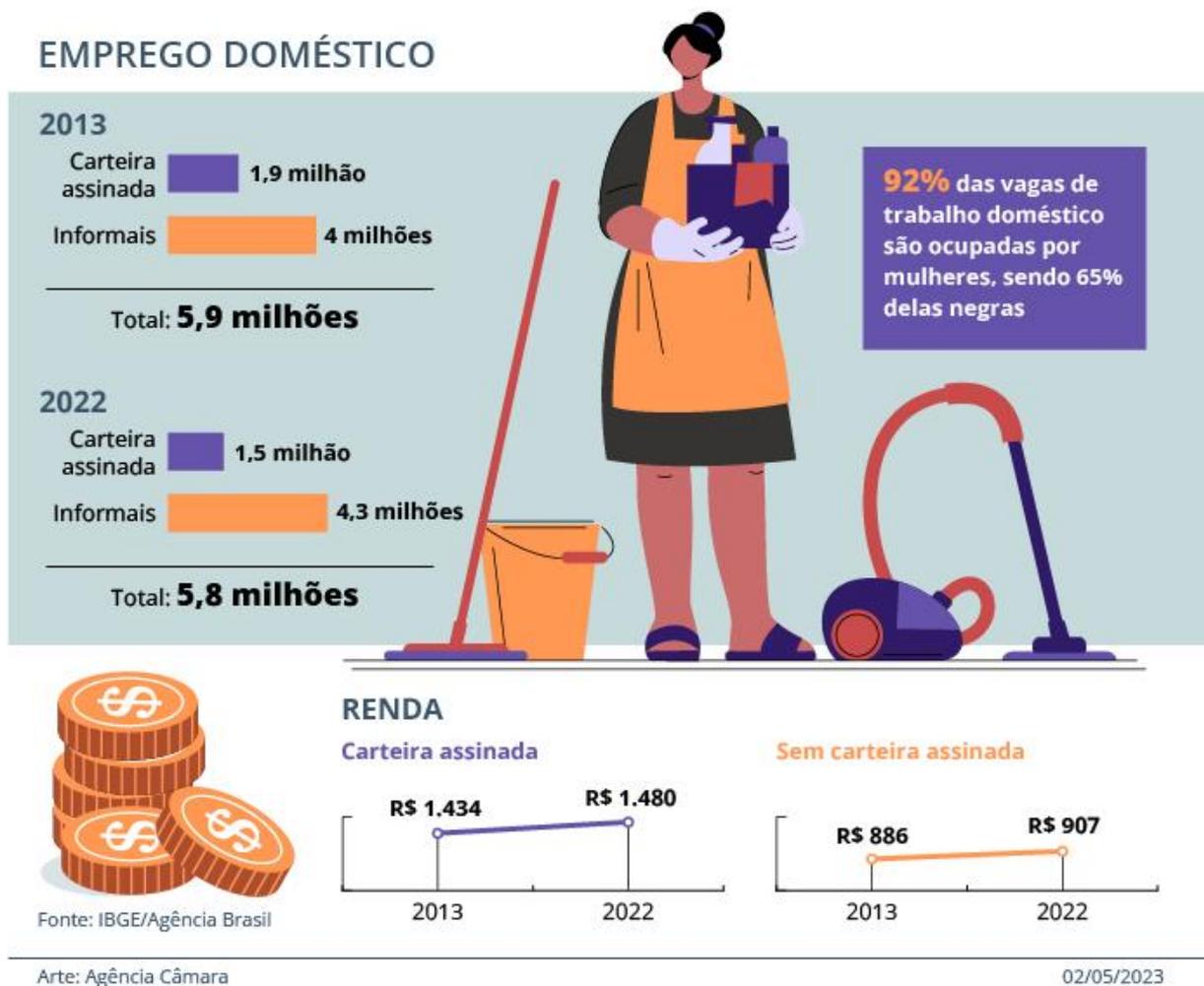
Figura 12 Trabalho doméstico no Brasil.



Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) - 4º trimestre de 2013 e de 2022 Elaboração: DIEESE. Obs.: Negras = Pretas + Pardas; Não-Negras = Brancas + Amarelas + Indígenas

Esse infográfico nos dá uma boa noção da circunscrição desse tipo de trabalho, mas quando nos debruçamos no quesito informalidade *versus* gênero/raça refletindo o período da promulgação da PEC das domésticas até 2022, a indignação narcísica ataca mais uma vez, pois o número de informais pós emenda constitucional que deveria defender os direitos trabalhistas desse grupo, o que temos na verdade é um aumento da informalidade 300 mil pessoas e uma queda de 500 mil pessoas com carteira assinada como demonstra o infográfico a seguir:

Figura 13 Infográfico Emprego doméstico.



Fonte: IBGE/Agência Câmara.

Nesse sentido o que os críticos da PEC traziam se fez verdade, pois uma lei que deveria defender os direitos básicos dessas empregadas domésticas, quando olhamos os números, mais uma vez em um processo de repetição espectral o que se tem na verdade é mais uma lei para

inglês ver, pois quando o direito de pessoas pretas e subalternizadas e colocado a prova o que vale e a satisfação narcísica da branquitude.

3.2 O privilégio no que tange a comoção e tratamento social para com a Branquitude brasileira na mídia hegemônica

“O narcisismo solicita a cumplicidade narcísica do conjunto dos membros do grupo e do grupo em seu conjunto”. (KAES, 1997, p. 262 apud BENTO, 2014, p. 45)

Até aqui pudemos caminhar para entender os processos espectrais históricos, sociológicos, políticos, psicológicos e em algum grau filosóficos que materializam o consciente coletivo brasileiro no que se refere a preconceito racial, o racismo, a branquitude, os pactos narcísicos da branquitude, a indignação narcísica, entre outros temas até aqui arrolados. Esses conceitos vêm sendo exemplificados em cada capítulo, expondo assim as diferentes formas de tratamento social para com indivíduos brancos e não brancos e como isso influencia na hierarquia social existente, logo o movimento que faremos nesse momento é o de identificar como o privilégio branco se dá na mídia hegemônica ao analisar dois casos que ganharam comoção social na mídia hegemônica no Brasil. O primeiro caso que exporemos aqui se trata de uma reportagem que se passou no horário nobre na Rede Record de televisão no programa Domingo Espetacular no dia 15 de maio de 2016 no quadro “A grande reportagem” a reportagem se chamou “A polêmica dos meninos loiros”⁵⁵ essa reportagem se passa no centro de São Paulo, e tem como grande tema de debate o preconceito racial, pois se trata de três crianças, duas meninas brancas e loiras de olhos claros, uma de sete anos e a outra com onze anos e um menino de dois anos na época em que foi feita a reportagem. Estas crianças estavam em situação de rua com sua família e quando a mãe estava em frente a uma agência bancária vendendo panos de prato a mesma foi abordada por uma mulher negra que pediu para tirar fotos das crianças, depois de tirar as fotos das três crianças, estas fotos foram postadas nas redes sociais com a seguinte mensagem:

Boa tarde gente, vindo hoje para o trabalho, aqui na lapa, (São Paulo- SP) vi essas crianças com a mãe pedindo ajuda, eu achei eles TÃO LINDOS que com a autorização da Dalila mãe deles, resolvi tirar fotos e publicar na internet, já vi isso acontecer, quem sabe essas fotos chegam em alguém influente ou que lida com esse lance de agência de modelos, me ajuda ai, vamos tentar ser agentes da mudança na vida deles! Minha

⁵⁵ Para ver a reportagem “A polêmica dos meninos loiros” acessar o canal Domingo Espetacular no Youtube. Disponível: < <https://www.youtube.com/watch?v=BQ7OEy6QmKs> > acessado em 25 de junho de 2024.

intenção é que chegue até (Nome suprimido na reportagem) ele ajuda tanta gente, acontece tanta coisa bacana no (Nome suprimido na reportagem) quem sabe né? ! Agradeço a todos.(DOMINGO ESPETACULAR, 2016)

Figura 14 Print da reportagem "Polêmica dos meninos loiros".



Fonte: Canal do Youtube do programa Domingo Espetacular.

Em menos de uma semana já tinham 16.757 visualizações, e inúmeros comentários entre os comentários havia aqueles que apoiavam a empreitada dizendo “Concordo, Elas precisam de uma chance! São lindas!” (DOMINGO ESPETACULAR, 2016) outro comentário dizia “CRIANÇAS LINDAS! PEDINDO AJUDA TAMBÉM” (DOMINGO ESPETACULAR, 2016) e outros criticavam, trazendo mensagens que levantaram o debate racial como por exemplo “SERA QUE ELA FARIA O MESMO POR CRIANÇAS NEGRAS QUE ABARROTAM OS SEMAFAROS? PQ SÃO LOIRINHAS DE OLHOS AZUIS COM CERTEZA IRÃO CHEGAR NÃO SÓ NO (mensagem suprimida pela reportagem)” (DOMINGO ESPETACULAR, 2016) outro comentário dizia “Tem tanta criança. Negra e linda por aí ninguém vê. Aí só porq tem olhos claro e cabelo loiro o povo até chama p tira foto e faz propaganda na Redsocial. Isso sim é Brasil” (DOMINGO ESPETACULAR, 2016) outro comentário dizia “O racismo nosso de cada dia”⁵⁶ (DOMINGO ESPETACULAR, 2016). No

⁵⁶ Os comentários aqui expostos são os mesmos que foram escolhidos para passar na reportagem, pois ao procurar a postagem nas redes sociais não foi possível resgatar a postagem, logo a análise será feita justamente com as informações disponibilizadas pela reportagem.

encaminhar da reportagem foi colocado em pauta o posicionamento feito pela mulher negra⁵⁷ que resolveu fazer a postagem, o repórter indaga a mesma com os comentários feitos na rede social que tencionavam a opinião pública sobre o caráter do silêncio racial da questão. Neste ponto da entrevista a mulher negra reage com a seguinte fala

Então respondendo a sua pergunta, pensando até onde vai a pobreza do ser humano, desculpa porque a pessoa que pensou “há mas ela é negra e tá ajudando o branco” é mais racista do que qualquer do que qualquer outro racista. Porque eu tinha, eu so poderia ter compartilhado se eles fossem negros? Desculpa mas eu não tenho tempo pra isso. (DOMINGO ESPETACULAR, 2016)

Durante a entrevista é sempre destacado a beleza das crianças e como essa beleza se destaca pela cor dos olhos claros e cabelos loiros, o repórter resolve ir até o lugar que aquela família branca está acampada e descobre que na verdade a mulher branca e loira não tem apenas aqueles três filhos mas na verdade tem sete filhos, sendo mais um deles com as mesmas características fenotípicas dos outros três irmãos que chamaram atenção pela sua beleza, ou seja, no acampamento existia mais um menino loiro de olhos claros, as outras três crianças aparecem somente por um curto período na reportagem, e estas recebem bem menos atenção da reportagem comparada as outras crianças que são loiras e de olhos claros. No encaminhar da reportagem a mãe branca ressalta da dificuldade de usar banheiros nos pequenos estabelecimentos comerciais próximos devido a condição de rua e outros dados importantes são disponibilizados, como por exemplo é veiculado que naquele ano segundo o IBGE cerca de 1.800.000 pessoas são moradores de rua e que independentemente da cor todos sofrem do mesmo jeito, fica de destaque o trecho

É o drama de muita gente no Brasil, segundo o IBGE o país tem 1 milhão e 800 mil moradores de rua, para quem não tem casa não importa a cor da pele ou o tipo de cabelo, a rotina é sempre dura. Se a realidade de quase 2 milhões de brasileiros é essa, porque foi o flagrante dos meninos loiros que chamou tanta atenção. (DOMINGO ESPETACULAR, 2016)

Depois dessa abordagem a reportagem convida o professor Douglas Belchior para falar um pouco sobre o que foi exposto e o mesmo responde:

Isso é revelador do Brasil, não é nenhum problema se solidarizar com a pobreza, com a necessidade seja ela de quem for, agora nos precisamos questionar porque é que esta solidariedade, ela é mais provocada em relação a um povo e não a outro. (DOMINGO ESPETACULAR, 2016)

⁵⁷ No intuito de preservar os nomes das pessoas que estão na reportagem por esse se tratar de um trabalho acadêmico não colocarei os nomes das pessoas que foram entrevistadas, caso alguém que queira saber mais sobre a reportagem a mesma consta online no canal do youtube do programa Domingo Espetacular, link que já foi disponibilizado em notas anteriores e consta na bibliografia deste trabalho.

Ao fim a reportagem traz a notícia que o pedido feito na postagem conseguiu êxito e chegou a dona de uma agência de modelos que também é loira, com isso os quatro filhos loiros de olhos claros da mãe branca foram levados a um estúdio de fotografia e ganharam um book de fotos completos para começarem o processo de agenciamento no mundo da moda, a todo momento durante a reportagem é feito um comparativo das meninas loiras com ícones da televisão brasileira que possuíam a mesma estética fenotípica, as meninas foram comparadas com a Xuxa Meneghel e Gisele Bündchen. A reportagem ressalta as normas para que crianças possam trabalhar usando sua imagem dizendo que os mesmos devem estar matriculados na escola e com todas as vacinas em dia, após este momento a reportagem mostra o ensaio fotográfico e termina levando as crianças em um parque de diversão que era o sonho dos mesmos.

Exposto o caso agora chega a hora de fazer algumas considerações sobre o mesmo, primeiramente é importante ressaltar o uso de imagem das crianças, e que este só pode ser feito, uma vez que, teve autorização dos pais, pois a falta desta autorização incorreria em um crime e a depender da forma como as crianças fossem expostas mesmo com a autorização dos pais essa exposição poderia incorrer no abuso do uso da imagem dos mesmos. Posto isso em pauta, fica evidente o uso de algumas falas de uma mulher negra sem letramento racial, pois ao ser indagada se ela faria o mesmo movimento solidário se fossem crianças negras, a mesma responde de forma ríspida que aquela fala sim era racista a ponto de ser mais racista que qualquer um outro racista, e para este exposto é preciso lembrar que o racismo é estabelecido a partir de uma hierarquia social que coloca os indivíduos hierarquicamente em posições distintas socialmente independente de seu nível social ou origem, e que dentro desta hierarquia é atribuído a um grupo privilégios e virtudes entendidas de forma intrínseca a elas, enquanto o outro grupo fica desfavorecido e é colocado atributos negativos nos mesmos. Dentro dessa lógica a posição racial de cada indivíduo será determinante para entender a forma que os mesmos serão vistos pela sociedade e como os mesmos receberão solidariedade ou não da sociedade. E neste ponto que fora abordado a fala surge o espectro do que seria o racismo reverso e para tanto impende voltar a explicação sobre esse tema dado por Silvio de Almeida no livro racismo estrutural:

O racismo é processo político. Político porque, como processo sistêmico de discriminação que influencia a organização da sociedade, depende de poder político; caso contrário seria inviável a discriminação sistemática de grupos sociais inteiros. Por isso, é absolutamente sem sentido a ideia de racismo reverso. O racismo reverso seria uma espécie de “racismo ao contrário”, ou seja, um racismo das minorias dirigido às majorias. Há um grande equívoco nessa ideia porque membros de grupos raciais minoritários podem até ser preconceituosos ou praticar discriminação, mas não

podem impor desvantagens sociais a membros de outros grupos majoritários, seja direta, seja indiretamente. Homens brancos não perdem vagas de emprego pelo fato de serem brancos, pessoas brancas não são “suspeitas” de atos criminosos por sua condição racial, tampouco têm sua inteligência ou sua capacidade profissional questionada devido à cor da pele (ALMEIDA, 2018, p.40-41).

Tendo a percepção equivocada em relação as hierarquias raciais a mulher negra reproduz uma falácia sem se dar conta que o motivo o qual a mesma pede ajuda na postagem nas redes sociais é justamente pautado na estética das crianças e que somente as 4 crianças loiras de olhos claros e cabelos loiros dos sete filhos foram escolhidos para fazer o book fotográfico enquanto os outros irmãos que não possuíam as mesmas características fenotípicas inseridas em um padrão de beleza racializado, não foram convidados para o ensaio fotográfico nem tiveram atenção da reportagem. Vale ressaltar que a comparação feita com as meninas loiras com ícones da televisão brasileira é feita com justamente duas descendentes de imigrantes europeus que vieram para o Brasil entre o fim do século XIX e início do século XX, pois Gisele Bündchen super modelo mundialmente famosa é de ascendência alemã, nascida no estado do Rio Grande do Sul e Xuxa Meneghel que é um grande ícone da década de 1990 não só do Brasil, mas também da Argentina, Espanha e Estados Unidos, também é nascida no Rio Grande do Sul e sua ascendência é uma mistura de alemães, italianos, poloneses e suíços.

Ainda sobre o questionamento de como se produzem, se apropriam e se perpetuam estes significados positivos sobre a branquitude, os estudos sobre relações raciais e mídia produzidos por Liv Sovik (2004) demonstram que os meios de comunicação de massa têm importante papel de produção e reconstrução desses estereótipos. Assim, os discursos midiáticos produzem efeitos materiais nas relações raciais brasileiras. A autora demonstra o quanto os brancos estão em evidência desproporcional nos meios de comunicação, e que isto (re)produz a hegemonia do branco como valor estético. E esta seria a razão para explicar que, apesar de morarmos em um País com a segunda maior população negra do mundo, são as "louras" que aparecem diariamente na nossa televisão como modelo de beleza a ser seguido (Xuxa, Angélica, Gisele Bündchen). Um dos exemplos que a autora mostra para exemplificar a hegemonia branca é o carnaval do Rio de Janeiro, em que a maioria dos componentes das escolas é composta de negros das periferias cariocas, e que, teoricamente, é um lugar de representação da cultura negra brasileira, em que as mulatas ganham valor positivo para representar o Brasil. Porém, os "destaques", que são o foco de atenção da mídia no carnaval, são representados por atrizes brancas da televisão brasileira. No caso do carnaval de 2003, os destaques foram, Adriane Galisteu, Deborah Secco, Suzana Werner, entre outras. (SCHUCMAN, 2012, p. 29)

Outra questão que impende o debate é acerca das falas que tencionaram o debate para um viés racializado “SERA QUE ELA FARIA O MESMO POR CRIANÇAS NEGRAS QUE ABARROTAM OS SEMAFAROS? PQ SÃO LOIRINHAS DE OLHOS AZUIS COM CERTEZA IRÃO CHEGAR NÃO SÓ NO (mensagem suprimida pela reportagem)” (DOMINGO ESPETACULAR, 2016) outro comentário dizia “Tem tanta criança. Negra e linda

por ai ninguém vê. Aí só porq tem olhos claro e cabelo loiro o povo até chama p tira foto e faz propaganda na Redsocial. Isso sim é Brasil” (DOMINGO ESPETACULAR, 2016) outro comentário dizia “O racismo nosso de cada dia”⁵⁸ (DOMINGO ESPETACULAR, 2016). Os dois primeiros comentários partem da mesma lógica os dois colocam em pauta o fato de terem várias crianças negras moradoras de rua ou trabalhando na rua, levando em conta também que existe beleza na negritude, porém, somente crianças brancas e loiras foram alvos da reportagem.

A priori os comentários seguem uma lógica plausível mas é preciso respalda-los através de dados oficiais como por exemplo da prefeitura da cidade de São Paulo, cidade em que a reportagem sobre a “Polêmica dos meninos loiros” foi feita, os dados disponibilizados pelo Censo amostral de Crianças e Adolescentes em situação de rua, feita pela SMADS (Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social), através do Painel Pesquisas e Consultoria em julho de 2022 identificou que 3759 crianças e adolescentes se encontram em situação de rua somente na cidade de São Paulo e quando pegamos o perfil racial dessas crianças e adolescentes o que fica exposto é que “Entre raça ou cor, a amostra total apresentou que 44,4% se dizem pardos, 33,9% pretos, 20% se autodeclararam brancos, e o restante, outras raças/cores.” (SECOM SP, 2023). Ou seja, se levarmos em conta que pelo IBGE a população negra é a soma de pretos e pardos, 78,3% das crianças e adolescentes na cidade de São Paulo em situação de rua são negros, porém o destaque é dado a branquitude, logo o último comentário que fala sobre a questão do “Racismo nosso de cada dia” se enquadra justamente nesse desnível, pois mesmo se levarmos em conta as proporções pelo menos três em cada quatro crianças e adolescentes encontradas são negras, porém, os únicos que geraram comoção foi exatamente aqueles que não somam nem um quarto do contingente e ai mais uma vez a indignação narcísica ataca, pois a mídia hegemônica brasileira é branca e como Narciso, só consegue achar belo aquilo que é espelho.

Ao resgatar o texto de Edith Piza e Fúlvia Rosemberg (2014) em “A cor dos censos brasileiros” demonstra que a solidariedade seletiva se faz de forma espectral, pois:

É importante notar que o critério de descendência vigorou no Brasil em determinadas circunstâncias e momentos históricos. Alguns estudos realizados em documentos do século XVIII apresentam a condição de mestiço (mulato) vinculada a um critério de descendência. No estudo de Laura de Mello e Souza (1991) sobre a criação de crianças abandonadas com estipêndios do Senado Provincial de Mariana, Minas Gerais, a autora constata que, embora fosse proibida por lei a discriminação racial na prática da caridade camerária ou das Misericórdias, a Câmara da cidade de Mariana exigia

⁵⁸ Os comentários aqui expostos são os mesmos que foram escolhidos para passar na reportagem, pois ao procurar a postagem nas redes sociais não foi possível resgatar a postagem, logo a análise será feita justamente com as informações disponibilizadas pela reportagem.

“atestado de brancura” para doações às instituições ou pessoas por elas encarregadas da criação de expostos. No caso de a criança ser denunciada como mulata, deixava de receber a doação e ficava obrigada a repor tudo o que lhe tivesse sido pago pela Câmara. O Alvará de 1775 tornava livre os expostos de cor preta ou mulata. Entretanto, o acatamento pela Câmara de denúncias sem necessidade de comprovação (como nos tribunais inquisitoriais) sobre a origem das crianças expostas, sugere que essas crianças, livres por direito, foram depois reescravizadas (MELLO e SOUZA, 1991: 33-37) em virtude de denúncias sobre sua origem racial. (PIZA; ROSEMBERG, 2014, p. 94-95)

Por último mais não menos importante temos o trecho da reportagem que diz que “(...) para quem não tem casa não importa a cor da pele ou o tipo de cabelo, a rotina é sempre dura.(...)” (DOMINGO ESPETACULAR, 2016). Porém, quando nos debruçamos na tese de doutorado de Lia Vainer Schucman “Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana” é possível desconstruir essa percepção da mídia através das entrevistas que a autora fez com um morador de rua branco e o mesmo percebia o privilégio o qual possuía por ser branco:

Ser branco? Ah, ser branco é poder entrar no shopping para cagar (Fernando, pergunta feita para um rapaz loiro de olhos azuis morador de rua em uma conversa informal) (...) Aqui podemos perceber situações cotidianas em que estes sujeitos foram claramente privilegiados, que revelam certas situações, como a possibilidade de ser morador de rua com um pouco mais de privilégios, poder entrar em um shopping para ir ao banheiro é uma situação em particular que muda por completo a vida de alguém: obter emprego. (SCHUCMAN, 2012, 76)

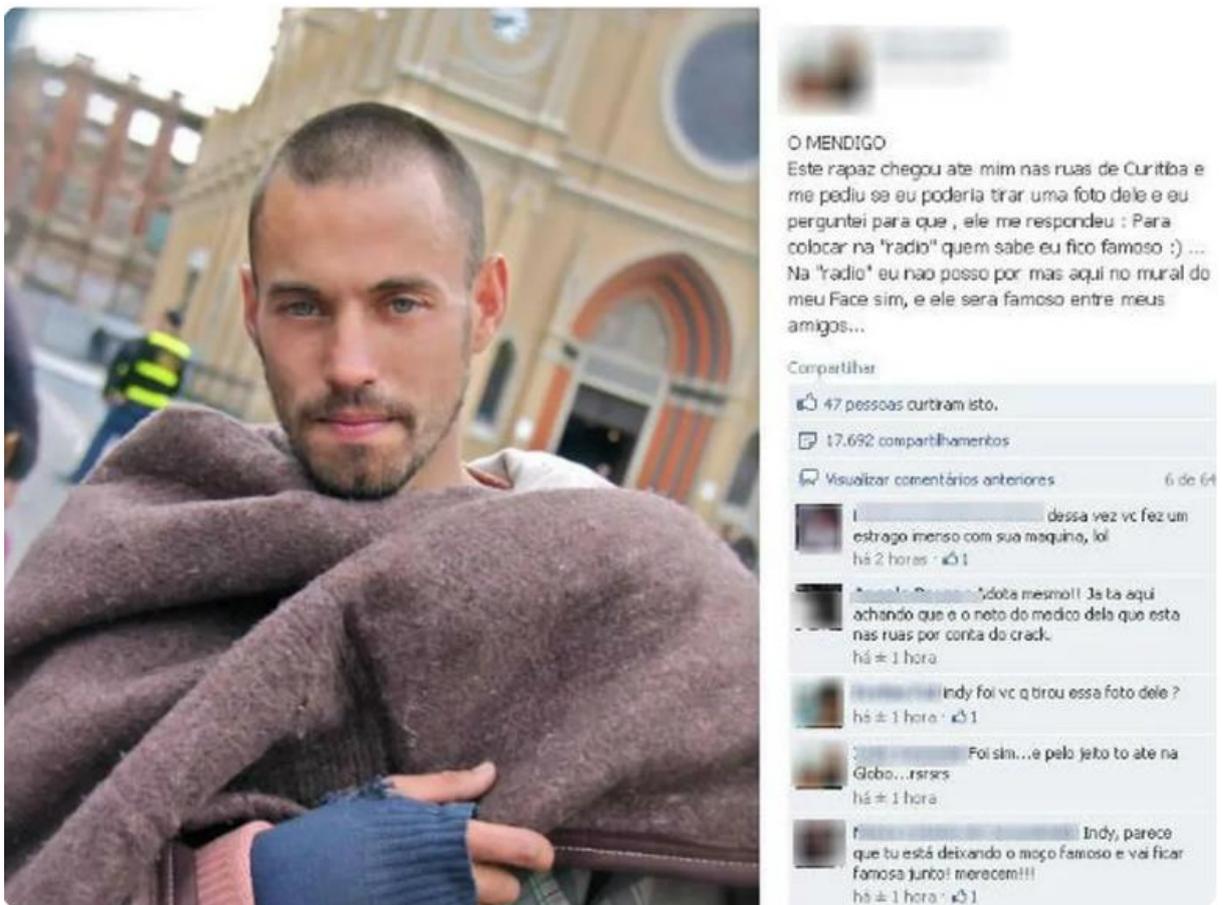
O caso da “Polêmica dos meninos loiros” quando estamos falando de solidariedade seletiva na mídia, ou ainda padrões de beleza, não é o único. Em 2013 O programa Globo Repórter⁵⁹, programa que se passa na Rede Globo de Televisão as sextas-feiras e está no ar a mais de 50 anos, contou a história de Rafael Nunes da Silva, também conhecido como Mendigo Gato ou Mendigato, e assim como no caso anterior o que temos é um movimento de solidariedade pautado no Narcisismo, pois ao falar sobre a experiência de ser morador de rua a reportagem focaliza em dois personagens brancos uma mulher e um homem. Os dois foram parar nas ruas por questões de dependência química, mas o que chama atenção na reportagem é o porquê era estranho perceber que pessoas como eles estavam em situação de rua, ou seja, o que gera o estranhamento é que pessoas que a priori dentro do imaginário social, tem boa aparência, são bonitos e poderiam ser encontrados em espaço de privilégio, na verdade estão nas ruas. Ao trazer ao debate essas questões, fica claro que a sociedade narcísica branca se espanta ao ver uma pessoa que personifica aquilo que fora instituído como o ápice da estrutura

⁵⁹ A reportagem está disponível na plataforma de streaming Globo play e é possível acessar através do link: < <https://globoplay.globo.com/v/2567736/> > acessado em 30 de junho de 2024.

humana na sociedade brasileira em outros períodos históricos, pois a propaganda ligada ao avanço social e modernização, estavam pautadas no que foi o racismo científico, a eugenia e o processo de imigração branca no Brasil. Logo ao ver o fracasso no investimento intelectual e financeiro de propor uma hierarquia pautada na branquitude, se dá justamente quando aqueles que personificam essa visão estão em condições subalternas.

Voltando ao caso do Mendigato -Rafael Nunes da Silva- na ocasião que o mesmo viralizou nas redes sociais, Rafael era morador da cidade de Curitiba, enquanto estava a perambular pela rua, Rafael encontra uma fotografa e pede para que a mesma tire uma foto dele e leve à Radio, pois o mesmo queria ficar famoso na cidade com aquela ação, a fotografa diz a Rafael que não iria levar à rádio, mas que postaria em suas redes sociais a foto dele, assim como poderemos ver na imagem a seguir (G1 PR, 2023):

Figura 15 Postagem do Mendigato nas redes sociais.



Fonte: G1 PR.

A repercussão da foto foi tamanha, que a foto de Rafael Nunes da Silva alcançou mais de 40 mil compartilhamentos nas redes sociais, o projetando a nível nacional e fazendo com que o programa Globo Reporte expusesse sua vida em transmissão nacional, o que impulsionou a vida artística de Rafael que a posterior a este ocorrido foi chamado para fazer vários trabalhos publicitários. A história de Rafael não termina tão bem pois o mesmo depois de toda essa comoção nacional volta a usar drogas e sumiu mais uma vez pelas ruas, no entanto, cada vez que alguém reconhece Rafael nas ruas a mídia traz reportagens lembrando do Mendigato.

O caso de Rafael Nunes dos Santos, o “Mendigo gato”, é mais um exemplo de que existe dentro da percepção social o lugar de negro, lugar de branco, lugar de indígena, ou seja, existe os lugares aos quais os indivíduos podem estar, e quando essa hierarquia de alguma forma é quebrada existe neste momento um estranhamento, que leva a sociedade a se comover ao ponto de retirar este indivíduo branco das ruas e colocá-lo no lugar o qual ele merece dentro do imaginário social construído. Isso faz com que o processo de solidariedade precise de um elemento simbólico para promover a ação solidaria em larga escala. Não estou a dizer aqui que não exista processos solidários para com as minorias, porém, esses processos não ganham a mesma abrangência e proporção quando comparada a solidariedade a vidas brancas, vide os casos de atrocidades que ocorrem ao redor do mundo, mas que somente quando atingem a parcela branca do globo são noticiados em larga escala e geram comoção e processos rápidos de solidariedade, enquanto casos que ocorrem com outros grupos sofrem o processo de indignação narcísica.

A decorrer do capítulo demonstramos algumas estatísticas que comprovam que a maior parcela de pessoas que estão em processos de exclusão social e privação de direitos básicos no Brasil, são pessoas negras, porém, o que gera a comoção social, para o desenvolvimento de processos de solidariedade social que ganham ajuda nas redes sociais e na mídia hegemônica é na verdade a dor branca, enquanto a dor negra ou de outros grupos subalternizados é desconsiderada e sofrem o processo de indignação narcísica, o que mais uma vez corrobora o que Schucman (2012) e Almeida (2018) nos alertam no que tange a questão do privilégio branco, não importa sua condição social e financeira, se você for branco a sociedade te olhará com um olhar mais solidário.

4. QUAL É CARNE MAIS BARATA DO MERCADO?

Mas o que é uma guerra? Quais as dimensões envolvidas? Quem são os personagens e atores envolvidos? Qual o cenário? Civil ou internacional? Por que chacinas, genocídios não são interpretados como guerra? Por que a realidade brasileira da violência não é vista como guerra? Principalmente num cenário onde as armas são armas de guerra. Por que não é registrado, contabilizado? Por que os resultados são sempre com o intuito de diminuir o conflito ou deslegitimar os envolvidos? Nesse cenário de necropolítica, algumas dessas questões podem nos ajudar a pensar as violências, as guerras e os conflitos "menores" e que, muitas das vezes, promovem números muito maiores do que os ditos "grandes acontecimentos". Os massacres no Camboja, Ruanda, Palestina, Iraque, entre tantos outros, depois de 2001, nunca chegam perto da dimensão espetacular, comparado aos ataques e mortes causados em solo ocidental. Haja vista onze de setembro de 2001 e, recentemente, na sede da revista *Charlie Hebdo*, em Paris, em 7 de janeiro de 2015, onde doze pessoas foram brutalmente assassinadas depois de um ataque à sede por parte de um grupo radical muçulmano em resposta às sátiras emitidas por essa revista, ridicularizando a cultura e a religião islâmica. (MORAES, 2020, p. 123-124)

Por que mortes pretas, periféricas, indígenas, subalternizados como um todo tem um peso menor no mundo? Por que o poder público não efetua de fato programas de segurança para os grupos subalternizados, dando segurança, educação, moradia? Por que existe um tratamento diferenciado em áreas nobres das cidades enquanto as periferias sofrem com a falta de dispositivos básicos de segurança, educação, saúde e dignidade para se viver? Essas perguntas assombram todos os dias a nossa sociedade “democrática” e apesar de saber que o racismo, e o privilégio branco estão diretamente ligados a esses problemas, como de fato lidar com essas questões?

Que vai de graça pro presídio, e para debaixo do plástico, que vai de graça pro subemprego, e pros hospitais psiquiátricos. A carne mais barata do mercado é a carne negra. A carne mais barata do mercado é a carne negra. A carne mais barata do mercado é a carne negra. A carne mais barata do mercado é a carne negra. (Marcelo Yuka, Seu Jorge, Ulisses Cappelette, 1998)

A música “a carne” se coloca de forma relevante na reflexão de como a sociedade brasileira encara os corpos negros, conquanto, esta pesquisa se fez a partir de outros anseios que ao fim se entrelaçam com a reflexão da música “a carne”.

Os anos de 2020 e 2021 do calendário eurocristão foi permeado de inúmeros acontecimentos que ficaram marcados na história da humanidade, entre governos autoritários que subiram ao poder, depois de uma onda progressista, seja o surto da pandemia da COVID19, seja a morte do afro-americano George Floyd⁶ que comoveu os Estados Unidos da América e a posterior o mundo, com o caso de morte por sufocamento advindo da clara e historicamente

expressiva violência policial contra pessoas negras nos EUA.

Destaca-se nesta análise a mudança do reconhecimento e da comoção social para com casos como o de George Floyd⁶⁰, conquanto, a violência, a morte e o genocídio da população negra não é algo esporádico vide a vasta bibliografia que trabalha esta temática desde a vinda dos brancos Europeus tidos como desbravadores, e os negros traficados de África para o continente americano até a atualidade. (ALMEIDA, 2018; CERQUEIRA, 2013; CERQUEIRA & BUENO, 2019-2020; MBEMBE, 2019; NASCIMENTO, 1974 (b); NASCIMENTO, 2016; NOGUERA, 2018; SANTOS, 2002; WASELFISZ, 2016).

Mas porque uma morte nos EUA nos comove mais dos que as mortes e inequidades que vivemos em nosso país, depois da morte de George Floyd surgiu o movimento “Black Lives Matter” que no Brasil ficou conhecido como “Vidas Negras Importam”. Esse movimento tem como função visibilizar as inequidades e mortes de pessoas negras em países com histórico colonial como EUA, Brasil entre outros, porém, quando olhamos o nosso quintal de casa, ou seja, as inequidades que o povo negro e periférico sofrem no Brasil, parece que o barulho ensurdecedor que demarcou uma virada de chave no que tange a morte de pessoas negras nos EUA, não parece ecoar tão forte quando mortes negras acontecem em nossa solo. A mídia brasileira rapidamente se esquece dos ocorridos e de cara branca noticia mais uma notícia de que algum homem negro foi sufocado por seguranças, que a clavícula de uma mulher negra foi quebrada enquanto um policial a imobilizava, que uma jovem negra grávida foi atingida por uma bala achada em meio uma operação policial em uma favela carioca, que um pedreiro negro tomou um tiro enquanto virava massa e em meio ao um confronto policial foi alvejado. Essas notícias são dadas todos os dias na mídia brasileira sem que a mesma se coloque de forma crítica que “NÃO VAMOS PARAR DE FALAR SOBRE ESSAS MORTES ATÉ QUE AJA UMA MUDANÇA EFETIVA NESSA REALIDADE”, o que a sempre acontece, são falas que abordam esses casos como se fossem fatalidades aceitáveis dada a nossa realidade.

Alguns podem dizer que a arte imita a vida, mas neste caso a vida e a arte estão em um

⁶⁰ George Floyd foi um afro-americano que morreu em 25 de maio de 2020, depois que Derek Chauvin, então policial de Minneapolis, ajoelhou-se no pescoço dele durante oito minutos e quarenta e seis segundos, enquanto estava deitado de bruços na estrada. Os policiais Thomas Lane e J. Alexander Kueng também ajudaram a conter Floyd, enquanto o policial Tou Thao estava perto e observava. O assassinato ocorreu durante a prisão de Floyd em Powderhorn, Minneapolis, Minnesota, e foi gravado em vídeo nos celulares por vários espectadores. As gravações em vídeo, mostrando Floyd dizendo repetidamente: "I Can't Breathe!" ("Não consigo respirar") foram amplamente divulgadas nas plataformas de redes sociais e transmitidas pelos meios de comunicação do mundo inteiro. Os quatro policiais envolvidos foram demitidos no dia seguinte. Ver: https://pt.wikipedia.org/wiki/Assassinato_de_George_Floyd

ciclo de se repetição espectral de forma tão copiosa que é impossível dizer quem precede quem, assim como na música acima apresentada a carne mais barata do mercado continua a ser a carne negra, e o preço fica a custo de bala, de AK 47, de G3, de AR 15, de HK, de GLOCK e tantas outras balas que ao fim cobram sem troco a vida de tantos negros no nosso país. Assim foi com João Pedro, Aghata Felix, Marcos Vinicius, Kauê, Kauã e tantas outras crianças negras mortas na cidade do Rio de Janeiro. São tantas mortes e tão continuas que o luto se faz em dois sentidos, e o noticiário nem dá mais tanta evidencia, ainda terão alguns que sem saber dos fatos vão falar “mas devia ser bandido”, “parece que não tem mãe” ou “o que essas crianças estavam fazendo”, Mas o que muitos nem se dão ao trabalho de saber é que João Pedro foi baleado dentro do seu quarto em meio a uma operação policial na favela do Salgueiro em que 72 balas alvejaram sua residência, que Aghata Felix estava voltando do curso de bale com sua mãe quando foi alvejada pela polícia dentro do transporte coletivo, que Marcos Vinicius levou tiros nas costas enquanto estava indo para o colégio e perplexo com o fato de ter sido alvejado disse a sua mãe “Eles não virão que eu estou com roupa de colégio”, que Kauê, Kauã e Kauan foram mortos em meio a operações policiais em suas respectivas comunidades. A única coisa que essas crianças e tantas outras que cotidianamente morrem de forma abrupta no Rio de Janeiro e no Brasil é a cor de suas peles que é negra, e como a música mesmo enfatiza a carne mais barata do mercado é a carne negra, e mais uma vez é preciso ressaltar que o preço pago e a troco de bala⁶¹. As mortes chegam ao noticiário, contudo, a comoção não perdura por mais que alguns dias, em alguns casos chegando de dois a três meses, diferente de casos de pessoas brancas que chegam a ocupar o noticiário por anos.

Mais uma vez usarei o recurso artístico para exemplificar o genocídio que Abdias Nascimento (2016) cansou de denunciar, e para tanto agora é a vez de Fatima Guedes com sua

⁶¹ Ver seguintes reportagens para enegrecer os casos aqui abordados: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/23/familias-de-criancas-mortas-por-bala-perdida-no-rj-cobram-respostas-e-contestam-policia-virou-rotina.ghtml> acessado: 26/02/2023. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/23/familias-de-criancas-mortas-por-bala-perdida-no-rj-cobram-respostas-e-contestam-policia-virou-rotina.ghtml> acessado: 26/02/2023. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/21/menina-de-8-anos-morre-baleada-no-complexo-do-alemao.ghtml> acessado: 26/02/2023. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/11/13/em-10-meses-rio-tem-6-criancas-mortas-por-bala-perdida-e-poucas-respostas-para-as-familias.ghtml> acessado: 26/02/2023. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/o-que-se-sabe-sobre-a-morte-a-tiros-de-joao-pedro-no-salgueiro-rj.ghtml> acessado: 26/02/2023.

música onze fitas:

Por engano, vingança ou cortesia, tava lá morto e posto, um desgarrado, onze tiros fizeram a avaria, e o morto já tava conformado, onze tiros e não sei porque tantos, esses tempos não tão pra ninharia não fosse a vez daquele um outro ia. Deus o livre morrer assassinado, pro seu santo não era um qualquer um, três dias num terreno abandonado, ostentando onze fitas de Ogum, quantas vezes se leu só nesta semana, essa história contada assim por cima. A verdade não rima. A verdade não rima. A verdade não rima... (GUEDES, 1978)

Existe entre a arte e a vida uma cruel verossimilhança, só que ao invés de serem onze tiros como na música de acima citada, foram na realidade 80 tiros que o músico negro Evaldo dos Santos Rosa levou em manhã de domingo, de um grupo de patrulhamento militar enquanto levava sua família para um chá de bebê em Guadalupe⁶². O que se destaca aqui neste caso é que ao fim a verdade não rima, a cor da carne de Evaldo, era a cor da carne mais barata do mercado, que os militares que fuzilaram Evaldo e sua Família, tentaram emoldurar nele o estereótipo de negro criminoso que merecia morrer, e que estava a cometer um crime, e aí as vozes ao fundo murmuraram que “Bandido bom é bandido morto” lembrando que esse ditado só serve para bandido preto e pobre e que pode ser emoldurado em uma armação incriminadora (BUTLER, 2015). E que ao fim a família que havia passado por um estresse sem igual ainda teve que lutar no debate público sem uma ajuda efetiva da sociedade pelo direito ao luto e a justiça.

Talvez o único caso de uma pessoa negra na atualidade que conseguiu alcançar tais proporções dada as suas devidas ressalvas, virando patrimônio físico, simbólico e cultural na atualidade foi o caso da vereadora negra assassinada Marielle Franco⁶³, pois mesmo ganhando cenário nacional e internacional, após o seu assassinado grande parte da mídia convencional, tentou de muitas formas depreciar a imagem de Marielle Franco e a mesma depois de morrer sofreu ataques de grupos políticos e da opinião pública de grupos extremistas a direita, e Marielle acabou por se tornar um símbolo de luta contra a violência da população negra, sobre a bandeira de “Marielle Vive”.

Fato posto que o reconhecimento e a comoção da morte de pessoas brancas se fazem extraordinariamente maior que de pessoas negras, quando olhamos as estatísticas o espanto e

⁶² Ver seguinte reportagem para enegrecer o caso aqui abordado: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/08/dez-militares-sao-presos-apos-acao-do-exercito-que-fuzilou-carro-de-familia-no-rio-com-80-tiros.ghtml> acessado: 26/02/2023.

⁶³ Ver: https://pt.wikipedia.org/wiki/Marielle_Franco acessado: 30/09/2020.

discrepância só aumentam. A cada vinte e três minutos um jovem negro é assassinado no Brasil (WAISELFISZ, 2016), segundo o atlas da violência de 2020, 75,7% dos homicídios do país são de pessoas negras, 68 % das vítimas de feminicídio são mulheres negras e enquanto a taxa de feminicídio de mulheres negras aumentou cerca de 12,4% entre 2008 e 2018 a taxa de feminicídio de mulheres não negras abaixou 11,7, e dentro do grande escopo racial/gênero brasileiro existe 74% maior risco de morte para homens negros de que para homens não negros e na relação feminina essa escala está para 64,4 % de mulheres negras morrerem em detrimento de mulheres não negras (CERQUEIRA; BUENO; ET AL, 2020). É preciso ressaltar que mesmo quando é feito um recorte de gênero tanto o número de mortes homens e mulheres negros excedem em muito o número de não negros, e que é preciso ter políticas públicas para também podermos aferir esses números referentes a população LGBTQIA+.

Fazendo um comparativo com os dados anteriormente arrolados poderemos ver algumas repetições com os dados atualizados:

Figura 16 Infográfico Atlas da violência 2023



Fonte: IPEA.

Quando olhamos o gráfico notamos que a violência tem um crescimento justamente com grupos considerados minorias, primeiramente podemos ver a partir do recorte racial pois se em 2020 75,7 % das mortes eram de pessoas negras, em três anos esse número subiu para 77%, quando olhamos a questão de gênero existe o risco de 2,9 vezes mais chance de homens negros

morrerem do que homens brancos, quando vemos a situação das mulheres existe 1,8 vezes mais chance de mulheres negras serem mortas do que mulheres brancas, quando relacionamos isso a população idosa os dados continuam sendo o mesmo, enquanto o percentual de homens não negros idosos caiu 8,9% de chance de morrer, a taxa de homens negros idosos subiu 4,2%, quando analisados o casos das mulheres idosas tanto em relação a mulheres negras ou não negras a taxa teve aumento, porém, quando comparamos sob a ótica da raça existe uma sobre porcentagem de 8,4% a mais de mulheres idosas negras que morrem, fora isso havia em 2016 a estatística de que a cada 23 minutos um jovem negro morria, e hoje a cada doze minutos um jovem negro morre. Ao fim o que falta para mudar essa situação, ou como Abdias Nascimento já pontuava desde 1978 esse é um projeto político de genocídio da população negra brasileira.

Os dados aqui arrolados são de conhecimento público e anualmente são colocados a mostra para toda a sociedade nos principais noticiários do país, porém, parece que o reconhecimento, comoção social experimentam o que Bento (2018) vai chamar de indignação narcísica, não se coloca da mesma forma em comparação aos mesmos acontecimentos ocorridos com pessoas brancas na sociedade brasileira. Políticas públicas são feitas quando a vida branca é colocada em risco, mas quando as minorias entram em cena parece que existe uma má vontade de resolução desses problemas, ou ainda de forma necropolítica existem movimentos sociais que advogam pelo asseveramento destes conflitos, vide o que foi a proposta rejeitada do excludente de ilicitude também conhecido como proposta que dava licença para matar:

A rejeição do texto de Moro foi proposta pelo deputado Marcelo Freixo (PSOL-RJ) e aprovada por 9 votos a 5. O projeto apresentado pelo presidente Jair Bolsonaro à Câmara permite que o juiz reduza a pena até a metade ou deixe de aplicá-la nos casos de esse excesso decorrer de medo, surpresa ou violenta emoção. “Não tem como nós melhorarmos uma proposta que é uma licença para matar”, disse Freixo.

Na avaliação do deputado, medo, surpresa e violenta emoção são conceitos subjetivos e não devem ser usados pelo juiz para determinar se houve ou não crime. Freixo observou ainda que a nova excludente de ilicitude beneficiaria tanto cidadãos civis quanto policiais. “Estamos dando um recado para a tropa: mate mais”, finalizou.

O deputado Orlando Silva (PCdoB-SP) também criticou a mudança e defendeu a supressão do texto. “Eu sou negro e procuro representar os negros brasileiros que são vítimas da violência. Rejeitar essa mudança é defender a vida do povo pobre e preto da periferia”, disse.

Fonte: Agência Câmara de Notícias 25/09/2019.⁶⁴

Ao longo deste capítulo várias notícias de pessoas negras foram sendo arroladas, seja de crianças, jovens, adultos e idosos, o projeto de genocídio da população negra brasileira se

⁶⁴ Ver: <https://www.camara.leg.br/noticias/590538-grupo-de-trabalho-rejeita-proposta-de-moro-de-ampliar-o-excludente-de-ilicitude/> acessado: 26/02/2023.

faz evidente a cada linha deste capítulo, seja nas estatísticas, seja os nos fantasmas que espectram a sociedade com projetos de lei que dão licença para matar no movimento de acelerar e asseverar mais a situação de letalidade de corpos negros no Brasil, Moraes (2020) nos lembra da democracia a porvir seja ela de forma utópica pois nunca viveremos o verdadeiro conceito do que seria a democracia plena, ou pelo fato dela estar em constante construção ou desconstrução para chegar a ser de verdade democracia em um futuro porvir, tendo em mente que o movimento de mudança deve ser feito no presente. Esta dissertação vem em forma de denúncia, mas também em forma de alerta para que possamos encontrar ao fim um caminho sem mortes, discriminações, diferentes formas de tratamento entre tantas outras inequidades que possamos combater.

CONCLUSÃO

Uma civilização que se revela incapaz de resolver os problemas que o seu funcionamento suscita, é uma civilização decadente. Uma civilização que prefere fechar os olhos aos seus problemas mais cruciais, é uma civilização enferma. Uma civilização que trapaceia com os seus princípios, é uma civilização moribunda. (AIMÉE CÉSAIRE, 1978, p. 13)

Cesaíre (1978) nos chama a prestar atenção no que chamamos de civilização, sem que nossos olhos estejam sob o efeito de viseira (MORAES, 2020), ou seja, percebendo aquilo que fica escamoteado, sob o mando da civilidade, civilização e mais para frente à democracia, é preciso sempre estar de olhos, mentes e corações bem atentos para aquilo que de jeito faceiro, nos enfeitiça, hipnotiza, aprisiona e nos compra com promessas por muitas das vezes com discursos, propostas e sonhos que são conduzidos, lançando mão da artinha na qual à promessa está embebida, envolta, transvestida, pois à promessa só pode existir dentro da lógica daquilo que não é cumprido, não é completado, não é pago, a promessa nos enreda, seduz, captura e nos enamora através da esperança de um dia se cumprir. Logo percebendo que muitas das vezes sob o efeito de viseira não percebemos as artimanhas escondidas por debaixo dos panos, que são envoltos de tantos outros panos como Derrida (2005) nos alerta, é preciso descoser o emaranhado de fios que compõem os panos envoltos de simulacros e dissimulações.

E neste intento que este trabalho tentou versar, pois sob a ótica da desconstrução da colonialidade (MORAES, 2020) e lançando mão de uma investigação pautada na repetição espectral e na desobediência epistêmica, esse trabalho tentou tirar algumas viseiras de nossos olhos, mentes e corações para perceber que fantasmas ainda estão sob a performance da repetição a nos espectral e a constituir o imaginário social, que sob o manto da civilidade, normalidade, normatização e democracia, ou melhor da promessa da democracia, perpetuando, naturalizando e legitimando o tratamento diferenciado dado aos indivíduos brasileiros, pois o eu não permite que o outro seja visto a não ser pela sua ótica narcísica, ou seja, vivemos uma promessa de democracia que não se cumpre e parece não querer mesmo se cumprir, é uma eterna desejança da promessa, e neste passo o eu (branco) não permite nunca que o outro (não branco) esteja em evidência, seja possuidor de direitos como qualquer cidadão deveria ter, tenha dignidade, seja alvo de solidariedade, tenha saúde, moradia, educação, respeito a sua cultura, forma de vida e religiosidade. Logo pautado na metodologia da desconstrução da colonialidade, e imbuído de uma investigação espectral, revisitamos as repetições ao longo do processo histórico, sociológico e psicológico no Brasil colônia, império e primeira república, sabendo que algo sempre fica para trás sob o efeito de viseira, e nem foi o intento deste trabalhar desvelar

tudo, mas de abrir espaço para ver os espectros, que são constantemente conjurados, invocados por nossa democracia, e que de alguma forma quiseram se mostrar e nos permitiram observar.

Ao fim a mensagem se faz em forma de pedido, pedido este que as pessoas possam ter dignidade humana em qualquer lugar, que não haja tratamento nem comoção diferenciada para os indivíduos que vivem na sociedade brasileira, que os direitos sejam respeitados, que o racismo e os espectros coloniais não sejam mais os operadores estruturais das relações de poder em nossa sociedade, e nesse interim, finalizo com uma música de Cidinho e Doca⁶⁵ que retrata um pouco o desejo desse homem preto e periférico que esteve aqui a dissertar.

RAP DA FELICIDADE

Cidinho e Doca

Eu só quero é ser feliz

Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é

E poder me orgulhar

E ter a consciência que o pobre tem seu lugar

Fé em Deus, DJ

Eu só quero é ser feliz

Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é

E poder me orgulhar

E ter a consciência que o pobre tem seu lugar

Mas eu só quero é ser feliz

Feliz, feliz, feliz, feliz onde eu nasci (Han!)

E poder me orgulhar

E ter a consciência que o pobre tem seu lugar

Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer

Com tanta violência eu sinto medo de viver

Pois moro na favela e sou muito desrespeitado

A tristeza e a alegria aqui caminham lado a lado

Eu faço uma oração para uma santa protetora

Mas sou interrompido a tiros de metralhadora

Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela

O pobre é humilhado, esculachado na favela

Já não aguento mais essa onda de violência

Só peço à autoridade um pouco mais de competência

⁶⁵ Ver no Youtube o clipe feito por Cidinho e Doca de Rap da Felicidade que de forma musical e imagética dão uma aula explicitando o desejo de todo morador de favela desse país que sofrem com o descompromisso público no que tange os direitos básicos de qualquer cidadão. Rap da Felicidade. Disponível: < <https://youtu.be/Rq902a2xCIM?feature=shared> > acessado em 22 de junho de 2024.

Vamo lá, vamo lá
 Eu só quero é ser feliz
 Andar tranquilamente na favela onde eu nasc (Han!)
 E poder me orgulhar
 E ter a consciência que o pobre tem seu lugar
 Mas eu só quero é ser feliz
 Feliz, feliz, feliz, feliz onde eu nasci, é
 E poder me orgulhar
 E ter a consciência que o pobre tem seu lugar
 Diversão hoje em dia, não podemos nem pensar
 Pois até lá nos bailes eles vem nos humilhar
 Fica lá na praça que era tudo tão normal
 Agora virou moda a violência no local
 Pessoas inocentes que não tem nada a ver
 Estão perdendo hoje o seu direito de viver
 Nunca vi cartão postal que se destaque uma favela
 Só vejo paisagem muito linda e muito bela
 Quem vai pro exterior da favela sente saudade
 O gringo vem aqui e não conhece a realidade
 Vai pra zona sul pra conhecer água de côco
 E o pobre na favela vive passando sufoco
 Trocaram a presidência, uma nova esperança
 Sofri na tempestade, agora eu quero a bonança
 O povo tem a força, precisa descobrir
 Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui
 Quero ouvir
 Eu só quero é ser feliz
 Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é
 E poder me orgulhar
 E ter a consciência que o pobre tem seu lugar, eu
 Eu só quero é ser feliz
 Feliz, feliz, feliz, feliz onde eu nasci (Han!)
 E poder me orgulhar, é
 O pobre tem o seu lugar

Composição de Julio Cesar Seia Ferreira e Katia Sileia Ribeiro de Oliveira (1995)

REFERÊNCIAS

ADCHIE, Chimamanda Nzozi, **O perigo de uma história única**. São Paulo, Companhia das Letras, 2019. Tradução Julia Romeu.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; 2002a.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Marcos de. **Narcisismo Primário, Narcisismo Secundário e Teoria das Pulsões**. (online), Psicanalise Clínica, S/D. Disponível: < <https://www.psicanaliseclinica.com/narcisismo-primario-e-secundario/> > acessado em 19 de junho de 2024.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte, Letramento, 2018.

ALBIN, Ricardo Cravo; DINIZ, Júlio; GÓES, Fred; MARQUES, Christiano. **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Cap Bororó**. Digital, 1999 a 2021. Disponível: < <https://dicionariompb.com.br/artista/bororo/#:~:text=Com%20uma%20produção%20pequena%2C%20seu,melhor%20fase%20de%20sua%20carreira.> > acessado em 02/11/2023.

ANDRADE, Érico. A OPACIDADE DO ILUMINISMO: O RACISMO NA FILOSOFIA MODERNA. **Kriterion: Revista de Filosofia**, v. 58, n. 137, p. 291–309, maio 2017.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, 2000, p. 229- 236.

ARAGÃO, Jorge; CARDOSO, Flávio; REZENDE, Paulinho. **Moleque atrevido**. Indie Records Ltda, 1999.

ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de. **Cárceres imperiais: a Casa de Correção do Rio de Janeiro. Seus detentos e o sistema prisional no Império, 1830-1861 / Carlos Eduardo Moreira de Araújo . - Campinas, SP : [s. n.], 2009.**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6023**: Informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento: apresentação. Rio de Janeiro, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. 3. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 15287**: informação e documentação: projeto de pesquisa: apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

AYALA, Emílio Serrano Calderón. **Indios y Criollos (Lectura para Qualquer Criollo)**. Cuba, Habana: Ediciones Casa de las América, 1992.

BARAVIERA, Verônica de Carvalho Maia. “**A QUESTÃO RACIAL NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA**”.

Disponível: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/82/Veronica_de_Carvalho.pdf?sequence=4> Acessado em 29-10-23.

BARBOSA, Cibele. CASA GRANDE & SENZALA A questão racial e o “colonialismo esclarecido” na França do Pós-Segunda Guerra Mundial. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 33, n. 96, 2018. Disponível: <<https://doi.org/10.17666/339609/2018>> Acessado em 29-10-23.

BARREIRA, Gabriel; TORRES, Lívia. Famílias das 5 crianças mortas por bala perdida no RJ em 2019 cobram respostas e contestam polícia: “Virou rotina”. G1: Online. 2019.

BARROS, Surya Pombo de. Escravos, líberos, filhos de africanos livres, não livres, pretos, ingênuos: negros nas legislações educacionais do XIX. **Artigos • Educ. Pesqui.** 42 (3) • Jul-Sep 2016 • Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-9702201609141039>> Acessado em 29-10-23.

BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray. (Org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. A Instrução profissional e a educação moral, cívica e agrícola – discurso pronunciado na Baía. 18 de agosto de 1933. Disponível: <<https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/centrais-de-conteudo/biblioteca-da-pr/galeria-dos-ex-presidentes/Vargas/pronunciamentos-oficiais/1933/18-08-a-instrucao-profissional-e-a-educacao-moral-civica-e-agricola-2013-discurso-pronunciado-na-baia.pdf/@@download/file>> acessado em 11/11/2023.

_____. **Mensagem lida perante a Assembléia Nacional Constituinte. No ato da sua instalação – parte 9.** 15 de novembro 1933. Disponível: <<https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/centrais-de-conteudo/biblioteca-da-pr/galeria-dos-ex-presidentes/Vargas/pronunciamentos-oficiais/1933/15-11-mensagem-lida-perante-a-assembleia-nacional-constituente-no-ato-da-sua-instalacao-parte-9.pdf/@@download/file>> acessado em 11/11/2023.

_____. **Constituição Brasileira de 1934.** Disponível: < [Constituição34 \(planalto.gov.br\)](#) > acessado em 11/11/2023.

_____. Disponível: < [Constituição \(planalto.gov.br\)](#) > acessado em 15/06/2024.
Constituição Brasileira de 1988

_____. **Lei nº 12.015 de 2009.** Disponível: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del2848.htm > acessado em 03/11/2023.

_____. **Senado entrega Comenda Abdias Nascimento na quinta-feira.** Brasília: Senado Federal/ Senado Notícias, 2016. Disponível: < <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/11/21/senado-entrega-comenda-abdias-nascimento-na-quinta-feira> > acessado em 23 de junho de 2024. Fonte: Agência Senado

_____. **Debatedores criticam alta informalidade em sessão de homenagem aos empregados domésticos.** Brasília: Agência Câmara de Notícias, 2023. Disponível: < <https://www.camara.leg.br/noticias/958101-debatedores-criticam-alta-informalidade-em-sessao-de-homenagem-aos-empregados-domesticos/> > acessado em 25 de junho de 2024.

_____. **Grupo de trabalho rejeita proposta de Moro de ampliar o excludente de ilicitude.** Câmara dos Deputados: Agência Câmara. 2019. Disponível: < <https://www.camara.leg.br/noticias/590538-grupo-de-trabalho-rejeita-proposta-de-moro-de-ampliar-o-excludente-de-ilicitude/> > acessado em 29 de junho de 2024.

BORORÓ. Da cor do pecado. 1939.

BROCOS, Modesto. Redenção de Cam. Pintura. 1895. In: RONCOLATO, Murilo. **A tela “Redenção de Cam” e a tese do branqueamento no Brasil.** São Paulo: Edusp, 2018. Disponível: < [A tela "A Redenção de Cam" e a tese do branqueamento no Brasil - Edusp](#) > acessado em 06/11/2023.

BUTLER, Judith. Quadros de Guerra. Quando a vida é passível de luto?, São Paulo: Civilização Brasileira 2015, p. 13-97.

CARTACAPITAL. “Bem-vindo à República de Curitiba”: CNMP decide demitir procurador que bancou outdoor pró-Lava Jato. Online: Carta Capital, 2021. Disponível: < ['Bem-vindo à República de Curitiba': CNMP decide demitir procurador que bancou outdoor pró-Lava Jato – CartaExpressa – CartaCapital](#) > acessado em 22/11/2023.

CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Disponível: < <https://necad.paginas.ufsc.br/files/2012/07/CARVALHO-José-Murilo-de.-Cidadania-no-Brasil1.pdf> > acessado em 19 de junho de 2024.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6. Ed., 4ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2018.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Lisboa: Sá da costa, 1978.

CERQUEIRA, Daniel. **Mapa dos Homicídios Ocultos no Brasil**. Texto para discussão, Ipea, 2013. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/artigo/25/mapa-dos-homicidios-ocultos-no-brasil>>

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira. et al. **Atlas da violência 2019**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/downloads/6537-atlas2019.pdf>> acessado em 29/08/2020.

_____. **Atlas da violência 2020**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020. Disponível: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/downloads/8733https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/downloads/8733-atlastdexpressversaofinal-2.pdf>> acessado em 29/08/2020.

_____. **Atlas da violência 2023**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/9350-223443riatlasdaviolencia2023-final.pdf>> acessado em 29 de junho de 2024.

CHALOUB, Sidney. **Cidade Febril: Cortiços e epidemias na corte imperial**. Rio de Janeiro: Companhia das letras; 1ª ed, 2018.

CHRIS, MC Kevin O. **Morena da cor do pecado**. Música: ADpar, 2019. Disponível: <<https://www.letras.mus.br/mc-kevin-o-cris/morena-cor-do-pecado/>> acessado em 05/11/2023.

COSTA, Joaze Bernardino; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra**. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, janeiro/abril, 2016.

DIAS, Andreia Luiza; SILVEIRA, NARA Niceia C. B. G.; SILVEIRA, Julienne da Silva. Belle Époque Brasileira: Imigração e Raça. *Revista Humanidades e Inovação* - ISSN 2358-8322 - Palmas - TO - v.9, n.07. 2022.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. tradução Rogério da Costa. — São Paulo : Iluminuras 3 ed. 2005.

DIEESE. O trabalho doméstico 10 anos após a PEC das Domésticas. *Estudos e Pesquisas*, nº 106- abril de 2023. Disponível: <<https://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2023/estPesq106trabDomestico.pdf>> acessado em 25 de junho de 2024.

_____. **Infográfico Trabalho doméstico**. 2023. Disponível: <<https://www.dieese.org.br/infografico/2023/trabalhoDomestico2023.html>> acessado em 25 de junho de 2024.

DO NASCIMENTO, Ana Maria Guedes. “**O Outro Invisível: O Papel Do Branco Na Construção E Manutenção Do Racismo No Brasil**”. *Áltera*, João Pessoa, v. 1, n. 8, p. 214-229, jan./jun. 2019. Disponível: < <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/altera/article/view/43411/27866>. Acessado em 06-08-20.

DOMINGO ESPETACULAR. **A polêmica dos meninos loiros**. Online: Rede Record de Televisão, 2016. Disponível: < <https://www.youtube.com/watch?v=BQ7OEy6QmKs> > acessado em 25 de junho de 2024.

DORIA, Pedro. **Um estupro no Brasil Colônia**. Coluna um pouco de História. 2016. Disponível: < <https://www.pedrodoria.com.br/um-pouco-de-historia/2016/6/2/um-estupro-no-brasil-colnia#> > acessado em 03/11/2023.

ENCONTRO COM FÁTIMA BERNADES. **Mendigo gato: confira a história de Rafael Nunes da Silva**. Rede Globo de Televisão, 2019. Disponível: < <https://globoplay.globo.com/v/3047810/> > acessado em 30 de junho de 2024.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Juju; Vila, Martinho da; Hood, Rappin’. **O sonho continua**. Sony Music Entertainment. 2018.

FERREIRA, Júlio Cesar Seia; OLIVEIRA, Katia Sileia Ribeiro de. **Rap da felicidade**. Rio de Janeiro: AudioBass records, 1994. Ficha Técnica disponível: < [https://wikifavelas.com.br/index.php/Rap_da_Felicidade_\(música\)](https://wikifavelas.com.br/index.php/Rap_da_Felicidade_(música)) > acessado em 22 de junho de 2024.

FIRMINO, Danilo; DOMÊNICO, Deivid; DIAS, Luiz Carlos Maximo; CUÍCA, Manu da; BOLA, Márcio; OLIVEIRA, Ronie; FILHO, Silvio Moreira; MIRANDA, Tomaz. **História pra ninar gente grande**. Rio de Janeiro: Mangueira, 2019.

FORTES, Pablo Dias; OLIVEIRA, Maria Helena Barros de. **Justiça, reconhecimento e direitos humanos: uma abordagem ética do racismo**. In: OLIVEIRA, Maria Helena Barros de; NICOLITT, André; SOUTO, Lucia Regina Florentino; FORTES, Pablo Dias; PEDRINHA, Roberta Duboc Orgs. **RACISMO, SAÚDE E DIRETOS HUMANOS**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2022.

FOSTER, Gustavo. **Vereador de Caxias do Sul é acusado de xenofobia contra baianos em caso de trabalho escravo em vinícolas**. Online: G1, 2023. Disponível: < [Vereador de Caxias do Sul é acusado de xenofobia contra baianos em caso de trabalho escravo em vinícolas | Rio Grande do Sul | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/o-que-se-sabe-sobre-a-morte-a-tiros-de-joao-pedro-no-salgueiro-rj.ghtml) > acessado em 22/11/2023.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51ª ed, São Paulo: Global, 2006.

G1 RIO. **O que se sabe sobre a morte a tiros de João Pedro no Salgueiro, RJ**. 2020. Disponível: < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/o-que-se-sabe-sobre-a-morte-a-tiros-de-joao-pedro-no-salgueiro-rj.ghtml> > acessado em 29 de junho de 2024.

_____. **Dez militares são presos após ação do Exército que fuzilou carro de família no Rio com mais de 80 tiros:** Polícia Civil ajudou a realizar a perícia no local: delegado diz que “tudo indica” que o veículo foi confundido com o de criminosos. 2019. Disponível: < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/08/dez-militares-sao-presos-apos-acao-do-exercito-que-fuzilou-carro-de-familia-no-rio-com-80-tiros.ghtml> > acessado em 29 de junho de 2024.

G1 PR. **Qual é a história do ‘mendigato’, ex-modelo que ficou famoso em Curitiba e estava desaparecido no Rio de Janeiro.** G1 PR-Curitiba, 2023. Disponível: < <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2023/08/21/qual-e-a-historia-do-mendigato-ex-modelo-que-ficou-famoso-em-curitiba-e-estava-desaparecido-no-rio-de-janeiro.ghtml> > acessado em 30 de junho de 2024.

GELEDÉS. **Legislação sobre Discriminação Racial no Brasil: Racismo Institucional.** 2015. Disponível: < [Legislação sobre Discriminação Racial no Brasil – Racismo Institucional \(geledes.org.br\)](http://geledes.org.br) > acessado em 15/06/2024.

GERMINATTI, F. T.; SOUZA, V. S. de. Eugenia e “questão racial” na Primeira República: uma análise a partir das publicações no jornal Correio Paulistano (1910-1920). *Sæculum – Revista de História*, [S. l.], v. 27, n. 47 (jul./dez.), p. 96–118, 2023. DOI: 10.22478/ufpb.2317-6725.2022v27n47 (jul./dez.).63668. Disponível em: < <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/63668> > Acesso em: 8 nov. 2023.

GLOBO NEWS. **Menina de 8 anos morre baleada no Complexo do Alemão.** 2019. Disponível: < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/21/menina-de-8-anos-morre-baleada-no-complexo-do-alemao.ghtml> > acessado em 30 de junho de 2024.

GLOBO REPORTER. **Em recuperação, mendigo gato reencontra fotógrafa que mudou seu destino.** 2013. Disponível: < <https://globoplay.globo.com/v/2567736/> > acessado em 30 de junho de 2024.

GOMES, Ivan Felipe Fernandes. **DESCONSTRUINDO INTOLERÂNCIAS: MANUSCRITOS ESCOLARES E RELIGIOSIDADES – ESTUDO DE CASO NO CEDAX.** São Gonçalo, UERJ-FFP, 2019. Monografia.

GONZALES, Lélia. **RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA.** Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GOULART PARADIS, Clarisse; SARMENTO, Rayza. A “PEC das domésticas” e os enquadramentos midiáticos sobre o trabalho de mulheres. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 19, n. 2, 2017. DOI: 10.5216/sec.v19i2.48672. Disponível em: < <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/48672> > Acesso em: 25 jun. 2024.

GRÉSILLON, Almuth. **Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GUEDES, Fátima. **Onze fitas.** WM Brazil, 1978.

IBGE. Conheça o Brasil – **População Cor ou Raça**. 2022. Disponível: < [Cor ou raça | Educa | Jovens - IBGE](#)> acessado em 30/10/2023.

LARA, Ivone. **Alguém me avisou**. WM Brazil. 1980.

LEAL, Maria do Carmo, GAMA, Silvana Granado Nogueira da ; PEREIRA, Ana Paula Esteves. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 33, p. e00078816, 2017. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/0102-311X00078816> > acessado em 27/11/2023.

LEAL, Maria do Carmo, GAMA, Silvana Granado Nogueira da ; CUNHA, Cynthia Braga da. Desigualdades raciais, sociodemográficas e na assistência ao pré-natal e ao parto, 1999-2001. *Revista de Saúde Pública*, v. 39, n. 1, p. 100–107, 2005. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000100013> > acessado em 27/11/2023.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: **Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro, Cobogô, 2019. Tradução Jess Oliveira.

KILOMBA, Grada. “DESCOLONIZANDO O CONHECIMENTO” Uma Palestra-Performance de Grada Kilomba. São Paulo: Episódios do Sul (Goethe-Institut). Tradução Jessica Oliveira, 2016.

LOBATO, Monteiro. O choque das Raças. Editora Nacional. 1926. Disponível: < https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ec/O_choque_das_raças.pdf > acessado em 15/11/2023.

_____. O presidente Negro. Chapecó: Editora UFFS. EPUB Online. Disponível: < https://www.uffs.edu.br/institucional/reitoria/editora-uffs/repositorio-de-e-books/livro-o-presidente-negro-epub/@_@download/file > Acessado em 15/11/2023.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo Saquarema**. São Paulo: Hucitec, 6ª ed, 2004.

MATUMBI, Lazzo. **Lazzo Matumbi 14 de Maio durante entrega da comenda Abdias Nascimento**. Brasília: Youtube Canal Lazzo Matumbi postado em 2019. Disponível: < <https://www.youtube.com/watch?v=XMi5rh0mpxQ> > acessado em 23 de junho de 2024.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2019, (a).

_____. **Necropolítica**. Arte & Ensaios, nº 32, dezembro 2016.

_____. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2019, (b).

MIZAE, T. M.; BARROZO, S. C. V.; HUNZIKER, M. H. L. SOLIDÃO DA MULHER NEGRA: UMA REVISÃO DA LITERATURA. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 13, n. 38, p. 212–239, 2021. Disponível em: < <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1270>> Acesso em: 31 out. 2023.

MONTEIRO, Simone; SANSONE, Livio. [Etnicidade na América Latina: um debate sobre raça, saúde e direitos reprodutivos](#). [S.l.]: Editora da Fundação Oswaldo Cruz. p. 120, 2004. [ISBN 978-85-7541-615-0](#)

MORAES, Marcelo José Derzi. **Democracias espectrais: Por uma desconstrução da colonialidade**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2020.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DAS NOÇÕES DE RACA, RACISMO, IDENTIDADE E ETNIA**, Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03.

_____. Prefácio. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**, 3. Ed., - São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Por uma história do homem negro**. Revista de Cultura Vozes. 68(1), Petrópolis, 1974, p. 41-45. (a).

_____. **Negro e Racismo**. Revista de Cultura Vozes. n. 68, Petrópolis, 1974. p. 65-68. (b).

_____. **O negro visto por ele mesmo**. Rio de Janeiro, Revista Manchete, setembro, 1976.

NEDER, Gizlene. Cidade, Identidade e Exclusão Social. Tempo, Rio de Janeiro, Vol. 2, nº 3, 1997, pp. 106-134.

PAULINO, Silvia Campos; OLIVEIRA, Rosane. Vadiagem e as novas formas de controle da população negra urbana pós-abolição. **Direito em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 18 – n. 1, p.94-110, 1º sem. 2020. Link: <https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistadireitoemovimento_online/edicoes/volume18_numero1/volume18_numero1_94.pdf> acessado em 22/01/2023.

PIMENTEL, Carolina. **MPT abre investigação contra vereador por apologia ao trabalho escravo**: Sandro Fantinel fez discurso xenofóbico contra trabalhadores baianos. Online: Agência Brasil, 2023. Disponível: < [MPT abre investigação contra vereador por apologia ao trabalho escravo | Agência Brasil \(ebc.com.br\)](#) > acessado em 22/11/2023.

PIZA, Edith; ROSEMBERG, Fúlvia. A cor dos censos brasileiros. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**, Rio de Janeiro, FGV, v. 2, n. 3 (1989), jan-jun, p.315. Acessado: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>

_____. **MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL**, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Acessado em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>

PORTUGAL, Antônio Jorge; FERREIRA, Lazaro Jeronimo. **14 de Maio**. Bahia: LzzMusic e Creative Mkt, 2019. Disponível: < <https://www.youtube.com/watch?v=XMi5rh0mpxQ> > <https://www.youtube.com/watch?v=XMi5rh0mpxQ> > acessado em 23 de junho de 2024.

QUIJANO, Aníbal. "Colonialidad y Modernidad-racionalidad". In: BONILLO, Heraclio (comp.). **Los conquistados**. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, pp. 437-449. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

REZENDE, Milka de Oliveira. "**O que é sororidade?**"; *Brasil Escola*. Disponível em: < <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/o-que-e-sociologia/o-que-e-sororidade.htm>. > Acesso em 21 de junho de 2024.

ROCHA, Simone. Educação eugênica na constituição brasileira de 1934. **X ANPED SUL**, Florianópolis, outubro de 2014. Disponível: < [Microsoft Word - 1305-1 \(udesc.br\)](#) > acessado em 11/11/2023.

_____. A educação como projeto de melhoramento racial: uma análise do art. 138 da constituição de 1934. ISSN 1982-7199 | DOI: <http://dx.doi.org/10.14244/198271992116> **Revista Eletrônica de Educação**, v. 12, n. 1, p. 61-73, jan./abr. 2018

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do ser negro: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros**. São Paulo: Educ/ Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SANTOS, Guilherme; SOARES, Paulo Renato. **Em 10 meses, Rio tem 6 crianças mortas por bala perdida e poucas respostas para as famílias**. RJ2. 2019.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. São Paulo: Tese de doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SECOM-SP. **Maioria das crianças e adolescentes em situação de rua mantém laços familiares**: Venda e mendicância são apontados como principais motivos para estar nas ruas. São Paulo: Secretaria de Comunicação de São Paulo, 2023. Disponível: < <https://www.capital.sp.gov.br/w/noticia/maioria-das-criancas-e-adolescentes-em-situacao-de-rua-mantem-lacos-familiares> > acessado em 26 de junho de 2024.

SILVA, Débora. **O que é Anacronismo, termo grego muito utilizado**. On-line: Estudo prático, 2017. Disponível: < [O que é Anacronismo, termo grego muito utilizado - Estudo Prático \(estudopratico.com.br\)](#) > acessado em 31/10/2023.

SILVA, Mirna. P. Marinho da. “**Minha avó foi pega no laço**”: a questão da mulher indígena a partir de um olhar feminista. In: II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2018, Goiânia. Anais do Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018. p. 752 - 763. Disponível: <<https://www.bing.com/ck/a?!&&p=9c048eb7b0ace5aeJmltdHM9MTY5ODcxMDQwMCZpZ3VpZD0wOTQ5ODg2Mi1iNTc5LTUyODUtMjI4NC05YmVjYjQ4MjY3NmUmaW5zaWQ9NTMyMA&ptn=3&ver=2&hsh=3&fclid=09498862-b579-6685-2284-9becb482676e&psq=%c3%a9ga+no+la%c3%a7o&u=a1aHR0cHM6Ly9hcnF1aXZvcy5zaXN0ZW1hcy51ZmcuYnIvYXJxdWl2b3MvMjAyMzE5MTAwMjE3ZTQyNTY5Mjk5ODMzZjVlNTgyODE0L01pcm5hX0FuYXF1aXJpXy1fTWluaGFfQXZfZm9pX3BIZ2Ffbm9fbGFvXy1fSUITSVBBQ1YtXzIwMTgucGRm&ntb=1>> acessado em 31/10/2023.

SIMPLICIO, Jairly Guimarães; GOMES, Ivan Felipe Fernandes. Representações populares brasileiras e Sul-Africanas: Centro-Periferia, Monte-Planície e Dança singular-plural-coletiva. edição de nº 46, de maio de 2023, da **Revista África e Africanidades** (ISSN 1983-2354) Disponível em: < <https://africaeaficanidades.com.br/documentos/ARTIGO130523.pdf> > acessado em 29/10/2023.

SOARES, Elza. **JUSTIÇA**. DECK. 2019.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983.

SOROCABA. **Da cor do pecado. Música**. Sony Music Entertainment, 2014. Disponível: < <https://www.letras.mus.br/fernando-sorocaba/1439184/> > acessado em 05/11/2023.

VELOSO, Caetano. **SAMPA**. Universal Music LTDA, Warner Chappell Music. 1978.

VICENTE, Eva Andrés. Verbete: Mito de Narciso. **Enciclopédia de Significados**. (online). Disponível: < <https://www.significados.com.br/mito-de-narciso/#:~:text=Segundo%20o%20mito%2C%20Narciso%20era,pelos%20outros%20podem%20ser%20prejudiciais.> > Acessado em 19 de junho de 2024.

YUKA, Marcelo; SEU, Jorge; CAPPELLETTI, Ulisses. **A carne**. Polygram. 1998.

XAVIER, Nilson. **Tele Dramaturgia**: Novela “Da cor do pecado”, 2015. Versão digital disponível: < <http://teledramaturgia.com.br/da-cor-do-pecado/> > acessado em 03/11/2023.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2016: Mortes Matadas por Armas de Fogo**. Rio de Janeiro, FLACSO/CEBELA, 2016.

WESTIN, Ricardo. **Há 170 anos, lei de terras oficializou opção do Brasil pelos latifúndios**. Senado federal, 2020. Disponível: < <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivos/ha-170-anos-lei-de-terras-desprezou-camponeses-e-oficializou-apoio-do-brasil-aos-latifundios#:~:text=Em%2018%20de%20setembro%20de,e%20nã%20em%20pequenas%20propriedades.>> acessado em 29/10/2023.

WIKIPÉDIA. **Mariele Franco**. 2024. Disponível: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Marielle_Franco > acessado em 29 de junho de 2024.

ZUBERI, Tukufu. Teoria Crítica da Raça e da Sociedade nos Estados Unidos. **Cadernos do CEAS**, no. 238, p. 464-487, Salvador, 2016